

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

UM ESTUDO DAS CAPAS DA REVISTA
***NOVA ESCOLA*: 1986-2004**

Autora: FERNANDA ROMANEZI DA SILVEIRA
Orientadora: NORMA SANDRA DE ALMEIDA FERREIRA

2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Um Estudo das Capas da Revista *Nova Escola*: 1986-2004

Autor: Fernanda Romanezi da Silveira
Orientadora: Norma Sandra de Almeida Ferreira

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por
Fernanda Romanezi da Silveira e aprovada pela Comissão Julgadora.

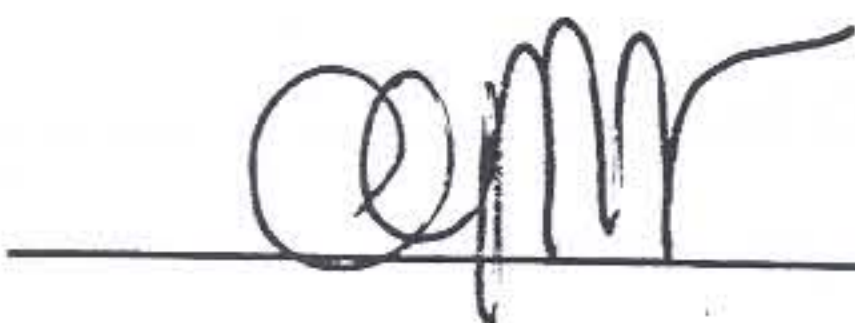
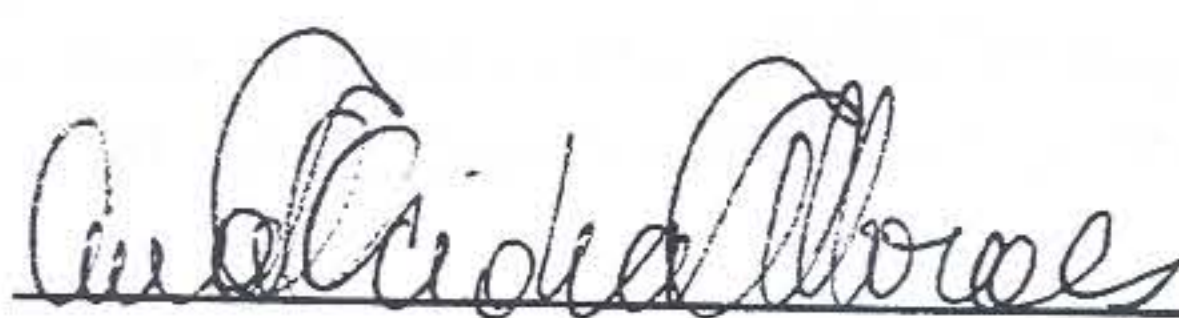
Data: 17/02/2006

Assinatura:.....



Dra. Norma Sandra de Almeida Ferreira

COMISSÃO JULGADORA:



**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Si39e	<p>Silveira, Fernanda Romanezi da Silveira</p> <p>Um estudo das capas da revista Nova Escola: 1986-2004 / Fernanda Romanezi da Silveira. -- Campinas, SP: [s.n.], 2006.</p> <p>Orientador: Norma Sandra de Almeida Ferreira.</p> <p>Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.</p> <p>1. Revista Nova Escola. 2. Revistas de educação. 3. Periódicos – Capas 4. Imagem. I. Ferreira, Norma Sandra de Almeida. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.</p> <p>06-033-BFE</p>
-------	--

Keywords: Revista Nova Escola; Education magazines; Magazine covers; Imaging

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Profa. Dra. Norma Sandra de Almeida Ferreira
Profa. Dra. Ana Alcídia de Araújo Moraes
Profa. Dra. Ana Lúcia Guedes-Pinto
Profa. Dra. Rosa Maria Hessel Silveira
Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado

Data da defesa: 17/02/2006

Aos meus pais, pelo apoio e incentivo durante toda minha trajetória acadêmica.

Ao Ronaldo, pelo amor e compreensão demonstrados a cada dia, em todos os momentos.

À memória do meu avô materno, Bruno, fonte de inspiração para minha empreitada pelos tortuosos caminhos do saber.

AGRADECIMENTOS

Pela iniciação na pesquisa: Profa. Elizabeth Mercuri.

Pela orientação, carinho e exemplo de profissional e ser humano: Profa. Norma Ferreira.

Pelas contribuições durante o Exame de Qualificação deste trabalho: Profa. Ana Alcídia Moraes e Profa. Ana Lúcia Guedes-Pinto.

Pela amizade e torcida: Cacilda, Daniela, Fernanda, Karol, Mari, Renata e Sônia.

Pela valiosa companhia e pela possibilidade de compartilhar idéias, angústias e expectativas: Maria das Dores.

Pelas leituras e trocas: colegas do Grupo ALLE.

RESUMO

A revista *Nova Escola* - publicação mensal da Fundação Victor Civita voltada à comunidade de professores do ensino fundamental - contempla diversos assuntos da área educacional, sob as mais variadas formas: artigos, ensaios, entrevistas com especialistas, relatos de experiências, idéias para sala de aula etc. Enquanto uma produção cultural, a revista dá materialidade, através de seu conteúdo, às idéias que seus produtores têm em relação a seus consumidores. Tendo em vista a importância das capas de revista para sua divulgação e consumo, este estudo busca estabelecer uma aproximação entre as capas dos exemplares publicados em 1986 - ano de sua primeira edição - até a última edição do ano de 2004, observando se há continuidade, rupturas e mudanças significativas ali estampadas: na linguagem das disposições tipográficas, na linguagem visual e na linguagem verbal das capas.

ABSTRACT

The Nova Escola magazine - monthly publication of Victor Civita Foundation directed to the teachers' community of fundamental education – brings many subjects of educational area, presented in different kinds of texts: articles, essays, interviews with specialists, stories of experiences, ideas for classroom work etc. As a cultural production, the magazine gives materiality, through its content to the ideas that its producers have in relation its consumers. Considering the importance of magazine's covers for its spreading and consumption, this study intends to establish an approach between the covers of the units published at 1986 - year of its first edition - until the last edition of 2004, observing if there are continuity, ruptures and significant changes printed there: in the language of the typographical arrangement, in the visual and verbal languages of the covers.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	1
1. UM GÊNERO NASCE: A REVISTA.....	5
1.1. Revistas: da publicação à segmentação.....	5
1.2. <i>Nova Escola</i> : entre o jornalístico e o pedagógico.....	8
2. CONHECENDO UM CAMPO DE ESTUDOS.....	19
2.1. Revista: fonte e objeto de pesquisas.....	19
2.2. Uma produção acadêmica sobre a <i>Nova Escola</i>	25
3. FORMAS E CORES: TRABALHANDO COM AS CAPAS.....	31
3.1. Convite ao leitor: a capa.....	31
3.2. Buscando caminhos para análise.....	34
3.3. A organização das capas em categorias.....	43
4. AS CAPAS DA NOVA ESCOLA: IMAGENS DA EDUCAÇÃO.....	77
4.1. Vendo/Lendo as capas.....	77
4.1.1. Uma nova formação para adaptar o ensino.....	85
4.1.2. Português: pesquisar, escrever, ler.....	93
4.1.3. Material didático quase de graça.....	99
4.1.4. Lição de casa para motivar a garotada.....	105
4.1.5. Alfabetização: Cartilha X Cardápios.....	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	123

ANEXO.....	129
-------------------	------------

APRESENTAÇÃO

Ao cursar a disciplina ‘Metodologia da Alfabetização’, no sexto semestre da minha graduação em Pedagogia, conheci a professora com a qual desenvolveria diferentes atividades de pesquisa, iniciando em 1998 uma parceria que se mantém até hoje: a professora doutora Norma Sandra de Almeida Ferreira.

Nessa disciplina meu grupo de trabalho foi solicitado a preparar um seminário sobre o livro ‘Alfabetização: quem tem medo de ensinar?’, de Lígia Klein. Fiquei responsável por estudar o segundo capítulo do livro, no qual a autora investiga o discurso construtivista da revista *Nova Escola* - discurso este veiculado através de depoimentos de professores e especialistas da área educacional.

Resolvi, então, consultar os exemplares desta publicação na Biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - local de minha graduação. Se o livro de Klein colocava em discussão a importância desse periódico na formação dos professores em exercício, por que não levar alguns exemplares para o nosso curso de formação de professores e apresentá-los à classe no dia do seminário?

O material suscitou uma série de discussões a respeito da revista, do construtivismo, das responsabilidades do professor em sala de aula, entrelaçando-se o que Klein apresentava em seu livro com as teorias vistas durante nossa formação acadêmica, em diferentes disciplinas.

Norma chamou-me a atenção para o material que tinha em mãos: O que esse periódico falava para o professor? Como dizia? Qual era o discurso instalado na *Nova Escola*? Depois disso, marcamos alguns encontros e me empenhei em conhecer melhor essa publicação.

O caminho foi longo. Tínhamos um material de pesquisa instigante que poderia contribuir com as reflexões que vêm sendo feitas no campo da educação, especialmente no que se refere à formação de professores em exercício. Não sabíamos ao certo, porém, qual seria nossa ‘pergunta’. Com o tempo, nos encontros, na maneira de pensar sobre o trabalho, conseguimos delimitar o objetivo da nossa pesquisa: identificar as representações de professor veiculadas pela *Nova Escola*.

Durante uma de nossas reuniões, percebemos que passávamos grande parte do tempo discutindo as imagens que ilustravam as capas da revista, esquecendo-nos, muitas vezes, do que ela trazia em seu interior. Naquele momento, optamos por explorar a imagem do professor presente nas capas da *Nova Escola*, buscando as intenções dos profissionais responsáveis por esta revista.

A partir daí, ‘nascia’ o projeto de Iniciação Científica intitulado: ‘Capas de Revistas e Leitores Imaginados: O Caso da Revista *Nova Escola*’, financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Segundo parecer do CNPq, o trabalho era original e trazia contribuições significativas para investigações que tematizam formação do professor, mídia e formas de leitura, “merecendo, sem dúvida, investimento posterior no nível de uma pós-graduação”. O resultado desta pesquisa foi apresentado no VIII Congresso Interno de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Campinas, em setembro de 2000, e no 13º Congresso de Leitura do Brasil, em julho de 2001.

Com base nos estudos realizados durante o desenvolvimento da iniciação científica, elaborei meu Trabalho de Conclusão de Curso: ‘Capas de revistas e professores imaginados: o caso da Revista *Nova Escola*’, também sob a orientação da professora Norma, obtendo assim o diploma de licenciatura em Pedagogia no ano de 2001.

Após um período de dedicação ao trabalho como assessora pedagógica em instituições de nível superior, retornei à Universidade, ingressando no programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação e retomando minha parceria com a professora Norma, com um projeto que se propõe a conhecer o ciclo de vida da revista *Nova Escola*, a partir de suas capas.

Assim, este trabalho se propõe a estabelecer uma aproximação entre as capas dos exemplares da revista *Nova Escola* - publicação mensal da Fundação Victor Civita que contempla diversos assuntos da área educacional, sob as mais variadas formas: artigos, ensaios, entrevistas com especialistas em educação do Brasil e do exterior, relatos de experiências, idéias para aulas, orientações para confecção de material pedagógico etc. - publicados em 1986 - ano de sua primeira edição - até a última edição do ano de 2004, na tentativa de identificar as continuidades, rupturas, mudanças significativas ali estampadas:

na linguagem das disposições tipográficas, na linguagem visual e na linguagem verbal das capas.

No primeiro capítulo, partimos de algumas discussões em torno do impresso 'revista' - breve histórico do seu surgimento, suas características, seus mecanismos para atender públicos cada vez mais diversificados - e nos voltamos para um gênero específico: as revistas pedagógicas ou educacionais. Dentre estas revistas, destacamos o lançamento da *Nova Escola*.

No segundo capítulo, buscamos estabelecer uma interlocução com autores que desenvolveram ou vêm desenvolvendo pesquisas com publicações periódicas, principalmente os que se voltam para o estudo da imprensa pedagógica. Apresentamos também, neste capítulo, um conjunto de trabalhos que tomam a *Nova Escola* enquanto objeto e/ou fonte de pesquisa, refletindo sobre diferentes aspectos possíveis de serem analisados na revista.

Com o objetivo de melhor compreendermos as linguagens presentes nas capas, no terceiro capítulo reunimos e organizamos um total de 162 exemplares da *Nova Escola* e realizamos uma primeira leitura desse material. Neste capítulo optamos por agrupar as capas em categorias, possibilitando assim uma apreensão dos temas presentes na revista durante o período estudado (1986-2004).

E, no quarto capítulo, selecionamos cinco capas da *Nova Escola* para análise - a primeira publicada em agosto de 1989, a segunda em setembro de 1993, a terceira em maio de 1996, a quarta em maio de 1999 e a quinta em março de 2004 - na tentativa de identificar se houve ou não mudanças na forma de apresentar determinados temas relativos à área educacional, realizando um estudo mais detalhado das linguagens verbal e visual dessas cinco capas.

1. UM GÊNERO NASCE: A REVISTA

1.1. Revistas: da publicação à segmentação

É difícil resistir ao espetáculo multicolorido de uma banca de revistas.

Editora Abril

Segundo informações do livro ‘A Revista no Brasil’, publicado no ano de 2000 pela Editora Abril, a primeira revista brasileira, intitulada *As Variedades ou Ensaio de Literatura*, foi lançada no mês de janeiro de 1812, na cidade de Salvador. Embora o termo ‘revista’ já existisse desde 1704 - ano de lançamento, em Londres, de *A Weekly Review of the Affairs of France*, de autoria de Daniel Defoe - *As Variedades* era vendida como ‘folheto’ por seu editor, o tipógrafo e livreiro português Manoel Antonio da Silva Serva. O termo ‘revista’ só veio a ser adotado em 1828, na cidade do Rio de Janeiro, com a publicação da *Revista Semanaria dos Trabalhos Legislativos da Camara dos Senhores Deputados*.

Há quem atribua o título de ‘primeira revista brasileira’ ao *Correio Braziliense* (1808-1822), editado em Londres pelo exilado gaúcho Hipólito José da Costa. No entanto, de caráter opinativo e analítico, com cerca de cem páginas, o *Correio*, - marco inaugural da imprensa brasileira - é mais conhecido como o ‘primeiro jornal brasileiro’.

O formato de *As Variedades* em nada lembrava o das atuais revistas: “um maço mal encadernado de folhas de papel, trinta páginas monotonamente recobertas de texto, sem uma ilustração que fosse” (Editora Abril, 2000, p. 16). Nas décadas seguintes, porém, as ilustrações e fotografias, aos poucos, foram dominando as páginas das publicações periódicas, e revistas como *As Variedades* foram desaparecendo.

No Dicionário de Comunicação (1978, p. 411), de autoria de Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Barbosa, encontramos uma definição detalhada para o termo ‘revista’:

Publicação periódica que trata de assuntos de interesse geral ou relacionados a uma determinada atividade ou ramo do conhecimento (literatura, ciência, comércio, política etc.). Produzida em forma de brochura, a revista apresenta-se geralmente em formato menor do que o jornal, maior número de páginas e capa colorida, em papel mais encorpado. Veículo impresso de comunicação e

propaganda, quase sempre ilustrado, que atinge a um público determinado de acordo com suas características específicas e sua linha editorial (...). Os gêneros mais comuns de revistas dirigidas ao grande público (ou a faixas determinadas desse grande público) são: as noticiosas, as de interesse geral, as masculinas, as femininas, de moda, de fotonovela, as infanto-juvenis, de histórias em quadrinhos (gibis), de esportes, de automobilismo etc.

Segundo Frade (1999b), essas publicações seguem as leis do mercado editorial: para permanecerem ‘vivas’, precisam vender e gerar lucros. Necessitam de “mecanismos de manutenção” de seus leitores/consumidores, de profissionais especializados - editores, jornalistas, ilustradores, colaboradores etc. - que se responsabilizem pelas diversas partes que constituem uma revista (capa, contracapa, editorial, reportagens, seções permanentes, fotos, ilustrações, gráficos etc.) e de um projeto editorial cuidadosamente pensado e produzido tendo em mente o leitor que se quer atingir.

A segmentação do mercado de revistas foi um desses “mecanismos de manutenção” encontrado por esses periódicos para atender públicos cada vez mais diversificados e estreitar os laços com seus leitores que ganharam títulos específicos: revistas de interesse geral, masculinas, femininas, infanto-juvenis, de moda, de decoração, de esportes, história em quadrinhos etc.

Mira (1997, p. 234), pesquisando as publicações da Editora Abril, afirma que segmentar é “identificar interesses e desejos do público leitor, é saber detectar as tendências de comportamento do mercado, para dar a ele revistas sempre mais atualizadas, afinadas com a realidade”. Nesse processo, “o leitor passa a ser visto como consumidor em potencial e o editor torna-se um especialista em grupos de consumidores” (Ibidem, p. 72).

Os tipos de segmentação mais comuns são os por gênero (masculino e feminino), por idade (infantil, adolescente, adulta) e por tema (artes, cultura, esportes etc.). Considera-se hoje, no Brasil, conforme dados levantados por Nascimento (2002, p. 19) no Instituto Verificador de Circulação - IVC, pelo menos vinte gêneros na classificação dos principais títulos em circulação:

interesse geral/informação/atualidades, interesse geral/ciência, interesse geral/leitura, interesse geral/negócios, interesse geral/turismo, feminina/comportamento/beleza, feminina/jovem, feminina/moda/trabalhos manuais, feminina/puericultura, feminina/culinária, feminina/saúde, masculina, esporte/automobilismo, arquitetura, decoração, astrologia, cinema/música/TV, construção, infanto-juvenil/games, informática/outros.

Dentre os tipos de revistas segmentadas por temas, destacamos as chamadas pedagógicas ou educacionais. A busca por respostas e soluções aos problemas enfrentados pelo sistema educacional brasileiro - problemas esses frequentemente associados à falta de preparo dos professores para trabalhar em sala de aula - abriu espaço para um vasto mercado de publicações destinadas a esses profissionais, que surgiram com o objetivo principal de auxiliá-los em sua prática.

A primeira revista deste segmento de que se tem notícia é *A Instrução Pública* (1872-1875), editada por J. C. de Alambary, considerado ‘o fundador da imprensa didática brasileira’.

Segundo Beurier (1889 apud Catani e Bastos, 2002, p. 06), o termo ‘imprensa didática’ ou ‘imprensa educacional’ designa:

o conjunto de revistas que, destinadas aos professores, visam principalmente guiar a prática cotidiana de seu ofício, oferecendo-lhes informações sobre o conteúdo e o espírito dos programas oficiais, a condução da classe e a didática da disciplina. Essa imprensa (...) representa o espaço onde se desdobra e o ponto no qual se concentra todo um conjunto de teorias e práticas educativas de origem tanto oficial quanto privada.

Martins (2001), ao realizar um estudo detalhado sobre a atividade da imprensa brasileira em São Paulo, na virada do século XIX para o XX, constatou que, no que se refere à trajetória dos periódicos pedagógicos, destacam-se três momentos: no primeiro, temos publicações de iniciativa particular, feitas por “idealistas da área”; no segundo, destacam-se aquelas produzidas pelas associações do setor educacional, subsidiadas pelo Estado; e no terceiro, predominam os periódicos de cunho empresarial.

Os periódicos educacionais apresentam algumas características que podem ser, também, observadas em periódicos de outros gêneros. Entretanto, Frade (op. cit.) ressalta que, nesse tipo de publicação, o enfoque não recai sobre as notícias, mas privilegiam-se conceitos, idéias e práticas.

Nesses suportes específicos, não há necessidade de se apresentarem notícias: esse gênero não constitui uma necessidade e/ou característica básica da produção. Tomar a Educação como objeto de discussão envolve a produção de artigos, ensaios, relatos e, eventualmente, notícias. As fontes podem ser as práticas, outros textos, o próprio autor, entre outros. (Ibidem, p. 110)

Ao privilegiar conceitos e idéias, o tempo de “elaboração/publicação/divulgação” desses periódicos se diferencia dos demais, fato este que faz com que eles não se desatualizem com tanta facilidade, uma vez que na área educacional muitos conceitos continuam a ser discutidos ano após ano. Assim, a maioria dessas publicações se torna fonte de consulta para professores, alunos e pesquisadores, sendo, geralmente, arquivadas em bibliotecas de escolas e universidades.

Também nas revistas educacionais, diferentemente das revistas de informação geral, é esperada uma tomada de posição por parte de seus editores no que se refere ao conteúdo veiculado. Frade (op. cit., p. 111) afirma que essa tomada de posição se faz perceber através da “visão articulada dos vários textos que compõem a *mise en discours* das revistas”, deixando transparecer “posições que se filiam mais claramente a determinadas tendências pedagógicas”.

Costa e Silveira (1998) destacam a importância dessas publicações endereçadas ao professor. Segundo as autoras, as revistas especializadas em educação fazem circular, de forma reduzida e simplificada, as novas tendências, pesquisas e descobertas da área. Essas informações são assim apresentadas visando atingir leitores menos familiarizados com a linguagem científica e/ou acadêmica. Dessa maneira, esses periódicos se aproximam de outros periódicos tidos como mais “populares”, que se propõem a “ensinar como fazer”, dando “dicas”, “sugestões”. Para Costa e Silveira (op. cit., p. 346), a razão do sucesso dessas revistas

está associada a certas inquietações do trabalho docente, que poderiam ser emblematicamente expressas na pergunta “O que eu posso fazer na minha sala de aula?” Uma linguagem mais próxima ao discurso do cotidiano escolar (ao invés do jargão acadêmico), o uso de mecanismos discursivos de envolvimento do leitor ou leitora, uma apresentação gráfica que inclui ilustrações e outros recursos além do texto escrito, e, enfim, a invocação da referência “caminho de atualização constante” delineiam um quadro característico desse tipo de publicação.

1.2. Nova Escola: entre o jornalístico e o pedagógico

Dentre as revistas cuja temática é a educação, destacamos a *Nova Escola*, publicação mensal da Fundação Victor Civita - entidade sem ‘fins lucrativos’, criada pelo fundador da Editora Abril - que contempla diversos assuntos da área educacional, sob as

mais variadas formas: artigos, ensaios, entrevistas com especialistas em educação do Brasil e do exterior, relatos de experiências, idéias para aulas, orientações para confecção de material pedagógico etc.

Lançada em março de 1986, *Nova Escola* é a principal iniciativa da Fundação Victor Civita na área educacional. A Fundação – criada em 1985 – tem como missão, segundo informações divulgadas no site da instituição¹, “contribuir para a melhoria da qualidade do Ensino Fundamental, prioritariamente das escolas públicas com menos recursos, investindo no professor brasileiro”.

Nova Escola mantém-se com receita publicitária, recursos da Fundação e uma parceria com o Ministério da Educação. Conforme o editorial de seu primeiro número (*Nova Escola*, 1986), a revista só pôde ser lançada graças ao apoio recebido de algumas empresas privadas e do Ministério da Educação, que assinou contrato com a Fundação, através do qual todas as 220.000 escolas públicas de 1º. Grau existentes no país nesse período passaram a receber, mensalmente, um exemplar da revista.

Costa e Silveira (1998, p. 346) afirmam que *Nova Escola* é “o mais conhecido periódico dirigido a um segmento ocupacional específico”. Segundo as autoras, tal “capacidade de inserção e aceitação” da revista deve-se, em parte, a sua forma inicial de distribuição e divulgação.

Durante os primeiros cinco anos de sua criação, um convênio entre a Fundação Victor Civita e o Ministério da Educação (FAE) sustentava um contrato de assinatura de 300.000 exemplares, arcando com cerca de 70% de seu custo, para que ela fosse repassada gratuitamente às escolas públicas de todo o território nacional. Grande parte da distribuição do periódico ocorria através deste convênio e o restante via bancas de revistas e assinaturas.

A partir de 1991, durante o governo Collor, o subsídio financeiro estatal foi retirado, dificultando a aquisição da Revista pelas escolas. A partir de fins de 1992, FAE e Fundação Victor Civita voltaram a assinar um acordo, agora restrito ao envio de apenas um exemplar de *Nova Escola* às escolas urbanas. Graças ao impacto editorial dos anos anteriores – sustentado por sua forma de distribuição inicial – e às suas ligações com a Editora Abril, cujos produtos editoriais gozam de eficiente sistema de colocação junto a leitores e leitoras em potencial, a Revista vem garantindo sua fatia no mercado através da venda de seus exemplares em bancas e por meio de assinaturas. (Ibidem, p. 347)

Antes do lançamento de *Nova Escola*, o Grupo Abril já tinha uma experiência no setor educacional, desenvolvida a partir de 1969 na Divisão de Educação da Editora. Dentre

¹ <http://www.abril.com.br/institucional/50anos/educacao.html>

outras coisas, essa Divisão foi responsável pela produção de parte do material didático usado pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) e, em fevereiro de 1972, pelo lançamento da revista *Escola*.

Rosenberg et al. (1979), no artigo ‘Publicações para o professor: Um estudo de caso’, afirmam que na década de 70 as revistas destinadas aos professores tinham tiragem pequena, vida curta e irregular devido a sua baixa aceitação pelo que seria seu público-alvo. Provavelmente, pela inadequação desses veículos para o fim proposto.

Essa inadequação estaria vinculada tanto aos conteúdos desenvolvidos nas revistas, e que seriam de pouco interesse para a prática diária do professor, quanto à forma árida e sofisticada com que esses conteúdos são apresentados, desestimulando sua leitura por pessoas que consomem grande parte de sua energia e disposição intelectual em salas de aula, acumulando mais tempo de serviço do que seria possível. (Ibidem, p. 58)

Nesse universo, *Escola* - periódico analisado por Rosenberg et al. (op. cit.) - representava uma exceção. Ao contrário da maioria das revistas educacionais da década de 70, *Escola* prendia-se ao nível instrumental, dando grande ênfase à prática do professor em sala de aula e abordando assuntos ligados à profissão docente. Ainda assim, a revista circulou apenas durante alguns anos, de 1972 a 1974.

Rosenberg et al. (op. cit.) apontam algumas possíveis causas para a curta duração desse periódico. O departamento de assinaturas da revista era desestruturado e sem condições de atender a todos os leitores/consumidores. Os serviços de correio da época eram desorganizados, o que acabou por dificultar ainda mais a venda da revista por meio de assinaturas. Com poucas vendas de assinaturas, a revista teve que ir para as bancas competir com outras publicações. Para tanto, teve que ser reestruturada graficamente, de forma bastante dispendiosa. *Escola* não contava com subsídios de órgãos estatais e, durante um curto período, foram vendidos blocos de assinaturas da revista a órgãos do governo, com desconto especial, para que estes a revendessem aos professores, mas a idéia fracassou. Também houve pouco interesse por parte dos anunciantes, além do número de inserções de anúncios ser limitado, pois os responsáveis pela revista não queriam caracterizá-la como veículo de propaganda da empresa.

Certamente, muitos destes ‘erros’ cometidos com *Escola* não foram repetidos com *Nova Escola*, pois esta já circula no mercado há quase duas décadas, diferentemente de *Escola*, que teve ‘vida curta’ de apenas três anos.

Algumas semelhanças são encontradas entre as duas publicações do Grupo Abril - *Escola* e *Nova Escola*. A revista *Escola* era uma publicação mensal voltada para o professor do 1º. Grau atuante em sala de aula. Assim como *Nova Escola*, publicação mensal voltada para professores do ensino fundamental, cuja ênfase de seu conteúdo é na prática pedagógica. Ambas surgiram com as mesmas propostas: “melhorar a educação no Brasil”.

Por essas semelhanças, *Nova Escola* parece ser uma retomada do antigo projeto da revista *Escola*. É interessante notar que, desde 2003, os editoriais da *Nova Escola* apresentam o conteúdo da revista a seus leitores referindo-se a si própria como *Escola*, e não mais como *Nova Escola*. O mesmo ocorre no site de publicidade da marca Abril² - que contém informações gerais e técnicas de todos os títulos do grupo para empresas interessadas em anunciar nas páginas de suas publicações:

A Fundação Victor Civita mantém um dos melhores e mais arrojados projetos educacionais do Brasil: ESCOLA, é o maior canal de comunicação com o professor brasileiro de Educação Infantil e Ensino Fundamental. (grifo nosso)

Segundo informações desse site, *Nova Escola* teve uma tiragem³ no mês de dezembro de 2004 de 505.283 mil exemplares, dos quais 403.504 foram vendidos por meio de assinaturas, 102.137 pelas bancas de revista do país e 12 foram encaminhados para o exterior. Desses 505.283 mil exemplares, 153.753 foram distribuídos gratuitamente em escolas públicas, devido a uma parceria com o Ministério da Educação (MEC) e Secretarias de Educação.

Nova Escola tem a segunda maior tiragem de revistas do país, perdendo apenas para outra publicação do Grupo Abril, a revista *Veja*, conforme mostrado na tabela abaixo:

Tabela Geral de Circulação ⁴ – Grupo Abril					
Revista	ASSINATURAS	AVULSAS	TOTAL	EXTERIOR	MÊS
Ana Maria	0.750	109.110	109.860	-	mar/05
Arquitetura & Construção	55.980	61.370	117.350	23	mar/05

² <http://publicidade.abril.com.br>

³ Total de exemplares (impressos de uma só vez) de uma publicação.

⁴ Total dos exemplares efetivamente distribuídos de cada edição dos periódicos.

Boa Forma	99.920	93.800	193.720	39	mar/05
Bons Fluidos	38.630	39.340	77.980	8	mar/05
Capricho	43.590	66.970	110.560	7	mar/05
Casa Claudia	75.200	77.300	152.510	16	mar/05
Claudia	298.570	89.180	387.750	65	mar/05
Claudia Cozinha	24.522	29.951	54.889	6	jan/05
Contigo	52.580	73.660	126.240	9	mar/05
Elle	16.050	35.700	51.750	-	mar/05
Escola⁵	403.504	102.137	505.283	12	dez/04
Estilo	37.380	55.120	92.500	15	mar/05
Exame	133.310	26.250	159.560	99	mar/05
Faça e Venda	38.980	13.630	52.600	-	mar/05
História	35.870	18.720	54.590	-	mar/05
Info Exame	94.260	33.500	127.760	12	mar/05
Manequim	130.760	91.190	221.940	19	mar/05
Minha Novela	-	73.710	73.710	-	mar/05
Mundo Estranho	28.740	14.870	43.610	1	mar/05
National Geographic Brasil	40.300	13.930	54.230	7	mar/05
Nova	118.810	94.470	213.280	-	mar/05
Placar	20.190	17.580	37.770	1	mar/05
Playboy	98.640	134.530	233.160	58	mar/05
Quatro Rodas	82.110	60.920	143.030	31	mar/05
Recreio	18.000	30.000	48.000	-	fev/05
Religiões	15.130	15.990	31.120	-	mar/05
Saúde	108.950	45.220	154.170	16	mar/05

⁵ Conforme mencionado anteriormente, a revista *Nova Escola* é apresentada apenas como *Escola* no site de publicidade do Grupo Abril.

Superinteressante	254.170	98.210	352.370	24	mar/05
Tititi	-	90.200	90.200	-	mar/05
Veja	933.660	176.000	1109.660	5.565	mar/05
Viagem e Turismo	46.520	27.640	74.160	17	mar/05
Vida Simples	12.580	24.840	37.430	2	mar/05
Vip	31.270	31.280	62.550	16	mar/05
Viva Mais	-	175.370	175.370	-	mar/05
Você S/A	123.890	34.270	158.160	19	mar/05
WITCH	21.240	45.630	66.870	-	mar/05
Veja São Paulo	260.474	70.203	330.677	-	mar/05
Veja Rio	83.298	22.770	106.068	-	mar/05
Bravo!	6.016	11.533	17.560	-	mar/05

Fonte: http://publicidade.abril.com.br/geral_circulacao_revista.php. Acesso em: jun/2005

A revista atinge uma quantidade significativa de professores que lecionam no ensino básico - 80% deles, totalizando um número de, aproximadamente, 1,2 milhão de professores. Do total de exemplares distribuídos, 5% se concentram no Norte e 31% no Nordeste do país, 7% na região Centro-Oeste, 44% na região Sudeste e 13% na região Sul.

Em sua primeira edição, o então editor de *Nova Escola*, Victor Civita (*Nova Escola*, n. 1, 1986, p. 5), apresenta o periódico aos seus leitores:

Prezada Professora,
 É com alegria e uma certa dose de orgulho que lhe entregamos o número 1 da NOVA ESCOLA - resultado de um velho sonho e de um longo trabalho de uma equipe de experimentados jornalistas e profissionais da Educação.
 Esperamos que a revista – que não é nem deseja ser uma publicação pedagógica – cumpra os objetivos que inspiraram sua criação (...). (grifo nosso)

Pelas palavras de seu editor, *Nova Escola* não é uma publicação pedagógica e sim jornalística. É uma revista feita por jornalistas - ainda que conte com a participação de profissionais da educação - para ser lida por professores. Segundo Vieira (1998, p. 138), isso significa que os assuntos abordados na *Nova Escola*, mais especificamente as matérias e entrevistas com professores, “aparecerão sempre editados segundo critérios jornalísticos, tais como a hierarquização dentro de um assunto, a pluralidade de opiniões”.

Ana Lagôa (1998b), jornalista que atuou durante um período como editora da *Nova Escola*, afirma que essa nova forma de tratar a educação, sob o olhar do jornalismo, ficou conhecida como ‘Jornalismo Educativo’. Apesar dos problemas da área educacional permanecerem os mesmos (analfabetismo, má formação do professor, falta de infraestrutura nas escolas etc.), a parceria jornalismo-educação mudou a maneira de abordá-los.

Conforme Ana Lagôa (op. cit., p. 33), os jornalistas que participavam da equipe dessa revista atuavam como interlocutores,

apontando, explicando, denunciando, elogiando às vezes esta ou aquela medida, colhendo aqui e ali a fala do professor e do aluno, quando precisávamos de referendo para um encadeamento de idéias que seguiam um esquema preestabelecido – o esquema desenhado pelo senso comum.

Para Frade (1999b), o fato de jornalistas estarem escrevendo para professores pode ser uma das maneiras encontradas pela mídia impressa de tentar evitar o “pedagogês” utilizado no campo da Educação. Essa concepção se manifesta na *Nova Escola* pois, ao contrário de outras revistas educacionais que apresentam uma maior densidade textual, impossibilitando uma ‘leitura rápida’ como as pretendidas nas revistas de informação geral, *Nova Escola* é mais parecida com as revistas noticiosas (do ponto de vista gráfico e de gênero) do que com suas similares.

Entretanto, o conteúdo veiculado pela revista evidencia o caráter pedagógico da publicação, negado por seu editor. Como afirma Vieira (op. cit., p. 140), *Nova Escola* pode ser definida como uma publicação pedagógica, “uma vez que ela tem como principal propósito a melhoria da formação do professor e, conseqüentemente, a melhoria do ensino”.

Retomando as palavras da carta de apresentação de *Nova Escola* (n. 1, 1986, p. 5), o editor esclarece os objetivos da revista e a quem a publicação se destina:

Prezada Professora, (...)

Esperamos que a revista (...) cumpra os objetivos que inspiraram sua criação: fornecer à professora informações necessárias a um melhor desempenho do seu trabalho; valorizá-la; resgatar seu prestígio e liderança junto à comunidade; integrá-la ao processo de mudança que ora se verifica no país; e proporcionar uma troca de experiências e conhecimentos entre todas as professoras brasileiras de 1º. Grau.

(...) Desejamos que esta nossa revista se transforme num elemento de leitura agradável e instrutiva para o professor de primeiro grau, para o estudante de Pedagogia, de Letras, do Normal e para todos aqueles que, de uma forma ou de outra estão envolvidos com o processo de educação no país. (grifo nosso)

Evidencia-se que o leitor de *Nova Escola* é a mulher, já que ele se refere à “professora”, às “professoras brasileiras”, ao “estudante de Pedagogia, de Letras, do Normal” - cursos que têm, em sua grande maioria, estudantes mulheres. Essa referência à mulher-professora se justifica pelo perfil dos leitores da revista, conforme pesquisas divulgadas no site de publicidade da Editora Abril:

Tabela Geral de perfil dos leitores Abril										
	SEXO		CLASSE SOCIAL			IDADE (em anos)				
Revista	M	F	A	B	C	10 a 19	20 a 24	25 a 39	40 a 49	+ de 50
Ana Maria	12	88	11	37	35	16	15	35	15	19
Arquitetura & Construção	45	55	37	40	16	11	12	39	25	13
Boa Forma	21	79	21	45	26	20	21	36	15	8
Bons Fluidos	16	84	32	57	8	13	11	30	23	23
Capricho	16	84	16	41	30	57	13	18	7	5
Casa Claudia	17	83	29	45	20	13	11	34	26	17
Claudia	15	85	22	44	26	17	12	33	19	18
Claudia Bebe	13	87	19	44	27	15	13	38	16	18
Claudia Cozinha	13	87	14	46	25	9	7	37	23	24
Contigo	24	76	15	40	32	27	16	31	14	12
Elle	24	76	33	46	14	27	15	34	12	12
Escola ⁶	29	71	14	41	31	30	11	30	17	12
Estilo	30	70	21	35	28	29	19	31	8	13
Exame	59	41	32	48	18	12	22	38	17	11
História	42	58	18	50	21	23	13	32	23	8

⁶ Conforme mencionado anteriormente, a revista *Nova Escola* é apresentada apenas como *Escola* no site de publicidade do Grupo Abril.

Info Exame	74	26	26	52	18	17	27	42	10	5
Manequim	7	93	15	43	31	16	10	34	18	22
Minha Novela	13	87	9	38	35	37	16	29	11	7
Mundo Estranho	66	34	24	57	13	50	16	18	12	3
National Geographic Brasil	60	40	36	48	14	22	12	31	19	16
Nova	17	83	22	50	23	17	20	36	17	10
Placar	92	8	11	39	34	38	22	28	7	5
Playboy	83	17	16	38	32	25	20	34	13	7
Quatro Rodas	85	15	24	49	22	29	19	32	12	8
Recreio	54	46	11	41	33	75	7	11	5	2
Religiões	44	56	8	41	36	7	22	33	26	13
Saúde	30	70	18	42	25	16	13	29	21	21
Superinteressante	57	43	30	50	17	30	20	32	11	8
Tititi	16	84	10	37	35	43	14	23	10	9
Veja	48	52	27	43	21	22	15	31	15	18
Viagem e Turismo	40	60	32	42	18	23	20	32	12	12
Vip	75	25	33	39	21	29	27	35	7	2
Viva Mais	15	85	8	35	42	29	17	35	12	8
Você S/A	51	49	33	50	14	12	26	47	8	7
Veja São Paulo	50	50	34	47	15	18	13	32	14	22
Veja Rio	42	58	33	41	20	18	15	27	19	21
Witch	15	85	21	54	18	81	2	7	9	1

Fonte: http://publicidade.abril.com.br/geral_perfil_leitor.php. Acesso em: jun/2005.

Os números mostrados na tabela acima comprovam que o público feminino de *Nova Escola* é muito superior ao público masculino. Nesse sentido, a revista chega a superar outra publicação do Grupo Abril, voltada especificamente para as mulheres - a revista *Estilo*, que divulga dicas de consumo sobre moda, beleza e entretenimento.

Pode-se ler, também, nas palavras de Victor Civita, que a revista *Nova Escola* tem a intenção explícita de informar e atualizar o professor, de maneira agradável. Também pressupõe-se uma leitora inicialmente desinformada e desatualizada, já que a revista deseja “informá-la, atualizá-la, e integrá-la às mudanças que estão ocorrendo no país”. Há ainda, uma preocupação com a imagem deste professor, uma vez que a revista pretende “valorizar e resgatar” o seu prestígio.

2. CONHECENDO UM CAMPO DE ESTUDOS

2.1. Revista: fonte e objeto de pesquisas

Em prefácio do livro de Tânia De Luca (1999, p. 11), Anna Corrêa afirma que as publicações sequenciais, por suas especificidades, “podem proporcionar ao estudioso as possibilidades de vislumbrar quais seriam os temas de interesse na época, a maneira como foram abordados, quem eram seus autores e quem eram seus leitores.”

A afirmação da autora vai ao encontro de uma corrente histórica cujo maior representante é o historiador e pesquisador Roger Chartier: a História Cultural. É através dos estudos das práticas de produção, de circulação e de consumo dos materiais impressos que os trabalhos desenvolvidos nesta perspectiva buscam “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16).

Assim, os periódicos impressos podem oferecer aos pesquisadores um entendimento de aspectos diversos referentes a uma comunidade em um determinado período, a partir da identificação de desafios a serem enfrentados em diversos campos do conhecimento.

O estudo de publicações periódicas vem despertando cada vez mais o interesse de pesquisadores das diferentes áreas do conhecimento - ciências sociais, história, letras e lingüística, educação etc. O que diferencia estes trabalhos é a maneira de ‘olhar’ para o objeto.

Nas pesquisas realizadas no âmbito das Ciências Sociais, a revista é compreendida enquanto produto cultural. Na tese defendida por Mira (1997), por exemplo, a autora analisa diferentes modelos de revistas, investigando a relação entre consumo e a construção de identidades sociais. No campo da História, a revista é estudada como fonte histórica, uma produção intelectual de determinado período, representativa de uma época, refletindo valores e costumes. Martins (2001) ilustra este campo ao realizar um trabalho de classificação das revistas publicadas durante a Velha República (1890-1922), na cidade de São Paulo, discutindo a Imprensa e recuperando as práticas culturais desse período e os novos hábitos criados com a leitura de periódicos.

Na área de Letras e Linguística, há um grande número de trabalhos que discutem a prática da leitura e a figura do leitor na mídia impressa, bem como o discurso jornalístico e a produção de efeitos de sentido. Nesta perspectiva, o estudo desenvolvido por Barzotto (1998) com a revista *Realidade* busca compreender os processos de produção de sentido, considerando-se três elementos distintos: a revista enquanto suporte de textos, os textos veiculados por essa revista e os sentidos construídos no ato da leitura.

Na Educação, pode-se identificar uma predominância de pesquisas que buscam nas revistas a posição destas a respeito de temas específicos da área, tais como alfabetização, formação docente, práticas de ensino etc., e de estudos que investigam as representações sobre o professor, o aluno, o espaço de sala de aula, dentre outros. É o caso dos trabalhos de Vieira (1995, 1998) e Costa e Silveira (1998), que apresentaremos posteriormente.

No campo da História da Educação, as pesquisas avolumaram-se e diversificaram-se influenciadas, em grande parte, pelos trabalhos desenvolvidos no âmbito da História Cultural. Lopes e Galvão (2001) afirmam que, nas últimas duas décadas, os estudos e pesquisas da área vêm passando por significativas mudanças, tanto na seleção das fontes e dos objetos de pesquisa, quanto na forma de abordar esses objetos. Também, o interesse dos pesquisadores por diferentes temas educacionais - cultura escolar, organização e funcionamento do ensino, currículo e disciplinas, agentes educacionais (professores, diretores, alunos), livros didáticos etc. - e, ao mesmo tempo, por novas perspectivas de análise para temas que já vinham sendo investigados, reflete as mudanças neste campo.

(...) atualmente se renovou e se dá ênfase nas regulamentações, dos Estados ou da Igreja, que definiram os currículos escolares, nas formas pedagógicas que se apóiam nos textos que enunciam a norma didática e em uma leitura escolar específica, distinta da que havia tradicionalmente nas escolas elementares da primeira era moderna, quando se utilizava para a aprendizagem um livro de preces ou um caderno solto. (CHARTIER, 2001, p. 74)

Em um movimento crescente e significativamente valorizado, os pesquisadores voltam-se principalmente para as práticas, os usos e apropriações dos diferentes objetos educacionais, inclusive pela produção dos materiais de leitura. Conforme Lopes e Galvão (op. cit., p. 56),

no campo da educação, particularmente, tem crescido o interesse dos historiadores (...) em analisar a produção (assim como a circulação e as formas de

apropriação) de livros escolares, paradidáticos, de coleções dirigidas a professores e da imprensa pedagógica periódica, em diferentes momentos.

O conjunto de materiais da educação passa a ser utilizado não apenas como fonte, mas como objeto de pesquisa. Segundo Lopes e Galvão (op. cit., p. 82):

A imprensa pedagógica, o livro escolar, o caderno do aluno (...) não servem apenas para nos fazer aproximar de um aspecto da realidade que estamos investigando, mas eles próprios – suas condições de produção (e de circulação), seus usos, as transformações por que passaram ao longo do tempo – passam a interessar, pois dizem também sobre um passado educacional.

Nota-se, deste modo, um alargamento na diversidade de produtos culturais possíveis de serem investigados, uma mudança no tratamento metodológico dado a eles, como ainda uma legitimidade de determinados materiais em relação a outros. Os jornais e as revistas, diferentemente dos diários de classe ou cadernos de aluno, por exemplo, são utilizados há mais tempo como objeto de estudo, e desfrutam de um certo prestígio nas pesquisas historiográficas. As autoras afirmam que os estudiosos da educação têm se voltado para esses tipos de impressos, principalmente os que circulavam e/ou circulam junto ao público escolar, como a imprensa pedagógica.

Por um lado, por meio dos textos impressos fixam-se e transmitem as normas pedagógicas, e por outro, os manuais escolares e os textos manuscritos produzidos pelos estudantes ou alunos vinculam a fixação impressa da norma pedagógica a sua própria produção. Isto nos permite entrar no mais complexo, que é a relação ou a distância entre a prática pedagógica e todos os textos que tentam selecionar, limitar ou definir tais normas. (CHARTIER, 2001, p. 74)

No que se refere aos estudos das revistas pedagógicas ou educacionais, Catani e Bastos (2002, p. 07) afirmam que essas publicações oferecem uma “dupla alternativa” aos estudos histórico-educacionais, pois podem ser tomadas

(...) como fontes ou núcleos informativos para a compreensão de discursos, relações e práticas que as ultrapassam e as modelam ou ao serem investigadas, de um ponto de vista mais interno, se assim se pode dizer, quando então configuram-se aos analistas como objetos que explicitam em si modalidades de funcionamento do campo educacional.

Bastos (2002b, p. 73), ao estudar a *Revista do Ensino do Rio Grande do Sul* - publicada de 1951 a 1992 - e sua relação com a atualização dos professores, afirma que a imprensa pedagógica é um lugar privilegiado para a compreensão dos discursos sobre a docência, pois a “preocupação combinada de selecionar os professores e de (in)formá-los

segundo um certo modelo de ‘bom’ professor vem se constituindo historicamente e convergindo para o delineamento da representação da docência”.

A equipe responsável pela produção do periódico estudado pela autora defendia a tese de que esse tipo de publicação seria a resposta para os diferentes problemas enfrentados pelos professores, desde a formação até o exercício do magistério, tais como

(...) a insuficiência do curso de formação de professores para embasar de conhecimentos o professor; a dificuldade do professor em frequentar cursos de especialização; o custo elevado dos livros, bem como a dificuldade de tradução de livros estrangeiros; a superação em curto prazo do livro didático pela descoberta de novas técnicas de ensino; a carência de ofertas de cursos de atualização para o professor. (Ibidem, p. 47)

Os responsáveis por essa revista - *Revista do Ensino do Rio Grande do Sul* - justificam sua tese, apontando as inúmeras qualidades dessa publicação: aborda grande variedade de assuntos; apresenta sugestões de atividades; disponibiliza material didático para seus leitores; traz informações sobre cursos de atualização; facilita a leitura e a compreensão dos conteúdos, apresentando textos elaborados de forma clara e com diversas ilustrações e, além disso, teria um preço acessível, dentro das possibilidades econômicas dos professores.

Para Bastos (2002a, p. 173), a imprensa educacional como um todo, ou determinados impressos, constituem-se em

(...) um guia prático do cotidiano educacional, permitindo ao pesquisador estudar o pensamento pedagógico de um determinado setor ou grupo social, a partir da análise do discurso veiculado e a ressonância dos temas debatidos (...). Prescrevendo determinadas práticas, valores e normas de conduta, construindo e elaborando representações do social, a imprensa pedagógica afigura-se como fonte privilegiada de estudo: jornais, boletins, revistas, magazines; feita por professores para professores, feita para alunos por seus pares ou professores, feita pelo Estado ou outras instituições como sindicatos, partido, associações e Igreja.

O Banco de Dissertações e Teses da ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - oferece um panorama geral para o conhecimento do quanto o olhar dos pesquisadores tem, nestes últimos trinta anos, se voltado para os estudos de revistas pedagógicas.

Ao pesquisarmos os trabalhos produzidos na década de 70 - informações estas disponíveis no site da associação⁷ - encontramos 2 dissertações cuja fonte/objeto de pesquisa são periódicos educacionais. O estudo realizado por Ramalho, em 1975, sobre as práticas educativas dos colégios protestantes no Brasil no período de 1870 a 1940, trabalha com as revistas educacionais da época enquanto fonte documental. Já o trabalho de Brum, desenvolvido em 1977, toma as revistas enquanto objeto de pesquisa, pois consiste numa avaliação das revistas do Departamento de Educação Fundamental da Secretaria do Rio Grande do Sul.

No Banco de Dissertações e Teses da ANPED lançado em 1997, em formato de CD-ROM, estão disponibilizados os resumos dos trabalhos produzidos na década de 80 até meados dos anos 90 (1996). Nesse Banco, foram encontrados 54 estudos sobre revistas, sendo 22 deles sobre revistas pedagógicas.

Frade (1999a, p. 170), ao fazer uso desse banco de dados em sua pesquisa, constata que a maioria dos estudos sobre revistas educacionais “concentra-se em revistas de iniciativa oficial (associações de professores, órgãos oficiais) e poucos (...) são apresentados do ponto de vista da produção contemporânea de revistas e de sua produção pela iniciativa privada”. A autora afirma que a tendência é de tomá-las enquanto fonte para compreensão do campo educacional, e não enquanto objeto de pesquisa.

O CD-ROM da ANPED de 1999, além de apresentar os trabalhos das décadas anteriores, avança até o ano de 1998. Foram encontrados, nos anos de 1997 e 1998, 14 trabalhos sobre revistas, sendo 7 sobre revistas educacionais. O trabalho de Lagôa (1998a) é o único que aborda uma revista pedagógica comercial, a *Nova Escola*.

Nota-se, ao longo dos anos, um crescente interesse por pesquisas com revistas e, em especial, com as pedagógicas. Entretanto, ainda é pequeno o número de trabalhos que têm se voltado para o estudo de revistas pedagógicas comerciais.

Como o objetivo desse trabalho não é vasculhar toda a produção acadêmica existente sobre revistas, não pesquisamos outras fontes ou bancos de dados para verificar o que foi produzido sobre o tema a partir de 1998. Limitamo-nos às informações da ANPED,

⁷ <http://www.anped.org.br>

por considerá-las significativas e representativas do tipo de trabalho que vem sendo desenvolvido com as publicações periódicas no Brasil, na área educacional.

As pesquisas desenvolvidas por António Nóvoa, em Portugal, e por Pierre Caspard, na França, também têm privilegiado a investigação da imprensa periódica educacional. Os pesquisadores realizaram o levantamento, a organização e a categorização das revistas educacionais produzidas em seus respectivos países.

António Nóvoa (2002) criou um repertório analítico das publicações periódicas portuguesas da área educacional, referente aos séculos XIX e XX. Para o pesquisador, a função desempenhada pela imprensa na configuração do campo educacional, na afirmação de uma categoria profissional (professor), no debate de idéias pedagógicas ou no desenvolvimento de práticas educativas, concede-lhe um estatuto muito especial enquanto fonte documental, ou mesmo objeto de estudo autônomo.

Segundo Nóvoa (op. cit., p. 11):

A análise da imprensa permite apreender discursos que articulam práticas e teorias, que se situam no nível *macro* do sistema mas também no plano *micro* da experiência concreta, que exprimem desejos de futuro ao mesmo tempo que denunciam situações do presente. Trata-se, por isso, de um *corpus* essencial para a história da educação, mas também para a criação de uma outra cultura pedagógica.

O pesquisador apresenta três razões que o levaram ao desenvolvimento do seu projeto com a imprensa educacional. Em primeiro lugar, Nóvoa (op. cit., p. 12) afirma que “a imprensa é o melhor meio para apreender a multiplicidade do campo educativo”. Em segundo lugar, o autor destaca a importância do tipo de informação fornecida pela imprensa. Para Nóvoa (op. cit., p. 13):

A imprensa é, talvez, o melhor meio para compreender as dificuldades de articulação entre a teoria e a prática: o senso comum que perpassa as páginas dos jornais e das revistas ilustra uma das qualidades principais de um discurso educativo que se constrói a partir dos diversos atores em presença (professores, alunos, pais, associações, instituições, etc.).

E, em terceiro lugar, ele ressalta o papel da imprensa enquanto lugar de regulação coletiva.

(...) a feitura de um periódico apela sempre a debates e discussões, a polémicas e conflitos; mesmo quando é fruto de uma vontade individual, a controvérsia não

deixa de estar presente, no diálogo com os leitores, nas reivindicações junto dos poderes públicos ou nos editoriais de abertura. (Ibidem, p. 13)

O autor destaca também a diversidade de colaboradores nos periódicos educacionais - professores, intelectuais de diferentes áreas, profissionais com as mais diversas formações, pais e alunos etc. - o que reforça a importância dessas publicações enquanto espaço de afirmação do pensamento educacional.

Pierre Caspard (2002) considera a imprensa pedagógica um meio indispensável para o conhecimento do sistema de ensino, suas teorias e práticas educacionais. Para ele, a leitura da imprensa pedagógica possibilita o conhecimento acerca do que realmente se passa dentro das escolas, pois ao transformar as normas oficiais em orientações para a prática docente, a imprensa demonstra a “adesão dos professores aos valores propostos pelo Estado, tanto quanto em sentido inverso do grau de conformidade dos textos oficiais às aspirações e à ideologia próprias do corpo docente” (CASPARD apud CATANI, 2002, p. 79).

Os estudos elencados revelam que a análise de tais fontes em muito pode contribuir para o conhecimento das questões que perpassam o campo educacional, em suas diferentes nuances e complexidades. Como afirma Nóvoa (op. cit., p. 30), “é difícil encontrar um outro corpus documental que traduza com tanta riqueza os debates, os anseios, as desilusões e as utopias que têm marcado o projeto educativo”, em diferentes tempos e lugares.

2.2. Uma produção acadêmica sobre a *Nova Escola*

A *Nova Escola* tem sido fonte e objeto de diversas investigações, talvez, pelo fato de ser um periódico de grande circulação e o mais conhecido da área educacional.

Inicialmente, três autoras podem ser aproximadas pela escolha do tema que desenvolveram em seus trabalhos: Klein (1996), Vieira (1995) e Marzola (2000). Em seus respectivos estudos, evidencia-se a constituição de um discurso sobre o construtivismo, sua divulgação pela revista e possíveis aproximações/identificações por parte dos seus leitores.

As autoras optam pela reflexão sobre uma teoria que chega ao Brasil nos anos 80, causando grande impacto, e que passa a fazer parte do campo educacional, dos cursos de

formação de professores - iniciais ou continuados - dos programas oficiais e também da mídia endereçada aos educadores.

Em um dos capítulos do livro *Alfabetização: quem tem medo de ensinar?*, Lúcia Klein (op. cit.) destaca a presença do discurso construtivista na revista *Nova Escola* e a responsabilidade que esta - a revista - transferia aos professores no processo de mudança de uma pedagogia tradicional para a pedagogia construtivista.

Ao longo do capítulo, a autora analisa as propostas de mudança na prática pedagógica a partir de depoimentos de professores e especialistas publicados na revista, demonstrando que a assimilação desses pressupostos teóricos pela categoria não tem produzido resultados positivos. Entre outros aspectos, pela dificuldade dos professores de compreender e assimilar a teoria construtivista.

No estudo de Martha Vieira (op. cit.) - *Construtivismo: a prática de uma metáfora - forma/conteúdo do construtivismo em Nova Escola* - a autora analisa o processo de produção do discurso construtivista veiculado pela revista, desde sua primeira publicação, em março de 1986, até a primeira publicação de 1995. Vieira (op. cit.) busca indícios desse discurso não apenas nos relatos de professores e especialistas, como faz Klein (op. cit.), mas em toda a extensão da revista: capa, editorial, sessão de cartas, artigos, notícias, sugestões de atividades etc.

São focalizadas as formas de manifestação e expressão desse discurso na *Nova Escola*, compreendendo os fatores que integram, condicionam e configuram o seu processo de produção: o leitor e as circunstâncias de enunciação. A leitura do objeto é definida como atividade social, como forma de interação entre sujeitos, num determinado contexto social, e de texto como produto resultante dessa interação.

Norma Marzola (op. cit.), em seu artigo *Os sentidos da alfabetização na revista Nova Escola*, investiga os sentidos e significados da alfabetização produzidos pela revista, ao longo de 10 anos de publicação (1986-96), a construção do discurso construtivista sobre alfabetização e a opinião dos leitores sobre esse discurso. Assim como Klein (op. cit.), e diferentemente de Vieira (op. cit.), Marzola (op. cit.) não trabalha com a revista no todo, mas analisa apenas algumas sessões: editoriais, textos sobre alfabetização e a sessão de cartas.

A autora afirma que a produção desse discurso normaliza tanto as concepções e propostas de alfabetização, como a ‘adesão’ dos alfabetizadores a elas, além de regular sua ‘correta’ aplicação. Conforme Marzola (op. cit., p. 94), “o discurso da revista constitui, assim, identidades profissionais com as quais seus leitores e leitoras procuram se identificar e, com isso, ver reconhecidas suas posições enquanto alfabetizadoras e alfabetizadores”.

Ana Lagôa (1998a), Marisa Vorraber Costa e Rosa Maria Hessel Silveira (1998), também analisam o discurso produzido pela *Nova Escola*, mas não especificamente em torno de uma perspectiva teórica, mas na constituição da identidade docente.

O trabalho de Lagôa (op. cit.) - *A representação da professora na revista Nova Escola* - compara elementos e conotações inferidos de duas séries de histórias em quadrinhos publicadas na revista entre os anos de 1986 e 1996, com o objetivo de identificar se as duas personagens são duas representações diferentes de professora da escola de primeiro grau ou se são duas personagens, mas que compõem apenas uma representação. A autora chega à conclusão de que essa representação é predominantemente conservadora, não apresentando possibilidades de mudança e de transformação em si mesma e na sua prática.

Costa e Silveira (op. cit.), na pesquisa *A revista Nova Escola e a constituição de identidades femininas*, estudam o papel da mídia impressa na constituição de um discurso sobre a profissão do magistério. As pesquisadoras analisam o conteúdo da revista - imagens e textos - e seus efeitos no que se refere à formação das subjetividades femininas das professoras e à constituição de sua identidade social: o ‘ser professor’.

Durante a pesquisa são analisados os 63 fascículos publicados no período entre 1990 e 1996. A partir dessa análise, as autoras puderam constatar que a professora apresentada pelo periódico é, freqüentemente, associada à idéia de afeto e dedicação, enquanto o professor remete à idéia de racionalidade e objetividade.

Costa e Silveira (op. cit., p. 349) afirmam que,

ao destacar e reverenciar certos modos de ser das professoras e professores, prescrever fórmulas de trabalho, definir o que é “o certo” e “o errado” quando se trata da seleção de conteúdos, de condutas em sala de aula ou em relação à profissão ou à sociedade, etc., a Revista vai colocando em prática uma cadeia de validação de enunciados que acaba por produzir, com regularidade e suposta legitimidade, um padrão social de referência, (...) que discrimina o “normal” e o aceitável do “anormal” e criticável. Apesar de parcial, arbitrário e politicamente comprometido, tal padrão tende a ser exposto como universal e verdadeiro,

produzindo todos os efeitos possíveis em uma tradição cultural edificada sobre o desejo utópico da perfeição e do ideal.

Com um trabalho de caráter histórico, voltado para a compreensão de um determinado período político e seu reflexo no campo educacional brasileiro, a tese de doutorado de Leda Aparecida Pedroso (1999), intitulada *A Revista Nova Escola: política educacional na “Nova República”*, tem como objetivo analisar as concepções e posicionamentos da revista quanto à democracia e à democratização da educação no período político denominado “Nova República” (1986-1989). As matérias, reportagens e artigos, dos trinta primeiros números da revista, são classificados e analisados, sob o enfoque da pesquisadora.

No interior de um conjunto de pesquisas que olham para materiais e móveis escolares como objeto de investigação, Cristianne Famer Rocha (2000) busca compreender o espaço escolar, suas características e funções, em artigo intitulado *O espaço escolar em revista*. A autora escolhe como objeto de estudo a *Nova Escola* e analisa como a revista apresenta e representa o espaço e o mobiliário escolares, através dos textos e imagens publicados nos exemplares de 1986, 1990 e 1996.

Segundo a autora, nos vinte e sete exemplares analisados, o espaço escolar não é considerado um tema relevante. Embora ele esteja presente desde o primeiro exemplar, é mostrado sem que sejam questionadas suas origens, sua permanência, continuidade ou temporalidade.

As reflexões desenvolvidas em torno da revista *Nova Escola* parecem mostrar a importância deste periódico no universo escolar e a função que a publicação exerce como forma de educar. Mais do que trazer textos e imagens sobre temas de interesse dos educadores, ela se constitui como a própria representação de uma comunidade de leitores muito específicos que nela se identificam e através dela são educados para novos modelos e modos de ser.

O trabalho que pretendemos desenvolver também faz parte deste conjunto de reflexões e estudos sobre a *Nova Escola*. Dentre os vários aspectos possíveis de serem analisados na revista, o objetivo desta pesquisa é estabelecer uma aproximação entre as capas dos exemplares de *Nova Escola* publicados em 1986 - ano de sua primeira edição - até a última edição do ano de 2004, na tentativa de identificar no ciclo de vida da revista as

continuidades, rupturas, mudanças significativas ali estampadas: na linguagem das disposições tipográficas, na linguagem visual e na linguagem verbal das capas.

Acompanhar o aparecimento e o ciclo de vida da imprensa periódica educacional, como nos mostram Catani e Bastos (2002, p. 07), “permite conhecer as lutas por legitimidade que se travam dentro do campo e também analisar a participação dos agentes produtores do periódico na organização do sistema de ensino e na elaboração dos discursos que visam a instaurar as práticas exemplares”.

O fato de que *Nova Escola* estenda-se por um período de 19 anos ininterruptos (e pressupondo uma certa continuidade nos contornos gerais da revista) é preponderante na nossa escolha, uma vez que nos permite trabalhar com a noção de mudança contextual, com uma possível verificação dessa mudança e a idéia de que tal mudança reflete um enfoque diferente das perspectivas sobre o campo educacional.

Na busca por mudanças e permanências nas capas, nos dispomos a realizar um mapeamento desse material para tentar responder quais temas relativos à área educacional são destacados e privilegiados e de que forma estes temas são apresentados pela revista, em diferentes momentos da publicação.

3. FORMAS E CORES: TRABALHANDO COM AS CAPAS

3.1. Convite ao leitor: a capa

O olhar passeia difuso, descomprometido: as cores chamam, atraem; as formas instigam, laçam; o texto convida, fixa. O olhar está irremediavelmente atrelado.

Mayra Gomes

Os periódicos impressos, para manterem-se ‘vivos’ no mercado editorial, necessitam de um público-leitor cativo, constante e estável. Como mecanismos de manutenção destes leitores, esses impressos têm, além de um projeto editorial que define suas linhas de abordagem, um projeto gráfico pensado e elaborado por profissionais especializados.

Por projeto gráfico ou diagramação entendemos a forma pela qual textos, fotos, desenhos e outros elementos são dispostos nas páginas das revistas. Entre as funções do projeto gráfico está a componente estética que conforme Faria e Zanchetta (2002, p. 75), “desempenha um papel bastante prático: serve para atrair o leitor de imediato e garantir certa harmonia no conjunto final de matérias, propagandas e outros elementos”.

Dentro desse projeto gráfico destaca-se a importância dada às capas, consideradas o ‘cartão de visitas’ de uma revista. Segundo Marília Scalzo (2003, p. 62), jornalista da editora Abril, “uma boa revista precisa de uma capa que a ajude a conquistar leitores e os convença a levá-la para casa (...) precisa ser o resumo irresistível de cada edição, uma espécie de vitrine para o deleite e a sedução do leitor.”

Rabaça e Barbosa (1978, p. 66) afirmam que a capa de um impresso é uma

proteção exterior (...) confeccionada em papel ou outro material, flexível ou rígido (...) é o primeiro contato visual do consumidor com o produto, sendo por isso utilizada promocionalmente para atrair a atenção sobre o produto, informando sobre o seu conteúdo e distinguindo-o dos demais nas estantes e prateleiras.

A função primordial de uma capa é a de proteger o conteúdo da revista e de outros tipos de impressos. Por isso a capa é sempre produzida em papel mais ‘encorpado’. Além

disso, a capa tem que ser atraente, chamar a atenção do leitor e, ao mesmo tempo, sintetizar, em poucas palavras, o conteúdo da reportagem anunciada.

Conforme Gomes (1992), vivemos em uma sociedade que privilegia o sentido da visão, e as capas de revistas merecem atenção pela importância que assumem tanto do ponto de vista do leitor como do editor. Do ponto de vista do leitor, pois

(...) este não se dedica integralmente a todas as matérias oferecidas em uma publicação. Ficarão assim retidas, como informação válida e suficiente, mensagens veiculadas por uma chamada, por uma imagem, ou por uma combinação de ambos. (Ibidem, p. 30)

E, do ponto de vista do editor, para quem a capa

é um mostruário, um chamariz e o que, no caso de revistas vendidas em bancas de jornal vai, muitas vezes, determinar o volume de vendas, pois, como assinala Mogel: “Compradores de revistas em bancas de jornal são compradores ocasionais. Eles não compram cada edição de uma revista pois se assim fosse eles assinariam.” (Ibidem, p. 30)

As capas são constituídas por signos icônicos – fotografias, desenhos, ilustrações – e signos lingüísticos – cabeçalho, chamadas. O cabeçalho, apresentação visual permanente que possibilita uma rápida identificação da revista por seus leitores, engloba nome, data e número da publicação, preço e outras informações essenciais. As chamadas ou manchetes correspondem a pequenos títulos das matérias de maiores destaques entre as contidas em uma edição e têm como objetivo principal atrair o leitor e remetê-lo para as matérias completas, no interior da publicação. A chamada principal representa a reportagem considerada a mais relevante pelo conselho editorial da revista e tem um título com letras em tamanho maior que as demais. Evidentemente, a imagem que irá compor a capa destacará esta chamada.

As chamadas, juntamente com as imagens, são um dos fatores mais visíveis para atrair a atenção do leitor, porém há posições antagônicas no que se refere à questão da primazia do texto sobre a imagem ou vice-versa. Para alguns, a imagem é o primeiro item a despertar o interesse de um possível consumidor. Como afirma Scalzo (op. cit., p. 63), “em qualquer situação, uma boa imagem será sempre importante – e é ela o primeiro elemento que prenderá a atenção do leitor”. Para outros, são as palavras, a manchete de capa que acabará por conquistar este leitor. No entanto, todos concordam que “a chamada principal e

a imagem da capa devem se complementar, passando uma mensagem coesa e coerente” (SCALZO, op. cit., p. 53).

Silva (2003) considera as capas de revistas textos mistos, nas quais coexistem vários códigos, trabalhados para atrair o olhar do leitor. Segundo a autora, que estudou as capas das revistas *Manchete* e *Veja*, quando as duas linguagens - verbal e visual - se interpenetram não há uma e outra, mas sim o conjunto formado por ambas, que como conjunto deve ser visto.

Toda a capa é visual, e mesmo o escrito é visual, ao utilizar-se de sinais para comunicar. Não se trabalha apenas com as palavras, tampouco apenas com as imagens. Esse texto é consequência da relação entre palavras e imagens, relação dinâmica em que as imagens tornam-se acontecimento nas palavras, e as palavras têm sua existência garantida pelas imagens. (Ibidem, p. 69)

Tomamos as capas da *Nova Escola* como objeto de nosso estudo sem nos esquecermos, entretanto, que os textos e imagens ali estampados só adquirem seu pleno significado no contexto de sua publicação. Baseamo-nos nos estudos da História Cultural, particularmente naqueles de Roger Chartier, que reconhecem a importância de se analisar o texto no interior da materialidade em que é dado a ler. Esta materialidade geralmente é um objeto ou um impresso que serve de suporte ao texto, sendo parte constitutiva dos sentidos produzidos durante a leitura desse texto.

Contra a representação, elaborada pela própria literatura, do texto ideal, abstrato, estável porque desligado de qualquer materialidade, é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor. Daí a necessária separação de dois tipos de dispositivos: os que decorrem do estabelecimento do texto, das estratégias de escrita, das intenções do “autor”; e os dispositivos que resultam da passagem a livro ou a impresso, produzidos pela decisão editorial ou pelo trabalho da oficina, tendo em vista leitores ou leituras que podem não estar de modo nenhum em conformidade com os pretendidos pelo autor. (CHARTIER, 1990, p. 126)

Para Chartier (op. cit.), o estudo dos impressos deve ser conduzido com atenção, porque examina um material em que a organização tipográfica traduz uma intenção editorial e porque pode revelar no próprio suporte as maneiras de ler um texto. A materialidade atua sobre a produção de sentidos no ato da leitura - produção esta que decorre dos procedimentos de textualização e de composição que, por sua vez, atuam sobre a materialidade do texto e do suporte.

Assim, o suporte que serve de sustentação para os textos e imagens das capas é determinante na produção de sentidos durante a nossa leitura: a revista *Nova Escola*.

3.2. Buscando caminhos para análise

Após definirmos o período de circulação da *Nova Escola* a ser estudado - o primeiro ano da publicação (1986) e os anos subsequentes até chegarmos ao ano de 2004, a fim de conhecermos o ciclo de vida da revista - realizamos o levantamento desse material na Biblioteca 'Prof. Joel Martins' da Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas. Embora seja uma revista de publicação mensal, até 1998 não circulava nos meses de janeiro, fevereiro e julho - meses de férias escolares. A partir desta data, *Nova Escola* passou a circular também no mês de fevereiro, totalizando 10 exemplares por ano. Como a biblioteca não possui todos os 178 exemplares publicados durante esses anos, optamos por trabalhar com as 162 revistas disponíveis.

Sem ter ainda uma metodologia definida para trabalhar com esse *corpus*, optamos por, em um primeiro momento, reunir todas as 162 capas e organizá-las seguindo uma ordem cronológica. Este procedimento nos proporcionou uma visão do todo, facilitando nossa 'entrada' no material a ser estudado.

Como a idéia que norteia este trabalho é a de identificar neste conjunto de capas as continuidades e rupturas ao longo dos anos de publicação da *Nova Escola*, acreditamos que uma aproximação entre as capas - as mais antigas e as mais atuais - possibilite esta identificação.

Buscamos então descrever os aspectos tipográficos desse conjunto, aspectos estes que foram privilegiados nas diferentes edições da revista, realizando uma leitura 'panorâmica' desse *corpus*.

Voltamos-nos, primeiramente, para a apresentação do título da publicação. Essa opção encontra ressonância nas palavras de Vieira (1998, p. 128), para quem o título é o

primeiro elemento percebido pelo *leitor* em seu contato com a revista, (...) tem como função antecipar a perspectiva adotada, direcionando o *leitor* em sua leitura, a fim de que se adapte à forma idealizada pelo *autor*, assumindo as características, por ele determinadas, que se materializam na forma de configuração do *texto* (...).

As capas da revista *Nova Escola*, desde sua primeira edição (março/1986) até a edição de nº 79 (outubro/1994), seguem um mesmo padrão estético apresentando poucas variações. O nome da revista encontra-se na parte superior da capa, como a forma padrão usual desse tipo de publicação. Nas duas primeiras edições de 1986, a palavra *NOVA*, escrita na cor amarela em Caixa Alta⁸, em sentido vertical, aparece sobreposta ao *E* da palavra *Escola*, que está disposta na horizontal, em Caixa Alta e Baixa⁹, na cor verde. A partir do nº 3 (maio/1986), a palavra *Nova* passa a ocupar uma nova posição e ganha uma outra cor: passa a ser escrita na horizontal, em Caixa Alta e Baixa, na cor laranja, logo acima da letra *c* da palavra *Escola*. Assim permaneceria até o nº 6 (setembro/1986), quando então aparece sobre a letra *o* da palavra *Escola*, em Caixa Alta. A partir do exemplar de nº 68 (agosto/1993), a palavra *NOVA* alterna suas cores entre laranja, preto, branco e amarelo. Já a palavra *Escola* se mantém durante todos esses anos na cor verde, sempre escrita em Caixa Alta e Baixa.



Nova Escola, nº 1, março/1986



Nova Escola, nº 44, novembro/1990

⁸ Letra maiúscula

⁹ Marcação para que as letras iniciais dos períodos sejam compostas em caixa alta e as demais em caixa baixa.

É provável que a revista tenha utilizado as cores verde e amarela de forma simbólica, já que no ano anterior a seu lançamento, o país saía de um longo período de opressão política, com a eleição de Tancredo Neves para a Presidência marcando o fim do Regime Militar e o início da redemocratização do país. Apesar de indireta, a eleição de Tancredo é recebida com entusiasmo pela maioria dos brasileiros, despertando um grande sentimento nacionalista e a expectativa de uma nova sociedade, mais democrática e mais justa, na qual a educação teria uma significativa contribuição a dar.

O título da revista dá maior ênfase à palavra *Escola*, não apenas por seu tamanho em comparação à palavra *Nova* - aproximadamente 3 cm a mais de altura e 12 cm a mais de largura - mas pela sua cor. Sobre o fundo branco - padrão das capas neste período (1986-1994) - *Escola*, em verde, destaca-se mais que *Nova*, na cor laranja e, para um leitor que observe a capa a uma certa distância, a palavra *Nova* se torna imperceptível, pouco distinta.

O fato de a revista permanecer um longo período sem sofrer modificações gráficas encontra justificativa nas palavras de Gomes (1992, p. 32), já que

(...) uma vez estruturada e apresentada certa configuração de capa raramente efetuam-se transformações sobre tal configuração pois isto significaria romper com uma espécie de pacto baseado em expectativas de unidade e serialidade das formas com as quais o leitor se empatiza.

A configuração projetada e veiculada pela revista, praticamente inalterada no decorrer das edições de 1986 a 1994, ajudou os leitores a se familiarizarem com a publicação, inserindo a imagem da *Nova Escola* no mercado editorial.

No que se refere aos sentidos produzidos pelo título *Nova Escola*, Vieira (op. cit.) afirma que ele transmite a idéia de inovação no ensino, induzindo o leitor a crer que a leitura da revista é que possibilitaria essa inovação.

É *Nova Escola* porque veicula as mais recentes e atualizadas informações sobre a educação;
É *Nova Escola* porque a leitura das informações veiculadas pela revista possibilitaria ao leitor-professor a inovação da escola. (Ibidem, p. 128)

Pelas palavras de Vieira (op. cit.) vemos o duplo sentido inscrito no título: *Nova* porque há informações novas por parte daqueles que produzem a revista e *Nova* porque se pretende uma nova escola. No jogo montado com o título *Nova Escola* há uma mensagem

clara e direta: o professor informado construirá uma outra escola, melhor e diferente da atual.

Acreditamos também que a escolha do título *Nova Escola* esteja vinculada ao título de uma outra revista do Grupo Abril editada na década de 70, devido às semelhanças encontradas entre essas publicações, já expostas no primeiro capítulo desse trabalho. É provável que *Nova Escola* seja a retomada desse projeto editorial – a revista *Escola* – e, por isso, o *Nova. Escola* teria passado por reformulações e voltado às bancas como uma *Nova* revista.

Logo abaixo do título da revista, encontra-se seu subtítulo¹⁰: *Para professores do 1º. Grau*, seguido pelos respectivos ano e número de edição, mês e ano de publicação, e preço do exemplar. Este subtítulo expressa quem é o leitor pretendido por este periódico: os professores de 1º. grau. A preposição *Para* define a quem a publicação se destina, uma vez que sua função é unir os termos “*Nova Escola*” e “*professores do 1º. Grau*”, subordinando um ao outro, de tal modo que o sentido do primeiro é completado pelo segundo: “*Nova Escola para professores do 1º. grau*”.

Outra característica deste período (1986-1994) é a opção por apenas uma chamada de capa, ao contrário de muitas publicações que lançam mão do recurso de várias chamadas. Quando a revista apresenta, além da chamada principal, outra informação a respeito do seu conteúdo, ela recorre às tarjetas, sempre dispostas no canto superior direito, em diagonal, na cor amarela.

As fotografias, desenhos e ilustrações que estampam as capas, ainda referindo-se a esse período da revista, aparecem dentro de uma moldura¹¹, em formato quadrangular, destacando-se do fundo branco. A fotografia é preponderante em relação a outras linguagens visuais. São freqüentes as imagens de escolas, professores e alunos em sala de aula. Apresentaremos uma breve descrição dessas imagens posteriormente.

As imagens ocupam quase toda a dimensão da capa, destacando-se em relação às manchetes, que em sua maioria aparecem na parte inferior da revista, logo abaixo destas imagens.

¹⁰ Título secundário colocado imediatamente após o título principal (...). É composto, usualmente, em letras grandes, mas sempre de corpo menor do que os caracteres usados no título. Serve para destacar algum detalhe que completa o sentido do título e segue, geralmente, as mesmas normas de redação deste. (RABAÇA e BARBOSA, 1978, p. 440)

¹¹ A moldura é o limite da representação visual. (JOLY, 2003, p.94)



Nova Escola, nº 29, abril/1989

Após tornar-se (re)conhecida no mercado editorial, em 1995 *Nova Escola* passa por várias modificações gráficas, o que se reflete também em suas capas. Elas deixam de seguir antigos padrões – imagem em formato quadrangular sobre fundo branco e título sempre na mesma cor (verde/laranja) – para adotar uma ‘personalidade visual’ mais moderna, compatível com as demais publicações encontradas nas bancas.

Nova Escola reformulou seu projeto editorial. Introduziu minuciosos artifícios de diagramação aliados a uma grande variedade de ilustrações: fotos coloridas de pessoas, de cenas de sala de aula, de escolas ou de outros ambientes aludidos nas reportagens, desenhos ilustrativos, montagens, gráficos, quadros, mapas, vinhetas etc. (COSTA e SILVEIRA, 1998, p. 347)

Percebemos a preocupação dos editores da revista com seus leitores-consumidores. Mais do que conquistá-los, *Nova Escola* pretende conservá-los. Esta mudança de visual é provocada pelos desafios mercadológicos e, também, por uma mudança de leitor, não exatamente um leitor novo, mas um novo leitor, um professor que acompanha as transformações que vão ocorrendo em seu meio. Assim como uma revista que para não se tornar obsoleta e continuar competindo com outros periódicos tem que se ajustar às novas demandas do mercado editorial, o leitor - especificamente o professor, no caso da *Nova Escola* - tem que estar se familiarizando com as novas tecnologias, métodos e materiais que surgem em seu campo de trabalho. A revista se ajusta às novas tecnologias que passam a integrar os centros de produção e as linguagens do contemporâneo.

Tanto as imagens quanto as chamadas de capa apontam os indícios que culminaram nessa produção: intenção do editor, expectativas do público leitor, conteúdo da revista, disponibilidades/possibilidades tecnológicas do momento.

As imagens tendem a tomar toda a página, formando fundo para o título da revista. Este, por sua vez, tem suas cores variando de um exemplar para outro. Muitas vezes, imagem e título se confundem. A palavra *ESCOLA* - agora escrita em Caixa Alta - ganha um destaque ainda maior em relação à palavra *Nova* - aproximadamente 3,5 cm a mais de altura e 18 cm a mais de largura - que passa a ser escrita ao lado esquerdo do *E* da palavra *ESCOLA*, em Caixa Baixa¹².

¹² Letra minúscula



Nova Escola, nº 126, outubro/1999

A revista também passa a apresentar várias chamadas de capa e não apenas uma. Para Collaro (2000), as chamadas sobre matérias de menor importância podem auxiliar no apelo da capa.

(...) muitas revistas, quer sejam específicas ou de variedades, acreditam que o ideal para capas é a predominância de um título dominante, relacionado com a imagem que compõe a capa, acompanhada de pequenas chamadas e obedecendo a uma hierarquia tipológica, e ainda utilizando as áreas que mais favorecem a aplicação destes pequenos títulos nas fotos. Esta prática aumenta o número de compradores pelo atrativo que provoca. A atração está baseada em dois estágios distintos: o primeiro olhar deve ater a isca (logo, imagem, chamadas), o segundo é o fundo, cuja importância é vital, aliado ao impacto da cor. (Ibidem, p. 99)

Segundo Collaro (op. cit.), a tendência atual, diferentemente do que acontecia há dez ou quinze anos, é que os editores não se preocupem apenas com a imagem que fará parte da composição da capa, mas também com a tipologia e disposição das chamadas.



Nova Escola, nº 100, março/1997

O subtítulo da revista - *Para professores do 1º. Grau* - torna-se um *slogan*¹³: *A revista do ensino de primeiro grau* e, em 1998, é alterado para *A revista do ensino fundamental*, o que demonstra a preocupação de seus editores em adaptar a revista às mudanças do ensino brasileiro, uma vez que o termo ‘ensino fundamental’, de acordo com

¹³ Frase concisa, marcante, geralmente incisiva, atraente, de fácil percepção e memorização, que apregoa as qualidades e a superioridade de um produto, serviço ou idéia. (RABAÇA e BARBOSA, 1978, p. 435)

a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, sancionada em 20 de dezembro de 1996, passou a ser empregado em lugar da denominação '1º. grau'.

Por outro lado, a substituição do subtítulo *Para professores do 1º. Grau* pelo slogan *A revista do ensino fundamental*, nos permite, ainda, uma outra interpretação. É como se a revista não tivesse a intenção de ser um veículo de comunicação para um público-leitor específico - professores do 1º. grau - e se considerasse a revista de um determinado nível de ensino, que envolve não só os professores, mas também outros profissionais (coordenadores pedagógicos, diretores, demais funcionários), ampliando assim o leque de diálogo com seus possíveis interlocutores.

Em 2000, o slogan da publicação é alterado novamente: *A Revista do Professor. Nova Escola* deixa então de ser a revista representativa de um nível de ensino para tornar-se a porta-voz de uma categoria profissional. O artigo definido *A* reforça a idéia de *Nova Escola* como a revista que é reconhecida (previamente conhecida) pelos professores como a sua revista.

Em 2003 o título passa por nova formatação. A palavra *NOVA* volta a aparecer, assim como nas primeiras edições da publicação em 1986, em Caixa Alta, sobreposta ao *e* da palavra *escola*, agora escrita em Caixa Baixa, apesar de continuar a aparecer em tamanho muito superior ao *NOVA*. As imagens permanecem ocupando toda a dimensão da capa, porém o título da revista ganha destaque: é apresentado sobre uma 'faixa', que vai de um extremo ao outro da capa, muitas vezes sobrepondo-se às imagens.



Nova Escola, nº 176, outubro/2004

3.3. A organização das capas em categorias

Realizado um primeiro esforço de análise do material, optamos por, nesse segundo momento, apreender os temas presentes nas capas da *Nova Escola* durante o período de circulação da revista estudado (1986-2004). As perguntas que fazemos diante dessa produção são as seguintes: Quais são os temas mais recorrentes na publicação? Estes temas se mantiveram constantes ao longo do ciclo de vida da revista? Houve mudanças na maneira de apresentá-los no decorrer dos anos?

Diante de um *corpus* bastante extenso - 162 capas - e na tentativa de respondermos a essas perguntas, agrupamos as capas em categorias. Segundo Lopes e Galvão (2001, p. 95), a categorização

evita a mera descrição dos documentos: a lógica da narrativa (que faz parte da própria escrita da história) passa a ser dirigida por algumas perguntas centrais e norteadoras que permitiram a exploração das fontes (...). Algumas dessas categorias são definidas *a priori* pelo pesquisador; outras somente emergem do trabalho minucioso e cotidiano – de idas e vindas – com as fontes.

Podemos afirmar que a opção pela categorização nasceu de uma dificuldade. Após realizarmos uma primeira leitura das capas e, posteriormente, uma descrição do projeto gráfico deste conjunto, decidimos que o passo seguinte seria escolher, dentre as 162 capas, apenas algumas delas para que pudéssemos nos deter mais demoradamente na análise dos textos e imagens ali estampados. Mas por onde começar? Quais seriam as ‘escolhidas’? E quais critérios adotariamos para a escolha? Seria possível fazer uma organização das capas de modo que esta organização orientasse nossa escolha?

Aproximamos então todas as capas, em um esforço de identificação de qual seria o tema principal enfatizado em cada uma delas, orientando-nos pela idéia de “somar para dividir”: primeiramente agrupar as capas de acordo com o tema e depois organizá-las em categorias. A partir daí, poderíamos ‘circular’ pelas categorias para escolhermos apenas algumas capas dentre as 162 disponíveis para análise: capas de uma mesma categoria, capas pertencentes a categorias diferentes etc.

Para o desenvolvimento das categorias, nos baseamos na metodologia do trabalho de Ferreira (2001), no qual a autora realiza o levantamento, organização e sistematização das pesquisas em leitura no Brasil, no período de 1980 até 1995, a partir dos resumos das dissertações e teses produzidos sobre o tema leitura. A autora opta por não usar ou adaptar a tipologia já apresentada em outros trabalhos que organizam a produção acadêmica de diversos campos do conhecimento. Ferreira (op. cit.) agrupa os trabalhos por focos de interesse, os quais foram pensados e elaborados pela própria autora, juntamente com sua orientadora, a partir das inúmeras leituras dos resumos das dissertações e teses localizadas por ela. Segundo a autora, esses focos temáticos foram definidos através do contato com o próprio material e com o auxílio de algumas pessoas, em três momentos distintos:

Num primeiro momento, fiz a leitura de todos os dados que tinha em mãos para uma possível categorização e nomeação dos focos; fiz uma (re)leitura desses focos com os trabalhos já agrupados; li outras pesquisas que apresentavam uma tipologia para confrontação e fiz reestruturações e correções. Num segundo momento, apresentei a classificação dos focos à orientadora; discutimos um por um; fizemos uma “checagem” com leitura e discussão de várias pesquisas; mudamos a denominação dos focos e o deslocamento das pesquisas entre os focos. O terceiro momento deu-se após o exame de qualificação, quando a banca questionou a denominação de alguns focos, a existência de outros e a classificação de algumas pesquisas em determinado foco, sugerindo uma reorganização do material para supressão e acréscimo de grupos. (Ibidem, p. 124)

Assim, a elaboração das categorias, bem como a organização das capas nas mesmas, é resultante de um processo de trabalho entre orientando e orientador, a partir de uma primeira leitura das capas e exaustivas leituras subseqüentes.

As capas foram distribuídas em categorias correspondentes ao tema para o qual a chamada principal remete. Assumir a organização das capas a partir da leitura das manchetes não significa que desprezamos as imagens, pois como afirma Gomes (1992), nas capas o sentido se produz dentro de um jogo lingüístico-figurativo que não podemos dissociar.

(...) a leitura feita de um e de outro dificilmente pode dar-se como isenta de uma contaminação que tudo permeia: imagem e palavra nos remetem afinal a um imaginário que se alimenta de ambas e dá um “feed back” referencial para percepção, para raciocínio, para interpretação. (Ibidem, p. 53)

Em alguns casos, uma mesma capa foi agrupada em mais de uma categoria, sendo identificada por asterisco nas tabelas elaboradas e apresentadas a seguir. Este fato talvez seja indicativo de que não há um consenso na categorização de algumas capas. Quando necessário, as categorias assim definidas foram, por sua vez, sistematizada em várias subcategorias.

As capas encontram-se organizadas segundo 9 categorias diferentes: CIDADANIA, DIVERSIDADE CULTURAL, PROFESSORES, EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO, TEÓRICOS E TEORIAS, POLÍTICA EDUCACIONAL, DISCIPLINAS e DIVERSAS.

A categoria CIDADANIA contempla as capas que tematizam o papel e a participação da escola e dos professores na formação do aluno-cidadão, destacando seus direitos e deveres.

A categoria DIVERSIDADE CULTURAL engloba todas as capas que abordam questões relacionadas ao conhecimento, à valorização e ao respeito pela identidade do outro – negro, indígena, deficiente etc.

Na categoria PROFESSORES, foram reunidas as capas que tratam de assuntos relativos a esta categoria profissional, tais como Formação, Salário, Histórias de professores e Histórias sobre professores etc.

A categoria EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS é composta por capas que apresentam experiências pedagógicas de professores e/ou de escolas e sugestões de atividades de responsabilidade da própria revista. Nessa categoria também se encontram as capas que enfatizam a criação e/ou utilização de materiais didáticos pelos professores.

Na categoria TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO, agrupam-se as capas que trazem discussões sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação – TICs – no ambiente escolar.

A categoria TEÓRICOS E TEORIAS reúne as capas que abordam os conhecimentos teóricos relevantes para a área educacional, bem como os responsáveis pela produção desses conhecimentos. Destacam-se, nessa categoria, as discussões em torno da Alfabetização e do Construtivismo.

A categoria POLÍTICA EDUCACIONAL refere-se às capas que enfatizam as práticas educativas e administrativas através das quais a educação é organizada, orientada e viabilizada. Tratam de questões como Planejamento, Currículo, Avaliação etc.

Na categoria DISCIPLINAS, temos as capas que focalizam as diferentes áreas do conhecimento estudadas, tais como Ciências, Geografia, História, Matemática, Português etc.

Para agrupar as capas de difícil classificação, cujas chamadas não fornecem pistas a respeito do enfoque dado ao assunto, criamos a categoria DIVERSAS.

Optamos por categorizar as matérias de capa restringindo-nos à leitura das manchetes, sem recorrer às reportagens no interior da revista. Uma leitura equivalente à de um leitor ao deparar-se com a capa de uma revista, sem folheá-la ou lê-la; uma categorização pelo que ela diz, como ela própria se apresenta na capa.

As capas estão distribuídas em suas respectivas categorias, organizadas em tabelas, seguindo uma sequência cronológica, onde se encontram descritos o número, mês e ano de

publicação da revista, a chamada principal e uma breve descrição das imagens presentes nessas capas. As capas da *Nova Escola* (1986-2004) são apresentadas no Anexo desse trabalho.

Tabela 1. Descrição das capas referentes a Categoria CIDADANIA

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
6, setembro/86	“Educação e Constituinte. Como escolher o seu candidato”	Desenho de um professor escrevendo na lousa a manchete da revista.
19, março/88	“Educação para a vida. O papel da escola na defesa do meio ambiente”	Foto de duas crianças caminhando em direção a uma cachoeira.
31, junho/89	“Seus alunos vão votar. Veja como é importante educar para a cidadania”	Foto de dois adolescentes ‘depositando’ o voto em uma urna desenhada na lousa.
55, março/92 *	“Educação Ambiental. O papel do professor na defesa do futuro da humanidade e do planeta”	Foto de uma professora com seus alunos, próximos a um lago. As crianças estão fazendo anotações.
64, março/93	“Como ajudar a formar o novo cidadão”	Foto de um menino enrolado à bandeira brasileira, olhando para a entrada de uma igreja antiga.
85, junho/95	“Ambiente. Ensinado a cuidar do que é nosso”	Foto de uma aluna olhando admirada para o ‘planeta terra’, que flutua em suas mãos.
115, setembro/98	“Os candidatos a cidadãos. As eleições do próximo mês são uma chance de ouro para mostrar aos seus alunos a importância da participação política”	Foto de crianças realizando e participando de um comício político.
118, dezembro/98 *	“A programação na sua mira. Estimule seus alunos a ‘ler’ criticamente o que passa na telinha: das novelas aos filmes policiais, da propaganda à ‘baixaria’ de certos programas de auditório. Só assim eles se tornarão futuros cidadãos”	Foto de vários programas televisivos: infantil, filme e novela.
144, agosto/01 *	“Ilumine suas aulas.	Foto de uma professora

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
	Aproveite a crise de energia para formar alunos mais conscientes de seu papel no mundo”	segurando uma lâmpada acesa, com seus alunos observando.

Nesta categoria, que totaliza 9 capas, percebemos que a cidadania é vista com ênfase nos direitos políticos. O destaque para a importância de um voto consciente é manchete em diferentes meses, ao longo dos anos de publicação da revista. Em 1998, por exemplo - ano da reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso - *Nova Escola* abordou este tema na edição de setembro, um mês antes da população ir às urnas.

A questão do meio ambiente também é destaque em diferentes momentos da publicação, de forma a valorizar o papel do professor e da escola na sua defesa e conservação.

O tema *cidadania* reforça a importância da escola no exercício da passagem do indivíduo do mundo da família, privado e restrito para o mundo público, da cultura letrada que, conforme (Mortatti, 2000, p. 297), “cria e incentiva novas formas de relação dos sujeitos entre si, com a natureza, com a história e com o próprio Estado”.

(...) a escola se consolida como lugar institucionalizado para o preparo de novas gerações, a fim de atender a um projeto político do Estado republicano – e não mais da Igreja – pautada pela necessidade de instauração de uma nova ordem política e social. A universalização da escola assume importante papel como instrumento de modernização e progresso do Estado-Nação. (Ibidem, p. 296)

As chamadas principais dos exemplares dessa categoria reforçam a necessidade da escola assumir seu papel diante de urgências e situações sociais e políticas derivadas da “abertura política” e pela construção de uma sociedade mais democrática no final dos anos 70, no Brasil. As expressões “o papel da escola” (março de 1988), “como é importante educar” (junho de 1989), “o papel do professor” (março de 1992), “formar alunos mais conscientes” (agosto de 2001) explicitam a relevância da contribuição da escola na formação do cidadão e de um mundo melhor e mais justo.

Tabela 2. Descrição das capas referentes a Categoria DIVERSIDADE CULTURAL

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
8, novembro/86	“Este é o mês da consciência negra. Como (e por que) falar	Foto de crianças - negras e brancas - vestidas com

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
	da cultura negra com seus alunos”	calças brancas e fitas brancas amarradas à cabeça, carregando cestas de flores.
108, dezembro/97	“ Viva a diferença, abaixo o preconceito. Negros, brancos e índios vivem aqui há 500 anos, mas nem sempre em harmonia. Você pode mudar essa história, valorizando a riqueza cultural das várias raças”	Foto de crianças de diferentes raças abraçadas, enroladas na bandeira brasileira.
119, fevereiro/99 *	“ Um roteiro para 1999. Veja nesta edição como planejar com seus colegas, mês a mês, as atividades multidisciplinares que este ano lhe reserva. E mais: as festas folclóricas são feitas sob medida para mostrar as culturas que formaram o povo brasileiro”	Foto de um calendário, com fatos/datas importantes de cada mês em destaque.
121, abril/99 *	“ O índio redescoberto. O homem chegou aqui 15 mil anos antes do que se pensava. Seus descendentes desenvolveram tecnologias, línguas e costumes bastante complexos e variados. Traga essas recentes descobertas da ciência para a sala de aula”	Foto de um indígena em primeiro plano e um desenho que retrata uma tribo em segundo plano.
123, junho/99	“ Inclusão: uma utopia possível. Entenda por que a convivência dos diferentes amplia os horizontes escolares e sociais de todos”	Foto de duas crianças brincando, sendo uma delas portadora da síndrome de Down.
165, setembro/03	“ A inclusão que dá certo. Os caminhos para sua escola atender todas as crianças”	Foto de uma aluna com síndrome de Down, abraçando outra aluna, em sala de aula.
177, novembro/04	“ A questão racial na escola. ■ Como abordar o assunto na sala de aula ■ Os erros mais comuns e como evitá-los ■ Um teste para descobrir se a sua escola combate o preconceito”	Foto de uma menina negra fazendo bolinhas de sabão.

A categoria *Diversidade Cultural* contempla 7 capas cujas chamadas incentivam o professor a valorizar a diferença entre grupos étnicos e culturais, já que a sociedade brasileira é marcadamente composta pela pluralidade. As expressões “como (e por que) falar da cultura negra” (novembro de 1986), “você pode mudar essa história” (dezembro de 1997), “traga essas recentes descobertas” (abril de 1999), “entenda por que a convivência” (junho de 1999) indicam a idéia de mudança. A revista vai divulgando informações e conhecimentos até então pouco considerados pela escola, no intuito de enfatizar a importância de superar preconceitos e relações de discriminação e exclusão que foram construídas ao longo da história do nosso país.

Uma das formas de se trabalhar com as culturas negra e indígena apontadas pela revista é mostrar como essas culturas influenciaram a formação do povo brasileiro. O convívio com o deficiente/diferente, por meio da inclusão, também é estimulado como algo positivo, que amplia os horizontes de professores e alunos.

Interessante notar que 4, das 7 capas dessa categoria, foram publicadas na segunda metade da década de 90. É provável que a presença do tema “Pluralidade Cultural” nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) tenha influenciado esta produção, de maneira mais acentuada. Segundo as orientações desses Parâmetros, mais especificamente as referentes aos “Temas Transversais” (1998, p. 15):

Há muito que se diz que o Brasil é um país rico em diversidade étnica e cultural, plural em sua identidade: é índio, afrodescendente, imigrante, é urbano, sertanejo, caçara, caipira... Contudo, ao longo de nossa história, têm existido preconceitos, relações de discriminação e exclusão social que impedem muitos brasileiros de ter uma vivência plena de sua cidadania. (...) Este é um trabalho que, embora complexo, pode ser prazeroso e motivado na sala de aula, por falar da vida daqueles que ensinam e aprendem, pela enriquecedora oportunidade de conhecer as histórias de dignidade, de conquista e de criação, de culturas e povos que constituem o Brasil, de tudo que sendo diverso, valoriza a singularidade de cada um e de todos.

Apesar do discurso assumido pela *Nova Escola* ser muito próximo daquele que encontramos nos Parâmetros Curriculares Nacionais, podemos dizer que o discurso da revista ‘extrapola’ o documento oficial, porque ele também encontra ressonância em outras discussões que aconteceriam ao longo das décadas de 80 e 90, em congressos acadêmicos, como nos Congressos de Leitura do Brasil, em associações de caráter educacional e sindical, como a Associação de Leitura do Brasil, em publicações que apontariam para

novos paradigmas teórico-metodológicos, advindos de reflexões que denunciavam as contradições da escola democrática e enfatizavam seu papel transformador.

Tabela 3. Descrição das capas referentes a Categoria PROFESSORES

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
7, outubro/86	“Exclusivo: Quanto ganha o professor brasileiro”	Fotos 3x4 de alguns professores, acompanhadas do nome, estado em que trabalham, carga horária e valor de seus respectivos salários. As fotos estão ligadas a um desenho do mapa brasileiro, onde se destacam os estados de origem dos professores.
16, outubro/87	“Meu mestre inesquecível. O que faz a gente se lembrar dele a vida toda”	Fotos de personalidades - atores, escritores - e seus professores.
26, novembro/88	“Curso de magistério. O que é preciso mudar para formar o bom professor”	Desenho de uma sala de aula vazia.
54, dezembro/91	“Salários. A sobrevivência cada vez mais difícil de uma categoria”	Foto do Professor Raimundo - personagem de Chico Anysio - fazendo o conhecido gesto sobre o baixo salário dos professores.
128, dezembro/99	“A hora do professor. ■ Até 2005 serão criados 100.000 empregos na Educação Básica ■ Só conseguirá uma colocação quem estiver bem preparado”	Desenho de uma professora carregando vários diplomas embaixo do braço, pulando sobre vários lápis, tentando ‘enxergar o futuro’.
136, outubro/00	“Vida de professor. Histórias de profissionais que ensinam com prazer”	Foto de uma professora brincando com um aluno.
142, maio/01	“A formação em foco! Caminhos para você ensinar melhor”	Foto de uma professora, trajando beca, com seu diploma, usando-o como uma ‘luneta’.
146, outubro/01	“Ser professor é...10”	Foto de um professor segurando um giz.
148, dezembro/01	“Férias escolares. Hora de viajar, relaxar, cuidar do corpo,	Foto de uma professora, com uma mochila nas

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
	criar...”	costas, em meio à natureza.
155, setembro/02	“ Eleições. Como as propostas dos candidatos à Presidência afetam a vida do professor”	Foto de uma professora e de candidatos à presidência ao fundo.
156, outubro/02	“ Aos mestres, com carinho ”	Foto de uma aluna oferecendo uma maçã.
157, novembro/02	“ A professora do ano ”	Foto da professora vencedora do ‘Prêmio Victor Civita’, segurando seu troféu.
158, dezembro/02	“ Férias pra que te quero ”	Foto de uma professora deitada sobre a grama, lendo a revista <i>Nova Escola</i> .
166, outubro/03	“ Volta à escola. É hora de encarar novamente os estudos e melhorar seu salário, suas aulas e seu prestígio”	Foto de uma professora ensinando outra professora que está sentada em uma carteira.
168, dezembro/03	“ Guia de férias para o professor. Seis roteiros culturais de norte a sul do Brasil”	Foto de uma professora com um guia/mapa.
171, abril/04 *	“ Sou professor, sou índio. A educação indígena encontrou finalmente seu caminho”	Foto de um professor indígena.
175, setembro/04	“ Há vagas para professores. Nas escolas: Professores de Ciências, Física, Química e Matemática. Nas empresas: Professores de Língua Portuguesa, Inglês, Espanhol e Educação Física. Na educação a distância: Professores com boa didática e domínio da informática”	Foto de professores ao lado e sentados sobre um grande mural com ofertas de emprego.
176, outubro/04	“ Hoje é seu dia, professor! 15 de outubro. Dia do professor”	Foto de uma criança escondendo um buquê de flores, espiando pela porta de uma sala de aula.
178, dezembro/04	“ Boas férias, professor! ”	Foto da mesa e cadeira do professor, vazias, e de uma lousa com a manchete da capa escrita em giz.

Na categoria *Professores*, temos 19 capas que tratam de temas relativos ao exercício da docência. Nestas capas, a qualidade da formação dos professores nos cursos de magistério é colocada em discussão e a formação continuada é apresentada como alternativa para que o professor ensine melhor, melhore seu prestígio e, ao mesmo tempo, consiga melhorar seu salário. A tônica é a mudança: mudar para formar, caminhos para ensinar melhor, voltar aos estudos. A continuidade dos estudos é necessária para se ter um bom professor, uma boa aula, um bom salário.

Comparando essas capas ao longo dos anos de existência da revista, notamos uma mudança na tomada de posição no que se refere especificamente ao tema salário. Em uma de suas primeiras publicações, *Nova Escola* expõe a discrepância entre as remunerações dos professores que atuam em diferentes estados do Brasil. Em meados dos anos noventa, a revista assume uma outra posição: não é mais o professor de determinada região que ganha mais ou menos; é toda uma categoria. A revista destaca, através de um gesto de um personagem de domínio público, a idéia de que o professor enfrenta sérias dificuldades no cotidiano escolar, sendo financeiramente desvalorizado. A primeira capa (outubro de 1986) traz uma informação; a segunda (dezembro de 1991), uma denúncia.

Talvez, acreditando que nos tornamos professores compartilhando com outros nossas experiências, dificuldades e acertos, a revista vem destacando histórias de professores em diferentes exemplares. *Nova Escola* utiliza-se de uma estratégia de formação do professor-leitor que é a de dar voz e vez aos próprios colegas de profissão, responsáveis por exemplificar o “como se faz” na sala de aula.

As chamadas de algumas capas sugerem modelos de professores, exemplos a serem seguidos. Temos o professor que tem competência e ensina com prazer, que se orgulha de sua profissão (ex.: outubro de 2000 - “**Vida de professor**. Histórias de profissionais que ensinam com prazer” e outubro de 2001 - “**Ser professor é...10**”). Também temos o professor que desperta amor, carinho, admiração em seus alunos, insinuando que além de ser competente, é preciso ser afetuoso (ex.: outubro de 1987 - “**Meu mestre inesquecível**. O que faz a gente se lembrar dele a vida toda” e outubro de 2002 - “**Aos mestres, com carinho**”). Essas histórias ganham maior destaque nas capas das edições de outubro, mês em que se comemora o dia do professor.

Nos últimos quatro anos, a revista passou a veicular, nas edições de dezembro, capas que trazem como manchete o assunto ‘férias escolares’. Há, nessa linha editorial, uma tentativa de ruptura com a associação da imagem de *Nova Escola* limitada ao espaço escolar. Uma tentativa de ser *A Revista do Professor* em todos os momentos, seja durante o ano letivo, seja durante as férias escolares. A revista busca se aproximar desse leitor-professor nesse período que, teoricamente, ele não leria *Nova Escola*. Ao contrário: ele leria outros tipos de publicações, voltadas para o lazer e o entretenimento. A revista apresenta dicas de lazer para as férias, sugestões de leitura para esse período de descanso, informações para o cuidado do corpo, sugestões de roteiros de viagem. Interessante a insistência para convencer o professor da importância de ler a revista mesmo nos momentos de descanso e lazer.

Tabela 4. Descrição das capas referentes a Categoria EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
3, maio/86	“Como explicar a seus alunos a Reforma do Dinheiro ”	Foto de cédulas de dinheiro.
9, dezembro/86 *	“Especial: Os índios que conquistaram o governo de suas escolas ”	Foto de uma menina, de traços indígenas, com as mãos sobre um caderno aberto.
11, abril/87	“Alfabetização. Comunidades pobres do Rio assumem a educação de suas crianças ”	Foto de uma mulher, com um livro escolar aberto, cercada por crianças.
14, agosto/87 *	“Não desligue. Saiba tirar partido da Tevê que seus alunos assistem ”	Desenho de uma televisão, sintonizada no programa da Xuxa.
25, outubro/88 *	“ Escola rural . Um desafio que alguns estão conseguindo vencer”	Foto de um grupo de crianças, caminhando por uma estrada de terra, carregando materiais escolares.
32, agosto/89	“ Araguaia . Leigos conquistam uma nova formação e adaptam o ensino à realidade local”	Foto do rio. Foto pequena de um grupo de moradores da região no canto inferior da capa.
38, abril/90 *	“ Multisseriadas . O sucesso dos gaúchos”	Foto de uma professora sentada no chão da sala de aula, rodeada por crianças, com vários livros espalhados.

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
40, junho/90	“ Alfabetização. O segredo do sucesso dos movimentos populares”	Foto de uma professora ‘dirigindo’ a escrita de uma senhora idosa.
43, outubro/90	“ Bahia. Equipe percorre uma rede de municípios e leva vida nova às escolas em crise”	Desenho de um ônibus passando sobre uma lousa, deixando um rastro de giz.
63, dezembro/92	“ Jequitinhonha. A escola no coração da miséria”	Foto de uma mulher carregando uma pá, andando por estrada de terra. Foto pequena de um grupo de crianças em uma sala de aula no canto inferior da capa.
68, agosto/93 *	“ Leitura. Um projeto para a palavra escrita invadir a escola”	Foto de crianças com livros nas mãos.
69, setembro/93 *	“ Português. Recursos que levam os alunos a pesquisar, escrever, representar e ler muito mais do que a escola exige”	Foto de uma aluna usando uma máquina de escrever e um aluno com um livro, cercados por diferentes objetos (livros, violão, estojo de lápis colorido etc.).
70, outubro/93 *	“ Excursão. Para aprender Geografia e Português vendo tudo com os próprios olhos”	Foto de um navio ancorado no porto e desenho de alunos observando o navio e fazendo anotações.
71, novembro/93	“ São Francisco: como uma escola melhora a vida dos barranqueiros ”	Foto do rio, de um grupo de crianças e uma pequena foto de Paulo Freire no canto inferior da capa.
72, dezembro/93	“ Uma Pré-Escola leva suas crianças ao paraíso ”	Foto de crianças brincando em uma casinha de madeira.
73, março/94 *	“ Acertos. Por que a Educação vai tão bem em alguns municípios”	Foto de uma escola do estado do Ceará sobreposta a uma foto de uma cidade do Paraná.
74, abril/94 *	“ Filosofia. Um programa que ensina a pensar desde o pré”	Foto de alunos segurando e olhando um livro.
78, setembro/94 *	“ Português. Uma proposta democrática de ensino que encanta crianças e adultos”	Foto de três mulheres em sala de aula.

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
79, outubro/94	“O Projeto Axé encara o desafio de educar os Meninos de Rua ”	Foto de uma professora observando o trabalho de um aluno (ex-menino de rua).
84, maio/95	“Pesquisa: Solidão . Uma escola acorda para a dor da juventude”	Foto de um adolescente sentado no corredor de uma escola vazia.
89, novembro/95 *	“ A matemática fácil de pegar . Os conceitos mais abstratos viram uma brincadeira de sala de aula com os 400 jogos didáticos da Unicamp para o primeiro grau”	Foto de duas meninas, uma ‘pensando’ em fórmulas matemáticas e a outra manipulando um poliedro.
90, dezembro/95	“ Ensinado tudo com histórias . Cada vez mais os personagens da literatura infantil ajudam os alunos no aprendizado das disciplinas do primeiro grau”	Foto de várias crianças em sala de aula, brincando e conversando com personagens de histórias infantis.
91, março/96	“ Cozinhando e aprendendo . Escola catarinense solta o lado mestre-cuca das crianças e alcança excelente resultado no ensino de todas as disciplinas”	Foto de alguns pratos (torta, bolo etc.) em primeiro plano e, em segundo plano, de crianças em sala de aula.
92, abril/96	“ Ponha sua turma em órbita . Sugestões práticas para você colocar o céu na sala de aula e explorar o ensino de várias disciplinas com a ajuda da astronomia”	Foto de um menino segurando balões em forma de planetas.
93, maio/96	“ Sucata . Crie o melhor material didático quase de graça”	Foto de uma professora segurando garrafas plásticas, ‘pensando’ em materiais didáticos feitos com as garrafas.
94, junho/96	“ Olimpíadas . Como você pode usar em sala de aula o assunto do momento”	Foto de uma professora, com um apito na boca e olhando para o relógio no seu pulso, e alunos prontos para apostarem uma corrida.
96, setembro/96	“ O Faz-de-Conta é coisa séria para as crianças . Use as brincadeiras infantis para entender a cabeça dos alunos e	Foto da especialista em brincadeiras, Gisela Wajskop, sobreposta a uma foto de alunos

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
	dar aulas melhores”	brincando de ‘faz-de-conta’.
97, outubro/96 *	“ A Car-ti-lha se adapta aos novos tempos. O método silábico mantém a liderança, mas o construtivismo abre espaço no material de alfabetização mais adotado neste século”	Foto da escritora da cartilha ‘Caminho Suave’, de mãos dadas com a escritora de uma cartilha da linha construtivista.
98, novembro/96	“ Show de didática no sertão do Seridó. No interior do Rio Grande do Norte surgem técnicas de ensino na medida certa para as carências da região”	Foto de uma professora com um fantoche na mão.
100, março/97	“ Dê asas à sua didática com Monteiro Lobato ”	Foto de uma aluna ao lado do seu desenho: Emília, personagem de Monteiro Lobato.
101, abril/97 *	“ Inteligências Múltiplas. Como essa nova teoria é aplicada no ensino de Matemática por uma escola paulista”	Fotos de um menino representando as diversas inteligências (musical, intrapessoal, lógico-matemática etc.)
103, junho/97 *	“ Brincando com a ciência. Material didático inspirado em situações do dia-a-dia das crianças torna irresistível o aprendizado”	Foto de dois professores segurando materiais didáticos por eles elaborados.
105, setembro/97 *	“ 100 anos de Canudos. A política, a crise econômica e a seca causaram, há um século, uma guerra no sertão. Veja como algumas escolas pesquisam o episódio junto com temas atuais, como os sem-terra”	Foto de Canudos, mostrando jagunços prisioneiros.
106, outubro/97	“ Vamos aprender por aí. Da lojinha da esquina a lugares distantes, o estudo do meio transforma o mundo numa sala de aula”	Desenho de um ônibus, com uma professora e seus alunos, que se parece com uma sala de aula, pois os alunos estão sentados em carteiras.
107, novembro/97 *	“ Faça seu material de geografia. Siga passo a passo	Foto de um professor e o material de ensino que ele

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
	as instruções do especialista Mário de Biasi”	criou.
109, fevereiro/98	“ Como planejar 1998. Além das ELEIÇÕES para presidente e da COPA do Mundo, o calendário deste ano está repleto de oportunidades para você criar aulas mais interessantes e mais próximas da realidade de seus alunos”	Foto de um calendário, com fatos/datas importantes de cada mês em destaque.
112, maio/98	“ A viagem da leitura nas terras do faz-de-conta. Veja como despertar nas crianças a paixão de ler, com as rodas de histórias e as rodas de biblioteca”	Foto de um boneco de massinha dentro de um balão, olhando para um livro de histórias através de um binóculo.
113, junho/98 *	“ E agora, como dividir os bolos? Frações são melhor entendidas se ensinadas em situações concretas. Siga nossas dicas”	Foto de crianças ‘pensando’ em pedaços de bolos e tortas.
114, agosto/98 *	“Filmes de qualidade dão bons roteiros didáticos. Concorra ao Oscar de melhor aula No escurinho do cinema ”	Foto de alunos assistindo ao filme ‘Canudos’.
116, outubro/98	“ A maga revela suas fórmulas. Com ingredientes singelos como crina de cavalo, terra e papel, a mestra Zuleica faz tintas e massa de modelar usadas nos bonecos do boi-de-mamão”	Foto da professora seguida por seus alunos, com os materiais que ela cria.
119, fevereiro/99 *	“ Um roteiro para 1999. Veja nesta edição como planejar com seus colegas, mês a mês, as atividades multidisciplinares que este ano lhe reserva. E mais: as festas folclóricas são feitas sob medida para mostrar as culturas que formaram o povo brasileiro”	Foto de um calendário, com fatos/datas importantes de cada mês em destaque.
121, abril/99 *	“ O índio redescoberto. O homem chegou aqui 15 mil anos antes do que se pensava. Seus descendentes	Foto de um indígena, em primeiro plano, e um desenho que retrata uma tribo, em segundo plano.

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
	desenvolveram tecnologias, línguas e costumes bastante complexos e variados. Traga essas recentes descobertas da ciência para a sala de aula”	
122, maio/99	“ Lição de casa funciona? Sem dúvida! Veja como tirar bom proveito dessa tradicional ferramenta e, de quebra, motivar a garotada”	Foto de uma menina estudando em sua casa.
124, agosto/99 *	“ Com o inglês sua turma vai conquistar o mundo. Todos os seus alunos têm bons motivos para dominar essa língua. Mostre isso em classe com exemplos do dia-a-dia”	Foto de dois meninos abraçando o globo terrestre.
126, outubro/99	“ Planejar. Caminho seguro para aulas que valem ouro. Um guia para ajudar você a montar o planejamento de atividades em classe”	Desenho de um jogo de tabuleiro, simulando as etapas do planejamento, no qual a professora representa o ‘peão’.
129, jan. fev./00	“ Planejamento 2000. Sugestões para você preparar aulas ao longo de todo o ano”	Fotos de acontecimentos políticos, esportivos, de personalidades...
130, março/00	“ Como enfrentar o furacão Pokémon. Seus alunos estão loucos pelos monstros de bolso? Aprenda a lidar com essa mania e descubra formas de tirar proveito dela”	Desenho das personagens infantis.
132, maio/00 *	“ A nova Educação Infantil. Com propostas pedagógicas mais consistentes, creches e pré-escolas mudam o jeito de formar crianças”	Foto de uma aluna brincando com um barquinho de papel em uma piscina.
134, agosto/00 *	“Professores de todo país mostram que a Educação Física é muito mais do que apenas praticar esportes”	Foto de um professor em atividade física com seus alunos.
140, março/01	“ Livro didático. Use bem e desperte a vontade de aprender”	Foto de uma menina lendo um livro.
141, abril/01	“ Como lidar com esses temas na sala de aula ”	Foto de uma mão de adulto segurando a de uma criança, com

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
		diferentes temas (aborto, drogas, violência) escritos ao fundo.
143, jun. jul./01 *	“ O prazer da descoberta. Use o mundo à sua volta para animar as aulas de Ciências”	Foto de uma professora, segurando uma planta, e seu aluno observando-a com uma lupa.
144, agosto/01 *	“ Ilumine suas aulas. Aproveite a crise de energia para formar alunos mais conscientes de seu papel no mundo”	Foto de uma professora segurando uma lâmpada acesa, com seus alunos observando.
149, jan. fev./02	“ Volta às aulas • como preparar a escola e receber os alunos • sugestões de atividades para motivar a turma”	Foto de uma aluna entrando na escola.
151, abril/02	“ A escola de chuteiras. Use a Copa do Mundo para levar o dia-a-dia dos alunos para dentro da sala de aula”	Foto dos pés de um aluno, usando chuteiras, com uma bola nos pés, embaixo da carteira, em sala de aula.
161, abril/03 *	“ Cultura visual. Ensine o aluno a ler as imagens do cotidiano”	Foto de uma professora e de uma aluna olhando para alguns desenhos.
163, jun. jul./03	“ Memória não é decoreba ■ Como o cérebro funciona ■ Como estimular seus alunos a aprender mais e melhor”	Foto de um aluno ‘pensativo’ em sala de aula, segurando um giz.
167, novembro/03 *	“ Ensinar assim é outra história ■ Ex-condutor conta como era a vida no tempo do bonde ■ Os alunos descobrem o passado que não está nos livros”	Foto de uma professora com um aluno e um ex-condutor de trem em sala de aula.
170, março/04 *	“ Alfabetização. Professora troca a cartilha por receitas, cardápios e placas e alunos finalmente aprendem a ler e escrever”	Foto de uma professora apontando para as palavras escritas na lousa, que são mostradas para seu aluno.

Na categoria *Experiências Educacionais*, temos 59 capas. Há uma predominância desse tema na década de 90, que vai crescendo ao longo dos anos, revelando a linha editorial então assumida pela revista.

Nos primeiros dez anos de circulação da *Nova Escola*, as manchetes das capas apontam para relatos de experiências educacionais desenvolvidas por escolas, municípios, estados, comunidades e movimentos populares. São experiências no âmbito da administração escolar, da alfabetização, de novas propostas de ensino-aprendizagem. Enfim, práticas educativas de sucesso, como as apresentadas nos exemplares de outubro de 1988 (“**Escola rural**. Um desafio que alguns estão conseguindo vencer”) e abril de 1990 (“**Multisseriadas**. O sucesso dos gaúchos”).

A partir de 1996, as capas passam a enfatizar experiências educativas mais relacionadas com o cotidiano de sala de aula. Trazem sugestões de atividades, algumas elaboradas por escolas e/ou professores, outras elaboradas pela própria equipe da revista. Abordam assuntos e temas relacionados às diferentes disciplinas do currículo escolar, explicando-as passo a passo, a fim de ‘facilitar’ a vida do professor e tornar suas aulas ‘mais interessantes’. As edições de março de 1996 (“**Cozinhando e aprendendo**. Escola catarinense solta o lado mestre-cuca das crianças e alcança excelente resultado no ensino de todas as disciplinas”) e junho de 1998 (“**E agora, como dividir os bolos?** Frações são melhor entendidas se ensinadas em situações concretas. Siga nossas dicas”) exemplificam os tipos de manchete desse período.

Tornar as aulas ‘mais interessantes’ também é o objetivo das capas que sugerem ao professor construir materiais didáticos, a partir de materiais recicláveis ou de baixo-custo, como as publicações de maio de 1996 (“**Sucata**. Crie o melhor material didático quase de graça”) e de outubro de 1998 (“**A maga revela suas fórmulas**. Com ingredientes singelos como crina de cavalo, terra e papel, a mestra Zuleica faz tintas e massa de modelar usadas nos bonecos do boi-de-mamão”).

Chama-nos a atenção a valorização de experiências de escolas que fogem ao padrão da classe média urbana, como as relatadas nos exemplares de abril de 1987 (“Alfabetização. **Comunidades pobres do Rio assumem a educação de suas crianças**”), dezembro de 1992 (“**Jequitinhonha**. A escola no coração da miséria”) e outubro de 1994 (“O Projeto Axé encara o desafio de educar os **Meninos de Rua**”).

No conjunto de manchetes elencadas nessa categoria, o advérbio *Como* é uma constante, sinalizando uma preocupação prescritiva, ou seja, a revista parece querer ensinar ao professor uma receita para um melhor desempenho didático: como usar o universo

local/próximo da escola para o conhecimento mais amplo e complexo da realidade (ex.: setembro de 1997 - “**100 anos de Canudos**. A política, a crise econômica e a seca causaram, há um século, uma guerra no sertão. Veja como algumas escolas pesquisam o episódio junto com temas atuais, como os sem-terra”); como aproveitar temas atuais para ensinar um conteúdo curricular (ex.: junho de 1996 - “**Olimpíadas**. Como você pode usar em sala de aula o assunto do momento”).

São muitas as mudanças propostas: de um conteúdo universal e abstrato para um próximo à realidade do aluno; de um ensino chato e cansativo para o prazeroso e divertido; de um ensino unidisciplinar para um multidisciplinar; de uma visão homogênea da escola para uma heterogênea, complexa, plural; da exclusividade da linguagem verbal para a apropriação de outras linguagens (do cinema, da televisão, das imagens do cotidiano).

Tabela 5. Descrição das capas referentes a Categoria TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
5, agosto/86	“ O computador invade o 1º. Grau (Isso é bom para o professor?)”	Foto de alunos trabalhando no computador.
14, agosto/87 *	“ Não desligue. Saiba tirar partido da Tevé que seus alunos assistem ”	Desenho de uma televisão, sintonizada no programa da Xuxa.
86, agosto/95	“ Computador. Você ainda vai ensinar com um. Fácil de lidar como um eletrodoméstico, ele chega às escolas e só vai melhorar seu trabalho”	Foto de um mouse sobre fileiras de giz.
110, março/98	“ O micro invade a sala. 100 mil computadores estão chegando às escolas públicas. A Internet vai mudar sua maneira de dar aulas. Gilberto Dimenstein explica por que não se vive sem a informática”	Foto de um garoto com um cd-rom nas mãos, em frente ao computador, cujo monitor mostra o rosto de uma professora.
114, agosto/98 *	“Filmes de qualidade dão bons roteiros didáticos. Concorra ao Oscar de melhor aula No escurinho do cinema ”	Foto de alunos assistindo ao filme ‘Canudos’.
118, dezembro/98 *	“ A programação na sua mira. Estimule seus alunos a ‘ler’ criticamente o que passa na telinha: das novelas aos filmes	Foto de vários programas televisivos: infantil, filme e novela.

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
	policiais, da propaganda à ‘baixaria’ de certos programas de auditório. Só assim eles se tornarão futuros cidadãos”	

As 6 capas correspondentes à categoria *Tecnologia e Educação* destacam a utilização da tecnologia (computadores, programas televisivos e filmes) em relação aos recursos didáticos tradicionais (livro didático, materiais feitos de sucata etc.), também utilizados e enfatizados pela revista como recursos para aprendizagem. É interessante notar que, no que se refere especificamente ao computador, em um primeiro momento (agosto/86), sua chegada à escola é vista pela revista com um certo ‘receio’. Aproximadamente dez anos depois (agosto/95), ele é recebido com euforia, como um ‘eletrodoméstico’ que chega para melhorar a vida do professor. Posteriormente (março/98), a informática é tratada pela *Nova Escola* como parte integrante do cotidiano escolar.

Tabela 6. Descrição das capas referentes a Categoria TEÓRICOS E TEORIAS

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
15, setembro/87	“ Alfabetização. Um novo jeito de vencer esse bicho-papão”	Foto de alunos em sala de aula, escrevendo e conversando. Na parede da sala há cartazes com fotos, palavras e frases.
28, março/89	“ Revolução na alfabetização. Idéias de Emilia Ferreiro mudam a postura do professor”	Foto de uma professora lendo para um pequeno grupo de crianças, sentados na grama. Foto pequena de Emilia Ferreiro no canto inferior da capa.
34, outubro/89	“ Emilia Ferreiro. Uma aula de alfabetização para 10 mil professores brasileiros”	Foto da Emilia Ferreiro.
37, março/90	“ Analfabetismo. A vergonha nacional”	Desenho de uma impressão digital.
41, agosto/90	“ O que é alfabetizar. Por que ensinar a ler e escrever não basta mais”	Foto de alunos em sala de aula, com livros nas mãos.
48, maio/91	“ Construtivismo. Dez anos que abalaram nossas crenças”	Foto de alunos em sala de aula, focalizando uma menina sorridente em sua

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
		carteira, com seus materiais escolares.
57, maio/92	“Em matéria de alfabetização damos banho no Primeiro Mundo”	Foto da Deputada Federal Esther Grossi.
65, abril/93	“Bernadete. Como consegui me tornar uma construtivista”.	Foto da professora parada na porta da sala de aula, com os braços cruzados. Seus alunos estão nas carteiras, levantando os braços, como se quisessem falar algo.
82, março/95	“Construtivismo. 50 pontos básicos trocados em miúdos”	Foto da mão de uma criança manipulando blocos com números, letras e desenhos.
87, setembro/95	“Malba Tahan. No centenário do nosso maior professor de todos os tempos, inspire-se na didática pioneira que ele criou”	Duas fotos de Malba Tahan em um álbum de fotografia.
95, agosto/96	“Sabe o que este velhinho fez pelo ensino básico? Ele sacudiu a Pedagogia do século XX decifrando como a criança raciocina”	Desenho do retrato de Jean Piaget. Foto de dois livros de pano no canto inferior da capa.
97, outubro/96 *	“A Car-ti-lha se adapta aos novos tempos. O método silábico mantém a liderança, mas o construtivismo abre espaço no material de alfabetização mais adotado neste século”	Foto da escritora da cartilha ‘Caminho Suave’, de mãos dadas com a escritora de uma cartilha da linha construtivista.
99, dezembro/96	“Bastão X Cursiva. Os prós e os contras de cada letra na alfabetização”	Desenho da manchete da revista escrita nos formatos bastão e cursiva, em uma folha de cadern ^o
101, abril/97 *	“Inteligências Múltiplas. Como essa nova teoria é aplicada no ensino de Matemática por uma escola paulista”	Fotos de um menino representando as diversas inteligências (musical, intrapessoal, lógico-matemática etc.)
135, setembro/00	“Competências. Prepare seus alunos para as novas exigências do mundo”	Desenho de um jovem no centro de um círculo, cercado por diferentes imagens (globo,

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
		computador, livro, planta etc.)
139, jan. fev./01	“O que eles ainda têm a nos ensinar”	Foto de uma professora caminhando de mãos dadas com uma aluna, sobre os retratos de vários pensadores da educação.
145, setembro/01	“ Mais que alfabetizar. Por que é importante ensinar às crianças a função da língua e não apenas os códigos da leitura e escrita”	Foto de dois alunos e da mão de uma professora apontando para o jornal que as crianças estão lendo.

Na categoria *Teóricos e Teorias*, temos 17 capas. É dada grande ênfase à teoria construtivista e a seus maiores representantes - Jean Piaget e Emilia Ferreiro, principalmente no que se refere à aplicação dessa teoria ao processo de alfabetização - tema recorrente, principalmente nos primeiros dez anos de publicação da revista. Ao compararmos a manchete com a imagem da capa, observa-se a personificação da teoria pelos autores, como no exemplar de março de 1989.

A *Nova Escola* assume nessa categoria a função de divulgar a contribuição dos estudos teóricos aos professores. Podemos pressupor que ela defende que as mudanças necessárias na prática educacional são decorrentes da apropriação pelos professores das recentes pesquisas de diferentes áreas do conhecimento (Psicologia, Linguística, História etc.).

Tabela 7. Descrição das capas referentes a Categoria POLÍTICA EDUCACIONAL

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
1, março/86	“ O milagre da multiplicação de vagas. Adonilson: de moleque de rua a aluno de Primeiro Grau”	Foto de um menino sorrindo, com um estilingue preso à camiseta.
2, abril/86	“ A reforma silenciosa. Como nossos professores estão mudando o 1º. Grau”	Desenho de professores em atividades do cotidiano escolar.
4, junho/86	“ Escola rural. Uma lição de heroísmo”	Foto de uma professora em sua mesa, cercada por seus alunos, em sala de aula.
9, dezembro/86 *	“Especial: Os índios que	Foto de uma menina, de

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
	conquistaram o governo de suas escolas”	traços indígenas, com as mãos sobre um caderno aberto.
17, novembro/87	“O poder do professor. Ele constrói o sucesso (ou o fracasso) de um aluno”	Desenho de duas crianças, uma saindo e outra entrando na sala de aula.
18, dezembro/87	“Biblioteca para poucos. Está na hora de acabar com essa triste realidade”	Foto de uma menina lendo um livro, próxima a estantes com livros.
20, abril/88	“Criança precisa sentar direito. Como resolver o problema da carteira inadequada”	Foto de alunos em suas carteiras.
22, junho/88	“Pais X Professores. A difícil convivência na hora da alfabetização”	Desenho de uma professora em sala de aula, observando uma mãe segurando o filho enquanto este escreve na lousa a frase ‘a pata nada’.
23, agosto/88	“Perigos da municipalização. O que você pode fazer para enfrentar esse desafio”	Desenho de vários professores em passeata, segurando faixas e cartazes.
24, setembro/88	“Escolas boas e bonitas ajudam a ensinar. E podem custar menos”	Foto de duas maquetes de prédios escolares.
25, outubro/88 *	“Escola rural. Um desafio que alguns estão conseguindo vencer”	Foto de um grupo de crianças, caminhando por uma estrada de terra, carregando materiais escolares.
29, abril/89	“Ensino noturno. É preciso garantir esta conquista”	Foto de jovens na frente de uma escola.
30, maio/89	“Ciclo básico. Uma nova arma contra a evasão”	Foto de um grupo de crianças em sala de aula, manuseando cartões de letras. Foto pequena de Paulo Freire no canto inferior da capa.
38, abril/90 *	“Multisseriadas. O sucesso dos gaúchos”	Foto de uma professora sentada no chão da sala de aula, rodeada por crianças, com vários livros espalhados.

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
44, novembro/90	“Para que serve a Pré-Escola”	Foto de uma professora com uma aluna sentada no colo, lendo um livro, cercada por outras crianças, em um parquinho.
45, dezembro/90	“Castigos e humilhações. A confusão entre autoridade e autoritarismo”	Foto de um aluno no canto da sala de aula, de frente para a parede, com um ‘chapéu de burro’.
50, agosto/91	“Educação Especial. As boas soluções já adotadas e o longo caminho a percorrer”	Foto de uma menina na cadeira de rodas, parada em frente a uma escada.
58, junho/92	“Grêmios. O que está impedindo essa conquista”	Foto de um grupo de adolescentes em um grêmio, com equipamento de rádio.
60, setembro/92	“Como lidar com o erro”	Foto de uma professora e um aluno na frente da sala de aula, ao lado da lousa.
73, março/94 *	“Acertos. Por que a Educação vai tão bem em alguns municípios”	Foto de uma escola do estado do Ceará sobreposta a uma foto de uma cidade do Paraná.
83, abril/95	“Você faria esse menino repetir de ano? Descubra quem é ele e sinta o drama da reprovação”	Desenho de um retrato antigo de uma criança, trajando um uniforme escolar.
104, agosto/97	“O check-up do ensino. O que são, quais são e para que servem os testes de rendimento escolar aplicados em grande escala a estudantes de primeiro e segundo grau”	Simulação de um eletrocardiograma, no qual forma-se o desenho de uma escola.
117, novembro/98	“Um casamento que dá certo. As empresas se firmam como os novos mecenas da educação. Tornam-se parceiras da Escola, financiando treinamento de professores, programas de leitura, feiras de Ciências e muito mais”	Desenho de uma empresa e de uma escola, com formas humanas, dando as mãos.
132, maio/00 *	“A nova Educação Infantil. Com propostas pedagógicas mais consistentes, creches e	Foto de uma aluna brincando com um barquinho de papel em

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
	pré-escolas mudam o jeito de formar crianças”	uma piscina.
133, jun. jul./00	“ Para onde caminha a Educação. A sociedade brasileira se mobiliza para democratizar a gestão da escola e melhorar a qualidade do ensino”	Foto de uma criança caminhando, carregando cadernos, com o mapa do Brasil ao fundo.
137, novembro/00	“Como acabar com o Drama da repetência ”	Foto de um aluno segurando um boletim, com o carimbo de ‘reprovado’.
138, dezembro/00	“ Quer acertar? Envolver direção, professores e alunos no planejamento é o melhor jeito de colocar a escola em sintonia com o século XXI”	Foto de um alvo com um lápis no centro.
147, novembro/01	“ Avaliação. Os melhores métodos para analisar o desenvolvimento dos alunos e refletir o desempenho do professor”	Foto de uma professora rindo com sua aluna, que está segurando uma prova.
152, maio/02	“Reprovação alta, preconceito, autoritarismo, desrespeito. O que isso tem a ver com a violência? ”	Foto de uma sala de aula. Foca-se a mão de um aluno escrevendo, na qual se encontra o desenho de um revólver.
159, jan. fev./03	“ Avaliar para ensinar, não para dar nota”	Foto de uma professora observando o aluno escrevendo.
160, março/03	“ Ciclo de aprendizagem. Culpado ou inocente?”	Foto de uma carteira vazia, com uma bancada de professores ao fundo.
162, maio/03	“ Biblioteca escolar, muito prazer”	Foto de uma menina lendo um livro.
171, abril/04 *	“ Sou professor, sou índio. A educação indígena encontrou finalmente seu caminho”	Foto de um professor indígena.
172, maio/04	“ Falta de atenção. Um teste para você descobrir se o seu aluno precisa ou não de tratamento”	Foto de uma professora observando uma aluna distraída em sala de aula.
173, jun. jul./04	“ Cola. Que tal rever seus métodos de avaliação?”	Foto de uma aluna observando a prova do colega.

A categoria *Política Educacional* engloba 35 capas que trazem os mais diversos assuntos relacionados à estrutura e funcionamento do ensino, mostrando a complexidade do sistema educacional, com suas inúmeras facetas.

As capas apresentam essa temática de acordo com os ciclos ou séries escolares (Educação Infantil, Multisseriadas, Ciclo Básico); com os períodos de aula (diurno, noturno); com a forma de administrar (municipalização, democratização do ensino); com os desafios cotidianos (repetência, falta de atenção, diversidade de condições sócio-econômicas), acompanhando, assim, as mudanças na educação.

Percebe-se também, nesta categoria, a preocupação acentuada com a Avaliação: avalia-se o aluno, muda-se o conceito sobre avaliação, avalia-se a aula, o professor, os métodos. Reforça-se a idéia de avaliação como processo contínuo e cotidiano, e não como instrumento de reprovação e/ou punição do aluno.

Tabela 8. Descrição das capas referentes a Categoria DISCIPLINAS, Subcategoria CIÊNCIAS

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
36, dezembro/89	“ Ciências. Por que o ensino deve se voltar para a vida”	Foto de alunos em um laboratório.
55, março/92 *	“ Educação Ambiental. O papel do professor na defesa do futuro da humanidade e do planeta”	Foto de uma professora com seus alunos, próximos a um lago. As crianças estão fazendo anotações.
61, outubro/92	“O prazer de aprender Ciências ”	Foto de um menino observando uma plantinha dentro de um vidro.
103, junho/97 *	“ Brincando com a ciência. Material didático inspirado em situações do dia-a-dia das crianças torna irresistível o aprendizado”	Foto de dois professores segurando materiais didáticos por eles elaborados.
143, jun. jul./01 *	“ O prazer da descoberta. Use o mundo à sua volta para animar as aulas de Ciências”	Foto de uma professora, segurando uma planta, e seu aluno observando-a com uma lupa.
169, jan. fev./04	“ Ciências na palma da mão. Meio Ambiente: de perto é bem mais fácil”	Foto de uma aluna, próxima a um rio, com as mãos sujas de barro.

Tabela 9. Descrição das capas referentes a Categoria DISCIPLINAS, Subcategoria EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
35, novembro/89	“ Educação Artística. A falta que ela faz às crianças”	Foto de crianças fazendo uma roupa com jornal. Foto pequena de Marta Suplicy no canto inferior da capa.
67, junho/93	“■ abre mil horizontes ■ desinibe ■ alegre ■ explica o mundo ■ ajuda a aprender qualquer coisa. É o Poder do Teatro ”	Foto de um menino maquiado como ‘Carlitos’, personagem de Charles Chaplin.
161, abril/03 *	“ Cultura visual. Ensine o aluno a ler as imagens do cotidiano”	Foto de uma professora e uma aluna olhando para alguns desenhos.

Tabela 10. Descrição das capas referentes a Categoria DISCIPLINAS, Subcategoria EDUCAÇÃO FÍSICA

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
42, setembro/90	“ Educação Física. Por que o corpo do aluno é um incômodo para a escola”	Foto de um aluno pulando sobre uma pilha de pneus.
134, agosto/00 *	“Professores de todo país mostram que a Educação Física é muito mais do que apenas praticar esportes”	Foto de um professor em atividade física com seus alunos.

Tabela 11. Descrição das capas referentes a Categoria DISCIPLINAS, Subcategoria EDUCAÇÃO SEXUAL

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
13, junho/87	“ Educação sexual. Problema que a escola já não pode ignorar”	Foto de um professor em sala de aula, falando ao microfone, com seus alunos. Na sala também encontram-se um computador e materiais didáticos.
77, agosto/94	“ Aids. Como ajudar a conter a epidemia e lutar pela vida”	Foto de um adolescente enchendo de ar uma camisinha e outros dois observando.

Tabela 12. Descrição das capas referentes a Categoria DISCIPLINAS, Subcategoria FILOSOFIA

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
74, abril/94 *	“ Filosofia. Um programa que ensina a pensar desde o pré”	Foto de alunos segurando e olhando um livro.

Tabela 13. Descrição das capas referentes a Categoria DISCIPLINAS, Subcategoria GEOGRAFIA

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
59, agosto/92	“ Geografia. Para entender como o homem interfere no seu destino e no do planeta”	Foto de uma cena da personagem de Charles Chaplin no filme ‘O Grande Ditador’.
70, outubro/93 *	“ Excursão. Para aprender Geografia e Português vendo tudo com os próprios olhos”	Foto de um navio ancorado no porto e desenho de alunos observando o navio e fazendo anotações.
88, outubro/95	“ Revolução no mapa do relevo brasileiro ”	Desenho de uma professora mostrando o mapa brasileiro para uma aluna.
107, novembro/97 *	“ Faça seu material de geografia. Siga passo a passo as instruções do especialista Mário de Biasi”	Foto de um professor e o material de ensino que ele criou.
164, agosto/03	“ Geografia do novo mundo. Para entender a globalização”	Foto de uma professora com seus alunos estudando o globo terrestre e alguns livros. Foto pequena de uma professora com um avental ‘que conta histórias’, no canto inferior da capa.

Tabela 14. Descrição das capas referentes a Categoria DISCIPLINAS, Subcategoria HISTÓRIA

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
53, novembro/91	“ História. O que é preciso para melhorar o ensino dessa disciplina”	Foto de um monumento da ex-URSS tomado por militantes.
56, abril/92	“ 500 anos de América. Por que tanta gente diz que não há motivo pra festa”	Foto de um balão/réplica da embarcação de Colombo.
105, setembro/97 *	“ 100 anos de Canudos. A política, a crise econômica e a	Foto de Canudos, mostrando jagunços

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
	seca causaram, há um século, uma guerra no sertão. Veja como algumas escolas pesquisam o episódio junto com temas atuais, como os sem-terra”	prisioneiros.
127, novembro/99	“ Extra! O Brasil é descoberto. Conheça as últimas notícias do Descobrimento, antes de elas saírem nos livros didáticos!”	Desenho de um jornal com fotos e notícias sobre o Descobrimento do Brasil.
167, novembro/03 *	“ Ensinar assim é outra história ■ Ex-condutor conta como era a vida no tempo do bonde ■ Os alunos descobrem o passado que não está nos livros”	Foto de uma professora com um aluno e um ex-condutor de trem em sala de aula.

Tabela 15. Descrição das capas referentes a Categoria DISCIPLINAS, Subcategoria INGLÊS

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
124, agosto/99 *	“ Com o inglês sua turma vai conquistar o mundo. Todos os seus alunos têm bons motivos para dominar essa língua. Mostre isso em classe com exemplos do dia-a-dia”	Foto de dois meninos abraçando o globo terrestre.

Tabela 16. Descrição das capas referentes a Categoria DISCIPLINAS, Subcategoria MATEMÁTICA

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
80, novembro/94	“ Matemática com alegria ”	Foto de alunos rindo, deitados no chão, com ‘números’ nas mãos.
89, novembro/95 *	“ A matemática fácil de pegar. Os conceitos mais abstratos viram uma brincadeira de sala de aula com os 400 jogos didáticos da Unicamp para o primeiro grau”	Foto de duas meninas, uma ‘pensando’ em fórmulas matemáticas e a outra manipulando um poliedro.
101, abril/97 *	“ Inteligências Múltiplas. Como essa nova teoria é aplicada no ensino de Matemática por uma escola paulista”	Fotos de um menino representando as diversas inteligências (musical, intrapessoal, lógico-matemática etc.)

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
113, junho/98 *	“E agora, como dividir os bolos? Frações são melhor entendidas se ensinadas em situações concretas. Siga nossas dicas”	Foto de crianças ‘pensando’ em pedaços de bolos e tortas.
150, março/02	“- medo + prazer – continhas + raciocínio = Educação matemática”	Foto de uma professora e de uma aluna rindo, manipulando ‘números’.

Tabela 17. Descrição das capas referentes a Categoria DISCIPLINAS, Subcategoria PORTUGUÊS

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
27, dezembro/88	“Por que nossas crianças não conseguem produzir bons textos”	Foto de uma aluna ‘pensativa’, segurando o lápis sobre o caderno.
62, novembro/92	“A gramática perde o ranço”	Foto de um aluno sentado na carteira, mexendo com o braço, com palavras escritas ao fundo.
68, agosto/93 *	“Leitura. Um projeto para a palavra escrita invadir a escola”	Foto de crianças com livros nas mãos.
69, setembro/93 *	“Português. Recursos que levam os alunos a pesquisar, escrever, representar e ler muito mais do que a escola exige”	Foto de uma aluna usando uma máquina de escrever e um aluno com um livro, cercados por diferentes objetos (livros, violão, estojo de lápis colorido etc.).
70, outubro/93 *	“Excursão. Para aprender Geografia e Português vendo tudo com os próprios olhos”	Foto de um navio ancorado no porto e desenho de alunos observando o navio e fazendo anotações.
78, setembro/94 *	“Português. Uma proposta democrática de ensino que encanta crianças e adultos”	Foto de três mulheres em sala de aula.
97, outubro/96 *	“A Car-ti-lha se adapta aos novos tempos. O método silábico mantém a liderança, mas o construtivismo abre espaço no material de alfabetização mais adotado neste século”	Foto da escritora da cartilha ‘Caminho Suave’, de mãos dadas com a escritora de uma cartilha da linha construtivista.
170, março/04 *	“Alfabetização. Professora troca a cartilha por receitas,	Foto de uma professora apontando para as

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
	cardápios e placas e alunos finalmente aprendem a ler e escrever”	palavras escritas na lousa, que são mostradas para seu aluno.

Na categoria *Disciplinas*, temos 38 capas distribuídas entre as subcategorias Ciências (6), Educação Artística (3), Educação Física (2), Educação Sexual (2), Filosofia (1), Geografia (5), História (5), Inglês (1), Matemática (5) e Português (8).

Essa categoria reúne manchetes que já foram destacadas em outras categorias, considerando-se a dificuldade de se separar “o que se diz” do “como se faz”: a metodologia encontra-se articulada com o programa da disciplina, como na edição de junho de 1997 (“**Brincando com a ciência**. Material didático inspirado em situações do dia-a-dia das crianças torna irresistível o aprendizado”). As capas priorizam determinados conteúdos dessas disciplinas, bem como sugestões de atividades e maneiras de se trabalhar esses conteúdos.

Pode-se afirmar que a revista antecipou as discussões a respeito da orientação sexual, em relação aos Parâmetros Curriculares Nacionais (op. cit.), chamando a atenção para o tema em uma de suas primeiras edições (junho/1987).

Dentre as 6 capas pertencentes à subcategoria Ciências, 3 se referem ao ‘estudo do meio’, uma metodologia que acompanha as novas orientações do ensino de Ciências: aprender *in loco*.

Há uma predominância das capas relacionadas ao ensino de Português, as quais abordam a mudança na concepção teórica e metodológica desta disciplina: “o quê” e o “como ensinar” para “para quê” e “em quê condições”. Ampliam-se os materiais e usos da leitura e da escrita; questiona-se o ensino de línguas pela gramática; ressalta-se o ensino com prazer e sedução, capaz de levar o aluno para outros mundos através da leitura e enfatizam-se as discussões em torno da alfabetização.

No conjunto de manchetes que destacam as disciplinas, o enfoque é para ensinar com prazer (outubro de 1992 - “O prazer de aprender **Ciências**” e novembro de 1995 - “**A matemática fácil de pegar**. Os conceitos mais abstratos viram uma brincadeira de sala de aula com os 400 jogos didáticos da Unicamp para o primeiro grau”); utilizar a realidade mais próxima do aluno (outubro de 1993 - “**Excursão**. Para aprender Geografia e Português vendo tudo com os próprios olhos” e junho/julho de 2001 - “**O prazer da descoberta**. Use

o mundo à sua volta para animar as aulas de Ciências”); formar um cidadão mais crítico e mais comprometido com a sociedade (agosto de 1992 - “**Geografia**. Para entender como o homem interfere no seu destino e no do planeta” e abril de 1994 - “**Filosofia**. Um programa que ensina a pensar desde o pré”).

Tabela 18. Descrição das capas referentes a Categoria DIVERSAS

Nº da revista <i>Nova Escola</i>	Chamada Principal	Descrição da Capa
33, setembro/89	“ Tocantins . O que você precisa saber sobre o novo Estado”	Quatro fotos do estado.
49, junho/91	“ Drogas . As mais usadas são as menos combatidas”	Foto de um grupo de adolescentes fumando, bebendo, conversando...
66, maio/93	“Brigar, ir à escola, correr da polícia, morrer se for preciso. Gangues juvenis ”	Foto de um garoto, com o rosto coberto, pichando o muro de uma escola.
75, maio/94	“ Infância perdida . Mais de 7 milhões de crianças que deveriam estar na escola, trabalham. Muitas como escravas”	Foto de um menino segurando uma enxada.
76, junho/94	“O porquê de tanta paixão pelo Futebol ”	Foto de um menino vestindo a camisa da seleção brasileira.
153, jun. jul./02	“ Plugado no mundo . Para transformar a informação em conhecimento”	Foto de uma professora ao fundo, observando um aluno que está ‘plugando’ o globo terrestre.

A categoria *Diversas* apresenta 6 capas cujas chamadas, em sua maioria, apontam para assuntos que não estão diretamente ligados ao universo escolar.

Ao organizarmos as capas em categorias, de acordo com suas respectivas manchetes, pudemos constatar que a temática priorizada pela *Nova Escola* é a que se refere às experiências educacionais, ainda que a maneira de mostrá-la tenha passado por transformações ao longo dos anos.

Interessante destacar que o projeto editorial da revista não é traçado pela ênfase nos problemas e fracassos da educação. É como se esse discurso crítico em relação à escola tradicional, com seus defeitos, erros e equívocos já estivesse posto e consolidado. O importante é apostar nas mudanças que vêm ocorrendo em torno dos paradigmas teórico-metodológicos educacionais; nas boas experiências que servem como caminhos a serem

percorridos pelos leitores-professores; na construção de uma “nova escola”, de um novo professor que aceite os novos desafios.

O movimento das capas está ligado ao movimento da própria história da educação, da escola e de seus agentes – professores, alunos. Por ser um gênero jornalístico, acreditamos que a revista estampa em suas capas os temas que estão em evidência, naquele momento, na academia, na mídia, nos espaços onde se discutem a educação, para o professor - leitor da revista - conhecer, entender e apropriar-se das novas teorias e métodos que emergem nesse campo.

4. AS CAPAS DA NOVA ESCOLA: IMAGENS DA EDUCAÇÃO

4.1. Vendo/Lendo as capas

Palavra e imagem são como cadeira e mesa: se você quiser se sentar à mesa, precisa de ambas.

Jean-Luc Godard

Neste capítulo selecionamos cinco capas da revista *Nova Escola* - os exemplares nº 32 (agosto/1989), nº 69 (setembro/1993), nº 93 (maio/1996), nº 122 (maio/1999) e nº 170 (março/2004) - objetivando, ao nos determos em capas representativas de momentos distintos da publicação, já que há um período de aproximadamente 15 anos separando a primeira da última e de alguns anos separando a primeira da segunda e assim, sucessivamente, identificar se houve ou não mudanças na forma de apresentar determinados temas relativos à área educacional, realizando um estudo mais detalhado das linguagens verbal e visual estampadas nessas capas.

Em um primeiro momento, tivemos que definir se nossa análise tomaria como objeto capas pertencentes a uma mesma categoria ou capas pertencentes a categorias diferentes. Optamos por trabalhar com capas de uma mesma categoria, o que facilitaria o acompanhamento das mudanças sofridas pela revista. No segundo momento, definimos qual seria essa categoria. O critério determinante foi o da quantidade: selecionamos, então, aquela que engloba o maior número de capas - a categoria *Experiências Educacionais*.

Quanto à escolha das cinco capas, o processo foi um pouco mais demorado e, se assim podemos dizer, um tanto quanto ‘desordenado’. Foram feitas várias consultas ao material, em um movimento de constantes idas e vindas. Como constata Gomes (1992, p. 259), durante seu trabalho com as capas da revista *Veja*, “o percurso do olhar sobre uma capa, ou todas as capas expostas, sobre a profusão colorida (...) é de caráter difuso que só se vincula, ou se retarda, ao encontrar um foco de atenção”. Nosso olhar continuou ‘vagando’ até que encontrássemos esse “foco de atenção”.

Para a organização das capas em categorias, tomamos as informações fornecidas pelas manchetes como referência. Já nossa escolha pelas cinco capas norteou-se principalmente pelas imagens que estas apresentam. Para Gomes (op. cit.), a imagem

também foi determinante na escolha das capas as quais esta autora viria a analisar, visto que ela é preponderante sobre o texto em termos de “foco de atenção”.

O olhar se detém nessas cores organizadas de forma figurativa (ou não), nas figuras quando apresentadas em branco/preto ou simplesmente silhuetadas: são elas, as imagens, sob o aspecto da combinação de cores, que assumem a função de atração. Mesmo se considerarmos as chamadas como elemento indissociado (e indissociável), é pelo seu tratamento antes imagético que verbal a via pela qual estas podem tornar-se um foco de atenção. A composição por contrastes de cores e proporções aplicada às letras pode constituí-las num foco para o olhar. (Ibidem, p. 259)

Selecionadas as capas, o passo seguinte foi o de definirmos quais seriam os critérios para análise das mesmas, principalmente quanto à linguagem visual. Como trabalhar com essas imagens? Deveríamos adotar metodologias estabelecidas por outros estudiosos?

Primeiramente gostaríamos de esclarecer que nosso objetivo não é definir o conceito de imagem, mas sim buscar maneiras de se trabalhar com ela. Vale ressaltar que não há uma única definição para o termo, pois o campo de estudos sobre a imagem é múltiplo e bastante complexo.

O termo imagem é tão utilizado, com tantos tipos de significação sem vínculo aparente, que parece bem difícil dar uma definição simples dele, que recubra todos os seus empregos. (...) O mais impressionante é que, apesar da diversidade de significações da palavra, consigamos compreendê-la. Compreendemos que indica algo que, embora nem sempre remeta ao visível, toma alguns traços emprestados do visual e, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz ou reconhece. (JOLY, 2003, p. 13)

Assim, para iniciarmos nosso trabalho com as imagens presentes nas capas da *Nova Escola*, partimos da idéia defendida por Joly (op. cit.): apesar de nem sempre conseguirmos definir de forma simples o que é uma imagem, ainda assim conseguimos compreendê-la.

Permitimo-nos, neste momento, fazer uma analogia entre imagem e sentimentos, tais como o amor, a alegria e a tristeza. Não conseguimos definir de forma precisa o que significa amar, estar contente ou infeliz. Talvez os poetas até consigam, mas não há um consenso entre eles. Cada um expressa ao seu modo estes sentimentos. Ainda assim, quando alguém nos diz que está apaixonado, sabemos do que a pessoa está falando e até como ela está se sentindo. Acreditamos que o mesmo acontece com a imagem: cada um tem uma idéia a respeito. A criança pode pensar em um desenho, o artista plástico em uma pintura, o cinéfilo na cena de um filme, o publicitário em uma marca etc., mas todos somos

capazes de entender o significado da palavra imagem, ainda que nos expressemos de formas distintas.

As imagens, como nos mostra Manguel (2001), são elementos que envolvem nossa vida, fazem parte do nosso cotidiano e povoam nosso mundo, modificando e sendo modificadas pela maneira como as vemos.

As imagens que formam nosso mundo são símbolos, sinais, mensagens e alegorias. Ou talvez sejam apenas presenças vazias que completamos com o nosso desejo, experiência, questionamento e remorso. Qualquer que seja o caso, as imagens, assim como as palavras, são a matéria de que somos feitos. (Ibidem, p. 33)

A imagem também pode ser entendida como representação de um objeto - ser humano, paisagem, fenômeno físico - que significa e é sempre (re)significada por um indivíduo ou um grupo. Cada imagem traz no seu interior um conjunto de acontecimentos (re)velador de um certo aspecto da realidade construída por aquele que a (re)produz e (com)partilhada por quem vê a partir de experiências, idéias, fantasias pessoais e sociais próprias.

Quando falamos em imagem como representação, a compreendemos na perspectiva da História Cultural. Segundo Chartier (1990), a representação corresponde a uma interpretação do próprio real, por meio de uma construção simbólica produzida nas condições sócio-culturais em que os indivíduos se inserem.

A noção de representação permite compreender a relação dinâmica que articula a internalização pelos indivíduos das divisões do mundo social e a transformação destas pelas lutas simbólicas que têm por instrumento e risco as representações e as classificações dos outros ou de si mesmo. (CHARTIER, 2000, p. 08)

Neste capítulo, usaremos o termo *imagem* para referenciar aquelas presentes nas capas da revista *Nova Escola*, ou seja, as imagens produzidas pela mídia. Conforme Joly (op. cit. 14), o emprego contemporâneo do termo *imagem* remete, na maioria das vezes, à “imagem invasora, a imagem onipresente, aquela que se critica e que, ao mesmo tempo, faz parte da vida cotidiana de todos (...) sinônimo de televisão e publicidade.”

Após identificarmos o tipo de imagem com a qual estaremos trabalhando, buscamos autores que nos apresentam metodologias, se assim podemos chamar, para analisar essas imagens.

Peraya (1996, p. 502), para quem as imagens “não respondem nem às mesmas intenções de comunicação nem às mesmas finalidades sociais”, propõe dois tipos de análise das imagens, de acordo com a natureza das mesmas. Para as imagens resultantes de uma expressão individual, subjetiva, o autor sugere que se trabalhe baseado na distinção ‘denotação/conotação’; com as imagens de caráter informativo, instrumental, é necessário que se adote um procedimento de acordo com as técnicas de tratamento da informação.

Peraya (op. cit., p. 504) afirma que a leitura ‘denotativa/conotativa’ é mais interessante, pois permite, “evidenciar a diferença entre os processos descritivos e interpretativos que permitem a passagem da observação à análise, da compreensão à interpretação”.

Faria e Zanchetta (2002) também sugerem a combinação dessas duas leituras (denotativa/conotativa) para a análise de fotos jornalísticas.

(...) a *denotativa*, que é uma leitura mais neutra e suscita a observação de níveis elementares e fundamentais da imagem, como perceber, reconhecer, nomear, e a *conotativa*, quando interpretamos a foto e avaliamos intenções do fotógrafo e as do jornal que a publica. (Ibidem, p. 115)

Russo (1997) trabalha com a noção de ‘leitura de imagem’. Segundo a autora, esse processo envolve duas etapas marcantes: a descrição e a interpretação. A descrição se refere à enumeração de seus elementos formativos e a interpretação ao significado simbólico da imagem, atribuído pelo ‘leitor’.

Segundo Faria e Zanchetta (op. cit.), a idéia de ‘ler uma imagem’ pode nos causar um certo estranhamento devido ao grande peso do texto escrito em nossa formação como leitores. Entretanto, os autores afirmam que a imagem constitui um ‘texto visual’ que pode ser considerado uma escrita, e sua leitura deve ser feita por meio de uma ‘alfabetização’ específica.

Como para Menezes (1997, p. 25), que defende que ler imagens envolve um processo de aprendizagem, assim como a leitura de textos:

Não é imediata a percepção de que, da mesma forma que aprendemos a ler, devemos também aprender a ver. Como no processo de compreensão da linguagem escrita, também na linguagem visual vários níveis diferenciados de apreensão são possíveis perante uma mesma obra. Nossa compreensão do que vemos depende de nossa capacidade de perceber o que está incorporado na constituição de uma imagem, seus conceitos, referências – enfim, seu diálogo – para perceber a profundidade de suas implicações.

Roger Chartier (2001) nos alerta para o fato de que podemos utilizar o termo ‘ler imagens’ ou ‘leitura de imagens’ desde que sejamos capazes de compreender que a leitura de um texto pertence ao mundo das práticas discursivas, diferentemente da leitura de uma imagem, e exige cognitivamente esforços distintos daqueles que fazemos quando lemos um texto. A produção e a decifração da imagem são determinadas por lógicas que não são idênticas às aquelas que comandam as mesmas operações no caso do texto.

A idéia de “ler” uma imagem pode ser entendida como metáfora, mas sem esquecer que não é uma leitura, mas uma “leitura” organizada ou pensada conforme os mesmos procedimentos e as mesmas técnicas da leitura de um texto, mas com um objeto distinto. (Ibidem, p. 142)

Conforme Manguel (2001), não há um sistema coerente para ler imagens, similar aquele criado para ler textos, cuja maneira de ler está implícita no próprio código, nas palavras que deciframos.

Talvez, em contraste com um texto escrito no qual o significado dos signos deve ser estabelecido antes que eles possam ser gravados (...), o código que nos habilita a ler uma imagem, conquanto impregnado por nossos conhecimentos anteriores, é criado *após* a imagem se constituir – de um modo muito semelhante àquele com que criamos ou imaginamos significados para o mundo à nossa volta (...). (Ibidem, p. 32)

Optamos por trabalhar com a idéia de ‘leitura de imagem’ - metaforicamente, de acordo com Chartier (op. cit.) - enquanto processo de construção que possibilita um primeiro entendimento e evoca simultaneamente, a partir de um certo traço, da cor, dos gestos, uma nova significação. Essa leitura se dá na tensão entre a percepção primeiramente vista e a configuração recriada a partir, principalmente, da nossa imaginação. Como afirma Manguel (op. cit., p. 28), é a partir do nosso vocabulário que criamos uma ‘narrativa’ para essas imagens.

Construímos nossa narrativa por meio de ecos de outras narrativas, por meio da ilusão do auto-reflexo, por meio do conhecimento técnico e histórico, por meio da fofoca, dos devaneios, dos preconceitos, da iluminação, dos escrúpulos, da ingenuidade, da compaixão, do engenho. Nenhuma narrativa suscitada por uma imagem é definitiva ou exclusiva, e as medidas para aferir a sua justeza variam segundo as mesmas circunstâncias que dão origem à própria narrativa.

‘Ler imagens’ é sempre uma “produção de sentidos” singulares, como a leitura de qualquer outro objeto, mas talvez mais ‘fugidia’ do que as demais. Para Goulemot (1996, p. 108), ler é

dar um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas seqüências. Não é encontrar o sentido desejado pelo autor, o que implicaria que o prazer do texto se originasse na coincidência entre o sentido desejado e o sentido percebido (...). Ler é, portanto, constituir e não reconstituir um sentido.

Podemos então compreender as imagens presentes nas capas da *Nova Escola* como ‘narrativas’, pois elas nos ‘contam’ as histórias das personagens ali retratadas, suas atitudes e os espaços onde estão inseridas, bem como o tempo a que pertencem essas personagens. Além disso, a imagem carrega consigo o ponto de vista de alguém que escolheu essa perspectiva para dar a conhecer a cena ao ‘leitor’ e, este por sua vez, recria a ‘narrativa’, atribuindo sentidos variados a essas imagens ainda que a intenção de quem as criou seja delimitar determinados sentidos.

Entender a imagem enquanto uma ‘narrativa’ equivale a considerá-la como uma linguagem, como a expressão de algo, instauradora de um diálogo. É possível admitir que a imagem sempre constitui uma ‘narrativa para o outro’ e por isso é necessário, para compreender melhor essa imagem, buscar para quem ela foi produzida e com quais finalidades.

Assim, a leitura de imagens é sempre um exercício de experimentação, de formas de descobertas, de associação de uma imagem com outras. Imagens coletivas e individuais, segundo Goellner (1999, p. 1), “porque representativas de determinados valores sociais do tempo em que foram elaboradas e porque marcadas pelo olhar e pela história particular de quem as registrou/elaborou e de quem as viu/vê ou leu/lê”.

A relatividade do significado da imagem está em sua natureza *polissêmica*, ou seja, no fato de ela ter mais de um sentido, dela ser objeto de leituras múltiplas, em função dos diferentes públicos, de suas características sociais, religiosas, culturais etc.

Não devemos nos esquecer, porém, que a imagem da qual falamos - imagem de capa de revista - não nos é apresentada ‘solta’: ela está inserida em um suporte - a revista - e acompanhada por uma chamada, o que transforma seu sentido, da mesma maneira que ela também interfere na compreensão do texto escrito.

Com base nas afirmações de Costa (1992) relativas à fotografia de imprensa, podemos dizer que o processo geral de apreensão de uma capa se dá em três movimentos. Inicialmente, nosso olhar percorre a imagem, buscando uma inteligibilidade imediata; num segundo momento, lemos a chamada, a fim de completar nossa primeira percepção e, por fim, retornamos à imagem para concluir a interpretação da cena. Provavelmente, é nesse retorno que imagem e chamada passam a constituir uma unidade de sentido, dissolvendo-se o potencial significativo múltiplo da imagem, dirigida pela chamada.

Para Chartier (2000), é necessário distinguir os objetos que transmitem ao mesmo tempo textos verbais e imagens (livros ilustrados, jornais, revistas etc.) daqueles que são veículos apenas de uma ou outra linguagem (livros sem ilustração, quadros, filmes etc.), a fim de compreendermos como é pensada a relação entre imagens e textos.

São elas duas maneiras de comunicar com meios diferentes os mesmos enunciados? (...) Ou a imagem é considerada como algo que mostra num momento único, na simultaneidade, sincronicamente, os gestos que o texto verbal só pode apresentar na sucessão de sua ordem linear? (Ibidem, p. 12)

Temos que considerar, com base nas palavras de Chartier (op. cit.), que a capa é um ‘objeto’ que agrega ao mesmo tempo textos verbais e imagens, fator determinante na maneira de trabalharmos com este ‘objeto’. A capa deve ser pensada como um todo, não como a somatória de verbal e visual, nem como verbal separado do visual, mas como uma composição formada por ambas as linguagens, que se complementam, se cruzam e se distanciam. Segundo Gomes (op. cit., p. 56), é “essa coerência voltada às relações chamada/imagem que nos permite estender a noção de texto visual à noção de texto capa.”

Esse modo de trabalhar chamada e imagem como um ‘texto visual’ não implica em pensarmos que há uma relação de dependência entre elas, mas como afirma Mauad (2001, p. 159), “pensar ambas as formas comunicativas como textos autônomos que se entrecruzam na construção da textualidade”, atuando em colaboração para compor relatos, narrativas e registros de uma época.

A noção de texto, trabalhada por Mauad (op. cit., p. 163), é a que o considera como um “conceito misto, porque, além de ser um sistema de significação, é também uma realização comunicativa”. Assim, mais do que uma comunicação, o texto estabelece uma interlocução. Segundo a autora, um texto seria o resultado da coexistência de vários códigos e subcódigos, daí a possibilidade de se considerar imagens como textos.

Para Mauad (op. cit.), essa possibilidade é condição necessária para se operar com a idéia de “intertextualidade”, ou seja, a análise textual como prática social realizada sobre outra prática social. Segundo tal noção,

só é possível interpretar um texto a partir de uma série de textos precedentes, neste processo o receptor da mensagem a interpreta atualizando o significado emitido a partir de sua competência de receptor. Tal competência pressupõe uma experiência sociocultural, na qual os homens interagem na produção de variados textos sociais. (VILCHES apud MAUAD, op. cit., p. 164)

Com base no que foi até agora exposto, iniciamos a análise das cinco capas, buscando estabelecer relações na própria capa, relações entre capa e o interior do mesmo número e relações entre capas de números diferentes.

4.1.1. Uma nova formação para adaptar o ensino



A primeira capa selecionada para estudo corresponde ao exemplar nº 32, de agosto de 1989. Iniciamos nossa leitura tecendo algumas considerações sobre os aspectos convencionais de uma capa (título, disposição de texto e imagem etc.).

O fundo da capa é de cor branca. O título inicia-se na parte superior esquerda da revista. A palavra *NOVA*, escrita na cor amarela em Caixa Alta, aparece logo acima da letra *o* da palavra *Escola*, apresentada em Caixa Alta e Baixa, na cor verde, disposta de uma extremidade a outra da página. Sobre o *a* da palavra *Escola* há uma tarjeta, em diagonal, na cor amarela, na qual pode-se ler a seguinte chamada: “Alunos fazem aparelhos de Física na classe”. Logo abaixo do título da revista, encontra-se o subtítulo, seguido pelos respectivos ano e número de edição, mês e ano de publicação, e preço do exemplar: *Para professores do 1º. Grau – ano IV – nº 32 – agosto 1989 – NCz\$ 2,20*.

Ocupando quase toda a dimensão da capa, temos uma fotografia em grande plano geral¹⁴, no formato quadrangular, de uma paisagem: céu azul encoberto em alguns trechos por nuvens e o curso de um rio, entrecortado por pedaços de terra e vegetação. Um dos elementos básicos na expressividade de uma foto - a perspectiva¹⁵ - organiza as linhas predominantes da cena de modo a convergirem para um ponto no fundo da imagem, chamado *ponto de fuga*, conferindo à foto uma sensação de profundidade. Graças a esse efeito, temos a impressão de que céu e rio se encontram em algum ponto onde a vista não os alcança mais.

Sobre esta fotografia encontramos, no canto superior esquerdo, o logotipo¹⁶ da Fundação Victor Civita, responsável pela publicação da revista, e no canto inferior esquerdo, uma pequena fotografia em plano médio¹⁷, também no formato quadrangular, separada da primeira – a fotografia da paisagem – por uma ‘cercadura’¹⁸ branca. Nesta

¹⁴ Enquadramento geral da paisagem. Os planos são superfícies planas, perpendiculares ao eixo do olhar, que servem de ponto de referência espacial para situar seres e objetos mais ou menos longe, numa representação em perspectiva (...). (FOZZA apud FARIA e ZANCHETTA, 2002, p. 103)

¹⁵ Representação em um plano de objetos ou cenas tridimensionais, isto é, tal como se apresentam à vista humana. Representa graficamente os corpos no espaço, com variação proporcional do seu aspecto, conforme a posição que ocupam em relação ao observador e ao ângulo pelo qual são vistos. (FARIA e ZANCHETTA, 2002, p. 104)

¹⁶ Símbolo constituído por palavra ou grupo de letras, apresentadas em desenho característico, destinado a funcionar como elemento de identidade visual de uma empresa, de uma instituição, de um produto etc. (RABAÇA e BARBOSA, 1978, p. 287)

¹⁷ Focaliza essencialmente os personagens, de corpo inteiro.

¹⁸ Também conhecidas como boxes, são um recurso utilizado para destacar determinada matéria ou fotografia, contornando-a com filetes.

segunda fotografia há uma mulher de pele morena, vestida de maneira simples: camiseta branca, saia florida e chinelo nos pés. Segura em uma das mãos uma vassoura e na outra, um pequeno avião de brinquedo que parece ter sido construído com madeira. Ela está cercada por um grupo de meninos e meninas - aproximadamente 12 crianças - também vestidos de forma simples, alguns de chinelos, outros descalços. As crianças também carregam o que poderíamos tomar por brinquedos confeccionados com madeira. Não temos como saber ao certo o lugar em que está foto foi tirada: há apenas duas portas ao fundo. Talvez uma escola, uma casa antiga ou um barracão. No chão, há duas caixas: uma vazia, a outra com um material semelhante à palha.

Ao lado desta fotografia, encontra-se a chamada principal da revista: “ARAGUAIA. Leigos conquistam uma nova formação e adaptam o ensino à realidade local”. O texto está escrito na cor branca e a palavra “Araguaia” está sublinhada por uma risca amarela.

As palavras passam a ‘contaminar’ a ‘leitura’ da imagem, afetando as possibilidades de construção de sentidos: é muito provável que o rio mostrado na fotografia maior seja o rio Araguaia, localizado no estado do Mato Grosso. Também podemos supor que a mulher retratada na foto menor é um dos “leigos” ao qual o texto se refere e as crianças a sua volta, moradores da região, provavelmente alunos de escolas cujo ensino está se adaptando à “realidade local”.

Detendo-nos sobre a chamada, nos questionamos a respeito do significado da palavra “leigos”, empregada pela revista: seria utilizada no sentido de pessoas que desconhecem um determinado assunto? Ou referindo-se aqueles que não têm formação para trabalhar ou atuar em uma área específica? Mas se a palavra é empregada com este sentido, por que o “nova”? Se o indivíduo é leigo no sentido de que não possui formação, ele deixará de ser leigo a partir do momento que adquiri-la, então, não seria uma “nova formação”, mas simplesmente uma formação.

Podemos tomar esses “leigos” por pessoas que atuam na área educacional, já que a manchete afirma que eles “adaptam o ensino à realidade local”. Sendo assim, essas pessoas seriam consideradas leigas por não terem uma formação e ainda assim atuarem como professores. O “nova formação” talvez designe um curso que fuja dos padrões convencionais dos cursos de formação para professores. Por isso o “nova”: um novo tipo de formação voltado para as pessoas que têm que se adaptar à realidade de seus alunos.

E qual seria o sentido atribuído à palavra “conquistam” quando a manchete afirma que “leigos conquistam uma nova formação”? Ao consultarmos o dicionário (FERREIRA, 1993, p. 140), encontramos os seguintes significados para esta palavra: “1. Submeter pela força de armas; vencer. 2. Adquirir à força do trabalho; alcançar. 3. Granjear, ganhar (amor, simpatia etc.)”. Podemos, então, assumir que esta “nova formação” foi conquistada por meio de lutas, ainda que não armadas? Os “leigos” tiveram que trabalhar muito para consegui-la? Ou esta formação lhes foi dada?

Na tentativa de realizarmos um encadeamento de sentidos entre a relação texto-imagem, voltamo-nos para o interior da revista, mais especificamente, para os textos que possam também nos dizer sobre esta capa: o editorial e a reportagem que trata do assunto evidenciado pela manchete, a fim de buscarmos algumas proposições que corroborem a idéia central apresentada pelo enunciado da capa.

O editorial deste exemplar de *Nova Escola* (nº 32, 1989, p. 3) inicia-se da seguinte maneira:

Esta edição reúne reportagens sobre uma série de experiências criativas de educadores que – apesar da crônica falta de recursos de materiais – conseguem fazer do estudo das disciplinas e do convívio escolar algo que realmente interesse às crianças e lhes dê oportunidades de aprender de verdade. (grifo nosso)

Como esta edição traz uma “série de experiências criativas de educadores”, podemos supor que os “leigos” da manchete atuem como “educadores”. A manchete refere-se a uma das experiências educacionais apresentadas na revista, assim como a chamada na tarjeta: “Alunos fazem aparelhos de Física na classe”. O editorial continua:

(...) E, para delícia dos olhos e “refresco” do coração, nossa reportagem de capa mostrando a magia do médio Araguaia e a possibilidade de se fazer com professores leigos um trabalho de capacitação que os torne aptos a mudar a escola, aproximando-a da comunidade a que serve e das crianças que a freqüentam. (grifo nosso)

Não nos resta mais dúvidas de que o termo “leigo” é usado no sentido de não possuir formação para atuar em uma área específica. Os “leigos” são pessoas que desempenham as atividades de um professor, ainda que não tenham formação para tanto.

Ao lermos a reportagem de capa (NE, nº 32, 1989), podemos perceber que a palavra “conquistam” faz alusão ao grande esforço despendido pelos “leigos” para obter a “nova formação”. Conforme relatado nesta matéria, “um grupo de 160 professores rurais de

classes multisseriadas há dois anos não sabe o que é gozar de férias. Para eles, os meses de julho e janeiro significam, por opção própria, mais dedicação e trabalho” (Ibidem, p. 12). Nota-se, então, que esta formação não é algo fácil, que exige pouca dedicação. Pelo contrário: a revista descreve as diversas dificuldades enfrentadas por estes professores para “conquistarem” sua formação, como longas viagens para chegar ao local do curso, muitas vezes em caçambas de caminhões; trajeto por estradas ruins (intransitáveis no período de chuva); a ausência da família; os alojamentos precários nos quais estes professores permanecem nesse período.

A “nova formação” - anunciada na manchete - seria obtida através de um “trabalho de capacitação”, o que viria a confirmar a hipótese por nós levantada: a palavra “nova” designa uma formação obtida não pelos moldes tradicionais, como por exemplo um curso de magistério.

Esse “trabalho de capacitação”, segundo reportagem da revista, trata-se do *Projeto Inajá*, “um curso de habilitação de leigos, ministrado pela equipe do Núcleo Interdisciplinar para a Melhoria do Ensino de Ciências da Universidade de Campinas (Unicamp-SP), em convênio com o governo do Mato Grosso e quatro prefeituras” (Ibidem, p. 12).

Segundo a coordenadora do Projeto, o modelo curricular “diferencia-se de outros cursos de formação porque é baseado na construção do saber a partir do conhecimento e da experiência de cada um” (Ibidem, p. 14). Enfim, trata-se de um novo tipo de formação para professores, que poderá conferir aos “leigos” um certificado equivalente ao de conclusão do curso de Magistério.

Por sua vez, à medida que este curso é pensado e estruturado de acordo com a realidade local, tornará possível, para as pessoas que estão sendo formadas nessa nova dinâmica de ensino, “mudar a escola aproximando-a da comunidade a que serve e das crianças que a freqüentam” (Ibidem, p. 3). Propostas de ensino coerentes com a linha editorial e com o título da publicação.

Ao lermos a reportagem, também descobrimos que a mulher que aparece na foto menor da capa é Raimunda Batista Coelho Louzeiro, uma das “professoras leigas” que estão obtendo sua formação através do *Projeto Inajá*. A vassoura e os brinquedos que ela e as crianças estão segurando são feitos com tronco da palmeira buriti e palha de bacaba. Segundo informações da reportagem, ela “enriqueceu” suas aulas a partir do momento que

passou a aproveitar “todas as coisas que estão à sua volta” para ensinar tabuada: paus, sementes, pedras, folhas.

É interessante notar que o contraste causado pelo tamanho das duas imagens - o rio Araguaia sendo retratado em toda sua imensidão e beleza, enquanto a professora Raimunda e seus alunos ‘se espremem’ no canto da capa - dá relevo e dramaticidade à situação enfrentada pelos “leigos” que buscam uma formação. Poderíamos dizer que a capa, metaforicamente, ilustra ‘a luta do homem contra as forças da natureza’ e contra as condições econômicas e sociais adversas.

4.1.2. Português: pesquisar, escrever, ler...

EXEMPLAR DO ASSINANTE
P1246

NOVA

Escola


Para professores
do 1º Grau
ano VIII - nº 69
setembro de 1993
CR\$ 270,00



HISTÓRIA
Um curso que
mexe com a
iniciativa e a
imaginação

POLÊMICA
Uruguai
condena
ensino
oferecido
aos surdos

CÓLERA
Educação e
água podem
controlar a
epidemia

ED. FÍSICA
A pedagogia
das velhas
brincadeiras
de rua

PORTUGUÊS

Recursos que levam os alunos
a pesquisar, escrever, representar e ler
muito mais do que a escola exige

No exemplar nº 69, de setembro de 1993, temos uma capa com cor de fundo amarela. O título inicia-se na parte superior esquerda da revista. A palavra *NOVA*, escrita na cor preta em Caixa Alta, aparece logo acima da letra *o* da palavra *Escola*, apresentada na cor verde, em Caixa Alta e Baixa, disposta de uma extremidade a outra da página. Abaixo da letra *E* da palavra *Escola* encontra-se o logotipo da Fundação Victor Civita e, logo abaixo deste temos o subtítulo da publicação, seguido pelos respectivos ano e número de edição, mês e ano de publicação, e preço do exemplar: *Para professores do 1º. Grau – ano VIII – nº 69 – setembro de 1993 – CR\$ 270,00*.

A fotografia presente nesta capa é de formato retangular, localizada no centro da página, em plano geral¹⁹. Nela, são retratados em primeiro plano dois adolescentes: uma menina e um menino, sentados lado a lado. A menina, de pele morena e longos cabelos negros, veste uma camiseta azul claro de manga curta, com a gola em azul escuro. Na camiseta notamos um pequeno emblema, parecido com um símbolo de uma escola, o que nos leva a crer se tratar de um uniforme estudantil. O menino, também de pele morena e cabelos negros, veste o mesmo modelo de uniforme de sua colega. Eles estão em um ambiente fechado, mas não temos como saber ao certo se é uma sala de aula, uma sala de estudo ou uma biblioteca. A garota está datilografando em uma máquina de escrever e o rapaz segura um lápis sobre uma página de um livro aberto sobre a mesa de estudo.

Na mesa, além da máquina de escrever e do livro já mencionados, temos uma caixa de lápis coloridos espalhados, um caderno, dois livros de literatura e alguns outros exemplares empilhados. Ao fundo, atrás dos estudantes, encontram-se três prateleiras: na primeira, de cima para baixo, há vários livros de capa dura, parecidos com enciclopédias e obras clássicas; na segunda, além de livros, temos um ‘brinquedo’ e um globo terrestre; na terceira, temos outro globo terrestre, em tamanho menor, e mais livros. Em frente a estas prateleiras, aparentemente pendurado no teto da sala, há um violão.

Podemos, a princípio, fazer duas ‘leituras’ desta fotografia: a primeira de que ambos os jovens foram flagrados em um momento de estudo e, enquanto a menina continua com sua atividade, parecendo não se importar com a presença da ‘câmera’, o menino interrompe o que até então vinha fazendo para posar para o fotógrafo. Ele poderia estar estudando ou ditando as palavras do livro para a menina datilografar, e o lápis, apontando para uma

¹⁹ Focaliza os personagens dentro do local da ação e apresenta uma parte do cenário ou paisagem.

determinada linha da página do livro, serviria para marcar o ponto no qual o aluno havia parado sua leitura, o que facilitaria a retomada da mesma assim que a foto fosse tirada. Já em uma segunda ‘leitura’ pode-se afirmar que esta fotografia não registra um momento do cotidiano daquelas pessoas, mas é resultado de um ‘arranjo’ para simular uma situação de estudo: dois adolescentes vestidos para que se pareçam com estudantes; a menina ‘finge’ usar a máquina de escrever e o menino ‘finge’ ler.

Logo abaixo desta imagem temos a chamada principal da edição: “PORTUGUÊS. Recursos que levam os alunos a pesquisar, escrever, representar e ler muito mais do que a escola exige.” A palavra *PORTUGUÊS* está escrita na cor azul, em Caixa Alta, e a continuação da chamada aparece na cor preta, em Caixa Alta e Baixa. Dos lados esquerdo e direito da fotografia, em destaque menor, temos outras chamadas.

Iniciamos nossa análise nos perguntando a respeito do sentido dado pela revista à palavra “recurso”. Segundo o dicionário (FERREIRA, op. cit., p. 466), a palavra designa “1. Ato ou efeito de recorrer. 2. Auxílio, ajuda. 3. Meio para resolver um problema.”. Sendo assim, parece-nos que fazer com que os alunos pesquisem, escrevam, representem e leiam seria o “problema” e esses “recursos” seriam o “meio” para resolvê-lo.

Mas que “recursos” seriam esses aos quais a manchete faz referência? A partir da relação entre imagem e texto, podemos pressupor que são aqueles mostrados na fotografia: diferentes livros (de literatura, dicionários etc.), máquina de escrever, lápis coloridos, instrumentos musicais e até um globo terrestre.

Quando a revista afirma que esses “recursos” levam os alunos a “pesquisar, escrever, representar e ler muito mais do que a escola exige” nos fazemos as seguintes perguntas: Será que a escola exige pouco de seus alunos? Será que a escola está exigindo o mínimo que os alunos podem render e, com esses “recursos” é possível fazer com que os alunos rendam o máximo? Ou o que a escola está exigindo é o esperado dos alunos, e esses “recursos” melhorariam ainda mais o rendimento? Esse “ler muito mais do que a escola exige” seria em quantidade ou em diversidade?

Quanto à leitura dos alunos, seria de textos escolares ou de outros gêneros? Consultando a reportagem da capa (NE, nº 69, 1993, p. 8) no interior da revista, encontramos alguns exemplos das leituras realizadas e a frequência das mesmas:

É uma bela surpresa: alunos de 7^a. e 8^a. séries lendo Sófocles, Camus, Dostoievski, Maquiavel e James Joyce. Mais que isso: estimulados pelos comentários dos colegas sobre os livros que já leram, esses garotos estão devorando, a cada ano, 12 livros em média, além daqueles que são cobrados pela professora – mais dois a cada bimestre. (grifo nosso)

A expressão “bela surpresa” já indica uma exceção, ou seja, as leituras realizadas por esses alunos são diferentes das dos demais, dos de outras escolas. Segundo informações da mesma reportagem, os títulos indicados pela professora de português geralmente estão relacionados com algum interesse que ela viu despontar durante suas aulas. Ela indica livros de literatura brasileira, clássicos e também não censura nenhum tipo de leitura. Há uma cobrança (livros clássicos) e ao mesmo tempo uma certa liberdade (livros escolhidos) no trabalho de leitura desenvolvido pela professora com seus alunos.

Através da atividade de leitura, a professora promoveu sessões de discussão sobre o que era lido, organizou feiras de livros e incentivou a montagem de uma peça teatral. Os alunos escreveram o roteiro desta peça baseado em um livro que falava sobre os movimentos estudantis no período da ditadura, pesquisaram revistas e jornais antigos, assistiram a filmes de época e entrevistaram pessoas.

São diferentes as finalidades e os motivos pelos quais se lêem e, a partir da atividade proposta, a professora conseguiu que seus alunos “pesquisassem, escrevessem, representassem e lessem muito mais do que a escola exige”.

4.1.3. Material didático quase de graça



A terceira capa selecionada é a publicada no exemplar nº 93, de maio de 1996. O que dela podemos dizer? Como ela pode ser ‘lida’?

O título inicia-se na parte superior esquerda da revista. A palavra *nova*, escrita na posição vertical, em Caixa Baixa e na cor vermelha, aparece ao lado da letra *E* da palavra *ESCOLA*, escrita na horizontal, em Caixa Alta, ocupando toda a parte superior da capa. As letras da palavra *ESCOLA* são apresentadas em cores diferentes: o *E* em vermelho, o *S* em azul, o *C* em amarelo, o *O* em verde, o *L* em lilás e o *A* em vermelho, assim como o *E*. Acima do título, sobre as letras *S*, *C* e *O* da palavra *ESCOLA* temos o *slogan* da publicação: *A revista do ensino de primeiro grau*, e ao lado da letra *A*, o logotipo da Fundação Victor Civita. Logo abaixo do título, no canto direito, encontram-se as informações quanto ao ano e número de edição, mês e ano de publicação, e preço do exemplar: *ANO XI – Nº 93 – MAIO DE 1996 – R\$ 3,00*.

A imagem que estampa esta capa é de uma jovem mulher, fotografada em plano americano²⁰. Ela veste uma blusa branca de manga curta, um colete bege sobre a blusa e calça jeans. Usa como acessórios, um cinto de couro com detalhes em metal e um lenço vermelho amarrado ao pescoço. Os cabelos longos e soltos, levemente despenteados, enfatizam sua jovialidade. Carrega em seus braços algumas garrafas plásticas vazias. O sorriso ‘aberto’ transmite a sensação de felicidade, de contentamento. Seu olhar volta-se para um ‘balão de pensamento’²¹ onde se encontram alguns objetos plásticos, aparentemente feitos com garrafas descartáveis iguais às que a jovem tem em seus braços.

Logo abaixo do ‘balão de pensamento’, encontramos a chamada principal: “SUCATA. Crie o melhor material didático quase de graça”. A palavra *SUCATA* está escrita na cor verde e a continuação da manchete, em vermelho. Nesta capa há outras chamadas, que aparecem na seqüência, uma debaixo da outra, escritas em diferentes cores, assim como as letras da palavra *ESCOLA* do título da revista: azul, amarelo, lilás.

²⁰ Enquadramento dos personagens a meio corpo.

²¹ Recurso expressivo das histórias em quadrinhos, de formato ligeiramente retangular, circular etc., cujo interior encerra graficamente o texto de diálogos, idéias, pensamentos ou ruídos. Normalmente utilizado para indicar as falas dos personagens de histórias em quadrinhos ou de fotonovelas, o balão possui, num dos seus lados, uma protuberância que indica o lugar de procedência dos signos emitidos (lugar da emissão da locução ou cabeça da qual surgem os pensamentos representados por palavras ou imagens) (...). (RABAÇA e BARBOSA, 1978, p. 34)

O fundo da capa, em cor branca, destaca a foto da jovem mulher bem como as chamadas espalhadas pela página. A variação nas cores que compõem os títulos das chamadas parecem tornar a capa da revista mais atraente.

A partir da associação entre texto e imagem, pode-se deduzir que o material que a jovem carrega é a “Sucata” a que a manchete da revista se refere e que os objetos dentro do ‘balão de pensamento’ são os materiais didáticos criados com sucata.

Como *Nova Escola* é uma publicação destinada ao professor, conseqüentemente a sentença imperativa “Crie o melhor material didático quase de graça” é dada a ele. É o professor quem deve criar “o melhor material didático quase de graça”, a partir da “Sucata”, seguindo as orientações da revista.

Podemos dizer então, com base na manchete, que a publicação em questão considera que a partir da “Sucata” pode-se criar o “melhor material didático”? Por quê? Porque é “quase de graça”? Porque é o professor quem vai produzir esse material? Porque o professor pode envolver os alunos nesta atividade?

Considerando que a foto da capa faz alusão à chamada principal e que a revista é destinada aos professores, pode-se afirmar que a jovem mulher retratada é a representação de uma professora. Uma professora ‘politicamente correta’, que acaba de ter uma (boa) idéia sobre o que fazer com garrafas plásticas que, provavelmente, iriam para o lixo: reciclá-las e transformá-las em material didático.

Ao compararmos a “professora leiga” que estampa a capa da edição de agosto de 1989, com esta jovem que aparece na capa do exemplar de maio de 1996, encontramos diferentes representações de professores. Não é mais a professora de origem humilde, mas uma professora muito bem produzida; não é mais uma mulher, e sim uma jovem. Não é a foto de uma professora de “carne e osso” que estampa a capa, mas a de uma jovem que *representa* uma professora. A primeira está cercada por seus alunos; a segunda, por objetos.

A primeira professora pertence ao mundo não-urbano, rural, que propicia um maior contato com a natureza, da qual pode-se obter os materiais para trabalhar em sala de aula – folhas, gravetos etc.; a segunda professora pertence marcadamente ao mundo urbano, que consome refrigerantes e outros produtos industrializados, e para o qual o lixo é um problema, daí a sugestão da revista de usar esse “lixo” para criar o material didático.

Se buscarmos no interior da revista o nome dessa segunda professora, encontraremos o ‘como’, e não o ‘quem’. O ‘como’ está foto foi produzida, e não ‘quem’ é esta professora.

Capa: foto de J. Butsuen com produção de Wylma e Marília Campos Mello.
Camisa e calça: Levi’s Wonderfit; colete: Mixer; tênis: M 2000; Hair & Make up: Eric Wolfe. (NE, nº 93, 1996, p. 3)

A professora estampada nesta capa não tem mais a ‘verdade’ da professora Raimunda. A revista não conta mais seu nome nem a escola em que trabalha, mas o como se veste. Dizem de uma foto e de sua produção. Não são mais os alunos que agregam valor à professora, e sim a roupa, ou melhor, a etiqueta que veste.

O profissional que aparece estampado nesta edição é diferente daquele que encontramos na edição de 1989. Ele possui uma forma moderna de se apresentar (pelo seu modo de vestir, seu penteado e seus acessórios), distante do estereotipo da professora tradicional. O cenário da capa está fora do mundo escolar. Na produção da capa anterior há a menção da professora e da sua escola, em um certo espaço geográfico, importante de ser mencionado. Esses dados conferem legitimidade à foto. Identificam os sujeitos em seu tempo/espaço. Omite-se a produção enquanto etapa que certamente aconteceu antecedendo o momento do fotografar. Não podemos ingenuamente pensar que aquela foto traduziu um momento, um instante do cotidiano daquela professora e seus alunos. Ela foi planejada, concebida e produzida tendo em vista os propósitos maiores do assunto que estava ajudando a discutir. Busca fixar uma imagem e um ponto de vista para esse assunto. Na outra capa os tempos são outros, os propósitos também e os valores mais ainda. Busca-se uma outra subjetividade.

Podemos facilmente descolar esta imagem, presente na capa de uma revista pedagógica, e transportá-la para outro ambiente: o das revistas femininas. A foto, ao invés de ilustrar a *Nova Escola*, poderia estar estampando algumas das capas de revistas voltadas para o público feminino, como por exemplo: *Manequim* - revista de moda da editora Abril, que ensina a “fazer e usar moda” e contém informações sobre beleza, culinária, artesanato e decoração; *Manequim/Faça e Venda* - também da editora Abril, que ensina a leitora a fazer objetos artesanais; *Criativa* - revista da editora Globo, que apresenta dicas de lazer, informações, serviços e receitas.

Costa e Silveira (1998, p. 353), em seus estudos acerca da *Nova Escola*, justificam a semelhança também por elas observadas entre os dois veículos – revistas educacionais e revistas femininas:

Em primeiro lugar porque o magistério é hoje uma atividade quase totalmente feminizada, e uma revista que se dirija ao professorado estará voltada, necessariamente, a um contingente intensa e predominantemente composto por mulheres, podendo acionar mecanismos e políticas de representação similares ao utilizados pela imprensa feminina. Em segundo lugar, e associada a esta primeira justificativa, está a semelhança de estratégias de produção de subjetividades que são colocadas em prática nesses veículos.

Entre os pontos que aproximam esta capa de uma capa de uma revista feminina, temos o uso de sentença imperativa (“Crie o melhor material didático quase de graça”) e a opção pelo receituário. Segundo Costa e Silveira (op. cit., p. 371), “assim como as revistas femininas prescrevem, com o verbo conjugado no imperativo, fórmulas de beleza, elegância e bem viver, ou mesmo receitas de cozinha, a revista *Nova Escola* fornece receitas para as professoras e professores realizarem seu trabalho”. Os créditos²² da fotografia da capa, conforme mostrados anteriormente, também se assemelham aos encontrados em revistas femininas, tais como *Cláudia* e *Nova* – revistas estas distribuídas pela mesma editora de *Nova Escola*.

Enquanto na edição de 1989 é apresentada a experiência de uma professora que criou brinquedos com materiais do seu cotidiano, conseguindo, deste modo, enriquecer suas aulas, na edição de 1996 sugere-se ao professor que crie materiais didáticos e, conseqüentemente, que melhore suas aulas.

Em ambas as capas, o ato de ensinar é associado à idéia de ‘prazer’, de ‘diversão’; não é visto como algo monótono, principalmente porque valoriza os objetos presentes no cotidiano do aluno como instrumentos para aprendizagem.

²² Referência, numa publicação, ao autor de um texto, foto, desenho etc. Menção aos executores de atividades técnicas ou artísticas destinadas à produção de uma obra.

4.1.4. Lição de casa para motivar a garotada



A quarta capa escolhida para análise corresponde ao exemplar nº 122, de maio de 1999.

O título inicia-se na parte superior esquerda da revista. A palavra *nova*, escrita na posição vertical, em Caixa Baixa e na cor laranja, aparece ao lado da letra *E* da palavra *Escola*, apresentada também na cor laranja, escrita na horizontal, em Caixa Alta, ocupando toda a parte superior da capa. Acima do título, sobre as letras *E*, *S* e *C* da palavra *ESCOLA* temos o *slogan* da publicação: *A revista do ensino fundamental*, e sobre a letra *A*, o logotipo da Fundação Victor Civita. Logo abaixo do título, encontra-se o endereço eletrônico da revista, seguido pelos respectivos ano e número de edição, mês e ano de publicação, e preço do exemplar: *http://www.novaescola.com.br – ANO XIV – Nº 122 – MAIO DE 1999 – R\$ 1,80*.

Na parte inferior da revista temos uma tarja, na cor laranja, que se estende de um lado ao outro, dentro da qual temos uma chamada: “Um ótimo roteiro para aplicar a interdisciplinaridade”.

Ocupando toda a dimensão da capa, formando fundo para o título da revista, temos a fotografia, em plano geral, que ilustra a edição: uma menina, sentada em um caixote de madeira forrado com um pedaço de pano, tendo sobre o colo um livro didático, possivelmente de português, e na mão direita um lápis. Ela está com os cabelos presos e usa uma camiseta branca e uma calça de moletom preta. Está olhando diretamente para a câmera e esboça um leve sorriso. Ao seu lado há uma pequena mesa, coberta por uma toalha plástica de flores. Sobre esta mesa há uma caixa de giz, outros livros, um estojo escolar e um pequeno bicho de pelúcia. O cômodo no qual a menina se encontra é muito simples, feito de madeira. Na porta deste cômodo, que aparentemente dá fundo para um quintal, nota-se a presença de três aves, provavelmente dois patos e uma galinha.

No canto inferior direito é utilizado um recurso gráfico que fez com que a capa da revista se parecesse com a capa de um caderno: é como se a capa estivesse com uma ‘orelha’ (dobra), tornando possível vermos a página seguinte que, neste caso, é a folha de um caderno.

A chamada principal deste exemplar encontra-se dividida em duas partes, dispostas em lugares diferentes. Logo abaixo do endereço eletrônico da revista, lê-se a primeira parte, escrita na cor branca: “Lição de casa funciona?”. No canto inferior esquerdo temos a

continuação dessa chamada, escrita em tamanho menor, também na cor branca: “Sem dúvida. Veja como tirar bom proveito dessa ferramenta e, de quebra, motivar a garotada”.

A capa traz a foto de uma menina que, a partir da relação estabelecida entre texto-imagem, podemos pressupor estar fazendo sua “lição de casa”. Por ter um livro ao colo, é provável que a lição de casa seja feita neste livro. Um livro didático, quem sabe. A imagem força o texto a tornar-se mais explícito: como ela não responde a pergunta “Lição de casa funciona?”, a revista se encarrega de fornecer a resposta ao leitor, alongando-se na manchete: “Sem dúvida! Veja como tirar bom proveito dessa tradicional ferramenta e, de quebra, motivar a garotada”.

Ao elaborar uma pergunta e, simultaneamente, fornecer a resposta, a revista não possibilita ao leitor um tempo para refletir sobre o assunto. Não há o que se questionar sobre as vantagens e desvantagens da lição de casa, pois ela realmente funciona, e a revista vai mostrar como: “Veja como tirar bom proveito dessa tradicional ferramenta e, de quebra, motivar a garotada”. Ou seja: se você seguir as orientações da *Nova Escola*, ela – a lição de casa – sempre funcionará. Trata-se de uma falsa pergunta, é apenas retórica para se propor algo. Ela assume um aparente questionamento em relação a um discurso construído na escola sobre a lição de casa, vista como algo mecânico, cansativo para o aluno, pouco estimulante e que, muitas vezes, “não funciona”.

A forma coloquial do texto faz com que as idéias pareçam simples, cotidianas, frutos do bom senso. Assim, a revista ajuda a passar conceitos, cristalizar opiniões, tudo de um modo tão natural que praticamente não há como se opor ao ponto de vista estabelecido por ela.

Um dos aspectos que nos chama a atenção no cenário retratado pela capa é a presença de uma caixa de giz sobre a mesa. Por quê? Será que a menina gosta de ‘brincar de escolinha’, e utiliza o giz como brinquedo? Entretanto, não vemos nenhuma lousa próxima a ela. E por que uma caixa inteira de giz para brincar? Será que este giz é um dos materiais usados para cumprir os deveres de casa? Pouco provável. Acreditamos que *Nova Escola*, em suas capas, sempre esteja buscando uma aproximação com o espaço escolar (sala de aula, biblioteca, pátio etc.) e, nesta capa, o elemento ‘giz’ parece ser o elo entre escola e casa. Um objeto que nos faz lembrar que aquela revista é uma publicação destinada

aos que atuam em sala de aula e, ao mesmo tempo, deixa transparecer que a foto da capa trata-se de uma ‘montagem’.

Essa montagem também pode ser percebida em outros aspectos desta foto: a menina não só tem uma boa aparência (com roupas e cabelos arrumados), como possui diferentes materiais para estudo (livros, estojo), embora a casa seja bem simples e as acomodações improvisadas, como o ‘cantinho para estudos’, fato este que nos remete a uma idéia burguesa, de que toda menina quer um quarto só para si, um espaço que é só dela. Ela ‘finge’ estar escrevendo no livro.

Diante das diferentes críticas em relação às atividades propostas pelos livros didáticos - literais, pouco reflexivas - ele se mostra, na capa, como um importante recurso para que a lição de casa “funcione”.

O recurso gráfico que faz com que associemos a capa da revista a uma capa de caderno, não é apenas ilustrativo da manchete, uma vez que ao pensarmos em lição de casa automaticamente lembramos de um caderno. Mais que isso: esse recurso sugere ao professor-leitor que, para inteirar-se dos acontecimentos da sua área e melhorar suas aulas, ele deve fazer sua “lição de casa”: ler *Nova Escola*, e assim, conseguir “motivar a garotada”.

Quando nos voltamos para o interior da revista, para a leitura da reportagem que trata do assunto abordado pela manchete, descobrimos como o professor pode “tirar bom proveito dessa tradicional ferramenta e, de quebra, motivar a garotada”: a revista descreve algumas formas de se trabalhar com a lição de casa e fornece um roteiro passo a passo.

Além disso, sugere ao professor que conheça as condições que seus alunos têm em casa, para que não peça trabalhos que estejam fora das possibilidades destes. Luzia, a menina retratada na capa, recebeu a visita de sua professora, que sugeriu que fizesse com “caixotes de tomate” uma “escrivanhinha para guardar o material e fazer sua lição de casa” (NE, nº 122, 1999, p. 8).

4.1.5. Alfabetização: Cartilha X Cardápios

Logo: Fundação Victor Civita
Logo: Abril

RS 2,00 • PREÇO DE CUSTO • SEM FINS LUCRATIVOS • MARÇO DE 2004

WWW.NOVAESCOLA.COM.BR

A REVISTA DO PROFESSOR

NOVA escola

ALUNO NOVO
O que fazer para integrá-lo?

SURPRESA!
A magia de Chaplin num minipôster para você

FURTO NA ESCOLA
Como resolver esse problema tão delicado e tão comum

BOA IDÉIA
Um software que ensina a turma a pensar



MÁQUINA FOTOGRÁFICA DE LATA que tira fotos de verdade

ALFABETIZAÇÃO
PROFESSORA TROCA A CARTILHA POR RECEITAS, CARDÁPIOS E PLACAS E ALUNOS FINALMENTE APRENDEM A LER E ESCREVER



Exemplar de assinante
Venda proibida

Em um vilarejo praiense, no Maranhão, a professora nota 10. Kátia Correia, alfabetiza alunos com palavras do dia-a-dia da comunidade

No exemplar da *Nova Escola* nº 170, de março de 2004, assim como nos demais, o título da revista inicia-se na parte superior esquerda da capa. A palavra *NOVA*, escrita na posição vertical, na cor vermelha, em Caixa Alta, aparece sobre a letra *e* da palavra *escola*, apresentada na cor branca, escrita na horizontal, em Caixa Baixa, ocupando toda a parte superior da capa. Acima do título, sobre a letra *e* da palavra *escola* temos os logotipos da editora Abril e da Fundação Victor Civita, e sobre as letras *s*, *c* e *o* temos o *slogan* da publicação: *A revista do professor*. Título e *slogan* ganham destaque, sendo apresentados dentro de uma ‘faixa’ que vai de um extremo ao outro da capa. Acima desta ‘faixa’, encontram-se o preço do exemplar, mês e ano de publicação e o endereço eletrônico da revista: *R\$ 2,00 • Preço de custo • Sem fins lucrativos • Março de 2004* *www.novaescola.com.br*. Os respectivos número e ano de edição aparecem no canto inferior esquerdo da capa, em um pequeno ‘boxe’, juntamente com o código de barra da edição: *Nº 170 - ANO XIX*.

A capa apresenta a fotografia, em plano geral, de uma criança juntamente com uma mulher. A criança tem pele morena e veste uma camiseta cinza. A mulher, também de pele morena, usa um vestido marrom, de alcinhas, estampado com flores amarelas e azuladas. Ambas estão diante de um quadro negro que, devido à proximidade da ‘câmera’ no momento do ‘clic’, assume proporções aparentemente maiores do que seu tamanho original. Há uma caixa de giz coloridos na beirada do quadro. O cenário da fotografia apresenta o que poderíamos chamar de ‘elementos’ de uma sala de aula: professor, aluno, giz e quadro negro.

A criança, posicionada de costas para a ‘câmera’, tem seu braço direito levantado, próximo à lousa, e segura um giz branco, como se fosse escrever ou estivesse acabado de escrever algo. Na lousa há duas palavras escritas em giz: “AÇU” e, logo abaixo “AME_DO_”. É provável que seja a palavra “amendoim”, mas a mão da criança está cobrindo a letra ‘n’ e o braço da mulher está cobrindo as letras ‘i’ e ‘m’. A criança tem seu olhar voltado para a mulher, que está posicionada a seu lado, de perfil para a ‘câmera’. Ela - a mulher - aponta o indicador da mão direita para a palavra “AÇU”. Sua boca aberta transmite a sensação de movimento, como se estivesse falando algo ou lendo para a criança aquilo que está escrito na lousa. Esta, por sua vez, parece prestar atenção no que a mulher está falando.

Nota-se na foto, de cores predominantemente escuras, uma claridade maior do lado esquerdo, iluminando mais a criança e as palavras escritas na lousa do que a mulher ali retratada.

Sobre o vestido da mulher, escrita em letras muito pequenas, na cor branca, no lado inferior direito da capa, temos a seguinte legenda²³: “Em um vilarejo praiano, no Maranhão, a professora nota 10, Kátia Correia, alfabetiza alunos com palavras do dia-a-dia da comunidade”.

Abaixo do título da revista, no canto superior direito, encontra-se a chamada principal deste exemplar: “ALFABETIZAÇÃO. Professora troca a cartilha por receitas, cardápios e placas e alunos aprendem a ler e escrever”. A palavra “ALFABETIZAÇÃO” está escrita na cor amarela, em Caixa Alta, e a continuação da manchete, também escrita em Caixa Alta, na cor branca. A chamada principal, assim como as demais chamadas que aparecem na capa desta edição, estão dispostas sobre o quadro negro, dando-nos a sensação de que foram ali escritas. É como se as chamadas fossem anunciadas através deste quadro.

Acompanhando uma das chamadas que aparece neste quadro temos a fotografia, em tamanho reduzido, de um menino segurando uma “máquina fotográfica de lata, que tira fotos de verdade”, segundo informações da própria manchete.

A legenda não apenas confirma o que nos é dado a ‘ler’ pela imagem e pela chamada principal - a mulher ali retratada é uma professora - como nos esclarece que se trata de uma professora de “carne e osso”, já que nos informa seu nome - “Kátia” - e o local onde trabalha - “um vilarejo praiano do Maranhão”, reduzindo assim a *polissemia* desta imagem. Em síntese, a legenda explica e amplia a compreensão da foto, ajudando o ‘leitor’ a ‘ler’ esta foto, chamando sua atenção para detalhes significativos.

Através da legenda, tomamos conhecimento de que Kátia não é apenas mais uma professora dentre as inúmeras espalhadas pelo país, mas é uma “professora nota 10”. Mas por que Kátia é considerada uma professora nota 10? Por que “alfabetiza alunos com palavras do dia-a-dia da comunidade” em que trabalha?

²³ Texto breve que acompanha uma ilustração ou fotografia.

Enquanto leitoras de *Nova Escola* e conhecedoras da história da revista, temos nossa hipótese: Kátia provavelmente é uma das vencedoras do “Prêmio Victor Civita Professor Nota 10” que, segundo informações do site de publicidade da editora Abril²⁴ é

uma promoção da Fundação Victor Civita (...) que visa identificar, valorizar, disseminar e recompensar experiências de ensino/aprendizagem de boa qualidade. Está aberto a todos os professores em exercício, da Educação Infantil e da 1ª à 8ª série do Ensino Fundamental, de escolas públicas ou particulares, urbanas ou rurais. Tem caráter exclusivamente cultural, sem nenhuma modalidade de sorteio ou pagamento pelos concorrentes, nem é vinculado à aquisição ou ao uso de qualquer bem, direito ou serviço.

Ao buscarmos a confirmação de nossa hipótese no interior da revista, porém, não a encontramos. Apesar de, a todo momento, a reportagem se referir a Kátia como “professora nota 10” (Exemplo: “Usando materiais simples, professora nota 10 acabou com a repetência” - NE, nº 170, 2004, p. 4), em nenhuma passagem a revista faz menção ao Prêmio. Ainda assim, acreditamos que o “professora nota 10” tenha esta conotação.

Segundo informações fornecidas pela reportagem, Kátia passou a aproveitar os escritos disponíveis na comunidade praiana de Araçagi, onde leciona, para ensinar seus alunos a lerem e escreverem.

(...) os nomes de bares da praia, barcos, pratos dos cardápios, placas de carros e outdoors passaram a fazer parte das atividades propostas à turma. O material de trabalho incluía também parlendas, toadas de bumba-meu-boi, quadrinhas, adivinhações, trava-línguas, frases de pára-choques de caminhão e receitas de pratos típicos do litoral maranhense. (NE, nº 170, 2004, p. 48)

Na praia, espaço onde a professora costuma ensinar, a areia vira papel e o graveto serve de lápis para as crianças “filhas de empregadas domésticas, pescadores e barraqueiros que também trabalham na praia” (NE, nº 170, 2004, p. 47). Trabalhando dessa maneira, a “professora nota 10” percebeu que os resultados de seu trabalho melhoraram.

A professora Kátia, tanto no modo como é retratada - em seu cotidiano, juntamente com seus alunos - como na sua maneira de trabalhar - aproveitando materiais do dia-a-dia das crianças e valorizando a realidade da qual elas fazem parte - se aproxima de Raimunda, nossa professora de “carne e osso” da capa da edição de agosto de 1989.

²⁴ http://publicidade.abril.com.br/eventos/premio_victorcivita.shtml

Iniciamos a análise destas cinco capas fazendo uma descrição das mesmas, ressaltando o *Tema* (O que está sendo mostrado), o *Lugar* (Onde está acontecendo), os *Personagem(ns)* (Quem participa do evento) e a *Ação* (Como se dá o evento).

Podemos notar que apenas a terceira capa (1996) apresenta um ambiente ‘artificial’, distante de certa forma do espaço escolar. Ainda que o cenário da primeira (1989), da segunda (1993) e da quarta (1999) capas não sejam ambientes propriamente escolares como o retratado na quinta capa (2004), os objetos que compõem as cenas – materiais como cadernos, lápis, giz, livros – remetem-nos a um contexto educacional.

Alunos e professores são freqüentemente retratados nas capas da *Nova Escola*. A revista parece preferir apresentar esses personagens através de alunos e professores de “carne e osso” do que por meio de “representações”, talvez buscando uma maior identificação do público-leitor com o periódico. Esta opção tem se mantido ao longo dos anos de circulação da publicação.

Quanto às chamadas principais das cinco capas analisadas, todas seguem um mesmo padrão, ainda que a diagramação sofra alterações: temos uma palavra que se destaca (ARAGUAIA, PORTUGUÊS, SUCATA, LIÇÃO DE CASA, ALFABETIZAÇÃO), seguida por um breve texto que fornece maiores informações sobre o tema apresentado.

Segundo Faria e Zanchetta (2002), os impressos, em função da concorrência com outros meios, procuram tornar suas manchetes atraentes, unindo densidade de informação e originalidade. Para os autores há uma série de características que atuam como referencial para se compor essas manchetes; características estas que podemos observar também nas capas da *Nova Escola*.

- *Capacidade de síntese*: poucas palavras, informações contundentes e densas.
- *Frase na ordem direta*: primeiramente o sujeito, em seguida o verbo e depois um complemento.
- *Predominância de substantivos*: os substantivos tendem a tornar os fatos concretos, mais “visíveis” aos olhos do leitor, enquanto os adjetivos, por seu turno, convidam à suposição, a um desenho que poderá ser lido de maneiras diferentes e dispersas.
- *Verbos flexionados e no tempo presente*: a flexão garante certa dinâmica à informação, intensificando a idéia de ação; o tempo presente também contribui revestindo a informação de atualidade. (Ibidem, p. 13)

O destaque das chamadas para algumas notícias e menor atenção para outras também revela as tendências educacionais da revista.

As cinco capas podem ser aproximadas por trazerem sugestões e experiências para um Brasil não apenas urbano e de classe média, onde as regiões Sul e Sudeste estão sempre em evidência. A primeira capa (1989), relata uma “experiência criativa de educadores” da região Centro-Oeste do Brasil, enquanto a quarta (1999) e quinta (2004) capas mostram um trabalho com alunos de classes mais baixas. A segunda (1993) e terceira (1996) capas valorizam a utilização de recursos didáticos para a melhoria da aprendizagem.

Há, nesse conjunto, a idéia de ‘democratização do ensino’: todos têm acesso à educação, ainda que as condições variem de uma região para outra. Quando as condições não são tão favoráveis ao ensino, o professor pode reverter esse quadro, e usá-las em benefício dos alunos; basta saber (re)aproveitá-las. Para mudar/melhorar a escola, é necessário o esforço de cada um. Mesmo um “professor leigo”, com pouca instrução e poucos recursos, consegue “adaptar o ensino à realidade” e despertar o interesse dos alunos. Como já dizia a música: “Quem sabe faz a hora e não espera acontecer!”

Valoriza-se a aprendizagem através de experiências concretas: aprende-se com materiais simples, como “pedras e folhas” encontradas no lugar onde os alunos vivem; com livros de histórias, filmes e instrumentos musicais que fazem com que os alunos “pesquisem, escrevam, representem e leiam muito mais do que a escola exige”; com “sucatas” que são transformadas em materiais didáticos; com “caixotes de tomate” que servem como escrivaninha para os alunos fazerem a “lição de casa”; com “receitas, cardápios e placas” que substituem a cartilha no processo de alfabetização.

O ensino adaptado à realidade do aluno motiva, desperta o interesse, quebra a rotina. *Nova Escola* propõe como *novo* uma *escola* diferente da tradicional, que não seja cansativa, com um conteúdo abstrato, subjetivo, distante do aluno.

O tradicional, quando incorporado - tabuada, livro didático, lição de casa - também funciona desde que esteja vinculado a uma nova proposta de ensino. As experiências velhas podem ser utilizadas mas com novas abordagens. As leituras obrigatórias dos clássicos vêm acompanhadas das leituras escolhidas pelos alunos.

As capas transmitem uma mensagem de superação: do “professor leigo” que com muito sacrifício está conseguindo “conquistar” sua formação e, assim, melhorar suas aulas; dos professores que trabalham em escolas que não dispõem de materiais didáticos sofisticados e, com criatividade, transformam lixo no “melhor material didático”; da aluna

que, mesmo com poucas condições, consegue um ‘cantinho’ em sua modesta casa para se dedicar aos estudos; da professora que consegue melhorar a taxa de alfabetizados em um grupo de alunos de baixa-renda.

Se compararmos as capas da categoria “Experiências Educacionais”, ao longo dos anos, podemos notar que *Nova Escola* deixa de apenas relatar experiências educacionais de sucesso e passa a divulgá-las como ‘fórmulas’ para melhorar o ensino.

Talvez possamos considerar que as chamadas, de certa forma, indicam uma relação de poder daquele que detém o ‘saber constituído’ (no caso, o corpo editorial da revista) em face de um sujeito que precisa aperfeiçoar sua didática e atualizar-se - o professor.

As diferenças entre essas capas, como cor, formato e tratamento da imagem, disposição da manchete e colocação da fotografia, vão sendo absorvidas pelo olhar do ‘leitor’, adaptando-o a essas mudanças visuais, até chegar a modificações maiores como o tratamento de determinados assuntos pela revista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

(...) por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem.

Michel Foucault

Dedicar um trabalho à análise de capas de revista, de acordo com Silva (2003, p. 71), “gera um remetimento à importância da apresentação da revista em relação às matérias completas e elaboradas”, o que pode suscitar questionamentos diversos quanto à viabilidade de se conhecer o ciclo de vida de uma publicação - objetivo dessa pesquisa - excluindo-se a análise do conteúdo das seções que a compõem: editoriais, artigos, reportagens, entrevistas etc.

Cientes da parcialidade do ponto de vista por nós adotado, limitamo-nos ao estudo das capas da *Nova Escola* por acreditarmos que, a partir delas, temos condições de acompanhar as mudanças pelas quais a revista vem passando ao longo dos seus anos de existência, não apenas no que se refere ao seu projeto gráfico, mas também quanto ao seu projeto editorial, uma vez que os temas eleitos para estamparem as capas de uma publicação são indicativos da linha editorial assumida pelo periódico.

Considerando o discurso visual da revista no período estudado (1986-2004), podemos estabelecer três fases diferenciadas na trajetória de *Nova Escola*: na primeira fase, que tem início com o primeiro exemplar da publicação, em março de 1986 e estende-se até a edição de outubro de 1994, as capas seguem um mesmo padrão estético, apresentando poucas variações: título da revista escrito predominantemente nas cores verde e amarela e a imagem, que faz referência à chamada principal, é apresentada dentro de uma moldura, em formato quadrangular. A fotografia, durante esses anos, é preponderante em relação a outras linguagens visuais.

A segunda fase da publicação, que já começa a dar sinais no término de 1994 e ganha força no início de 1995, se estenderia até o final de 2002. Neste período *Nova Escola* passa por várias modificações gráficas, adotando uma ‘personalidade visual’ mais moderna, compatível com as demais publicações encontradas nas bancas de revista: diagramação

diversificada e grande variedade de imagens – fotos, ilustrações e desenhos de pessoas, de espaços escolares e de outros ambientes. Essas imagens passam a ocupar toda a dimensão da capa. A revista também passa a apresentar várias chamadas e não apenas uma, como nos anos anteriores.

Já na terceira fase, que tem início em 2003, os recursos de diagramação e a grande variedade de imagens continuam a serem utilizados, mas o título da revista ganha destaque: é apresentado sobre uma ‘faixa’, que vai de um extremo ao outro da capa, muitas vezes sobrepondo-se às imagens.

Ao organizarmos as capas em categorias, de acordo com suas respectivas chamadas, pudemos constatar que não há mudanças significativas nas escolhas dos temas focados pela *Nova Escola*, ainda que a maneira de mostrar determinados assuntos tenha passado por transformações: nota-se uma ênfase a alguns temas pela repetição e a adoção de um tom mais pragmático, principalmente, se aproximarmos as primeiras capas da categoria *Experiências Educacionais* das mais atuais.

Podemos constatar que as principais mudanças que ocorreram nas capas da revista *Nova Escola* se referem àquelas de caráter tipográfico, mais ligadas ao visual da publicação.

Entendendo que a capa, mais do qualquer outra parte de uma publicação, é pensada e elaborada para atrair o leitor, uma vez que seu principal propósito é o de convencer esse leitor-consumidor a levá-la para casa, podemos considerar que essas mudanças sofridas por *Nova Escola*, ao mesmo tempo em que são resultantes do surgimento de novos recursos gráficos e, assim, de novas possibilidades para se trabalhar a configuração das capas, por outro lado, também são orientadas por uma figura de leitor pressuposta, pois como afirma Chartier (1990, p. 123), “o leitor encontra-se, sempre, inscrito no texto”.

Para Chartier (op. cit., p.129), a intervenção editorial tem por objetivo adequar os textos à capacidade de leitura dos consumidores e este trabalho de adequação é “orientado pela representação que estes (os editores) têm das competências e das expectativas culturais de leitores.”

Considerando então que as transformações visuais nas capas de *Nova Escola* podem indicar pistas para melhor entender a construção de um leitor que se pretende alcançar, cabe-nos perguntar: será que o leitor da revista mudou ao longo desse período de

publicação e por isso ela sofre modificações no visual? Ou a revista muda, diante de um mercado cultural altamente competitivo, para conservar este leitor? As imagens presentes nas capas podem nos fornecer essas respostas? Através da análise das chamadas principais conseguimos alcançar este leitor?

Difícil responder essas questões, uma vez que trabalhar com a imprensa contemporânea enquanto fonte de pesquisa, como aponta Silva (op. cit., p. 71), envolve “encarar a simultaneidade de diversos códigos em um mesmo espaço. Convivem e dialogam entre si o texto escrito, a fotografia, o desenho, a diagramação, as cores e outros”.

Diante de tantos “códigos”, o que podemos dizer é que, visivelmente, há modificações entre as capas da *Nova Escola* produzidas no período de 1986 a 2004, e essas modificações evidenciam uma preocupação de seus editores com os leitores-consumidores da revista.

Reconhecer as mudanças tipográficas inscritas no visual das capas significa entender que novas significações são possíveis, além do horizonte de expectativas previstas, quer pelos leitores, quer pelos editores da publicação.

(...) se persistirmos em nos proibir de interpretar uma obra sob o pretexto de que não se tem certeza de que aquilo que compreendemos corresponde às intenções do autor, é melhor parar de ler ou contemplar qualquer imagem de imediato. (...) Interpretar uma mensagem, analisá-la, não consiste certamente em tentar encontrar ao máximo uma mensagem preexistente, mas em compreender o que essa mensagem, nessas circunstâncias, provoca de significações aqui e agora, ao mesmo tempo que se tenta separar o que é pessoal do que é coletivo. (JOLY, 2003, p. 44)

Assim, nossa leitura precisa ser relativizada como sendo uma, entre diversas outras leituras possíveis. É uma leitura realizada de um modo que não foi previsto pelos editores da revista: a de ver, rever e ver de novo um mesmo exemplar, de comparar, de confrontar, de aproximar as edições pertencente a tempos diferentes, em um mesmo espaço. Uma leitura exigente e minuciosa, de um leitor que ao invés de ler a revista em consonância com as intenções da publicação - “fornecer à professora informações necessárias a um melhor desempenho do seu trabalho” - busca contradições e, nessa busca, realiza uma outra apropriação.

Uma leitura que, juntamente com outras feitas por uma comunidade de leitores-acadêmicos, vem tomando os periódicos, e entre eles a *Nova Escola*, como objeto e fonte de conhecimento da história da educação, da escola, do professor brasileiro.

Leituras como estas, ainda que não previstas pelos editores, ainda que sempre lacunares e limitadas, porque complexas, podem orientar reflexões e novas compreensões quanto a importância que as informações divulgadas e dirigidas a uma categoria específica por essas publicações, vêm assumindo na formação dos professores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ANPED. Banco de Teses, Dissertações e Artigos de Periódicos. São Paulo, 1997. CD-ROM. 2^a. edição.

ANPED. Banco de Teses, Dissertações e Artigos de Periódicos. São Paulo, 1999. CD-ROM. 3^a. edição.

BARZOTTO, Valdir Heitor. **Leitura de revistas periódicas:** forma, texto e discurso. 1998. Tese (Doutorado em Lingüística) - Instituto de Letras e Lingüística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP.

BASTOS, Maria Helena Camara. Apêndice – A Imprensa Periódica Educacional no Brasil: de 1808 a 1944. In: CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (Orgs.). **Educação em revista:** a imprensa periódica e a história da educação. 1^a. reimpressão. São Paulo: Escrituras Editora, 2002a. p. 173-187.

BASTOS, Maria Helena Camara. As Revistas Pedagógicas e a Atualização do Professor: A *Revista do Ensino do Rio Grande do Sul* (1951-1992). In: CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (Orgs.). **Educação em revista:** a imprensa periódica e a história da educação. 1^a. reimpressão. São Paulo: Escrituras Editora, 2002b. p. 47-75.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASPARD, Pierre; CASPARD, Penélope. Imprensa Pedagógica e Formação Contínua de Professores Primários (1815-1939). In: CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (Orgs.). **Educação em revista:** a imprensa periódica e a história da educação. 1^a. reimpressão. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 33-46.

CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Camara. Apresentação. In: CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (Orgs.). **Educação em revista:** a imprensa periódica e a história da educação. 1^a. reimpressão. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 05-10.

CATANI, Denice Barbara et al. A Profissionalização e as Práticas de Organização dos Professores: Estudos a partir da Imprensa Periódica Educacional. In: CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (Orgs.). **Educação em revista:** a imprensa periódica e a história da educação. 1^a. reimpressão. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 77-91.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CHARTIER, Roger. **Cultura Escrita, Literatura e História:** conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

CHARTIER, Roger. Entrevista. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 6, n. 31, p. 5-15, jan./fev. 2000.

COLLARO, Antonio Celso. **Projeto Gráfico**: teoria e prática da diagramação. 4^a. edição. São Paulo: Summus, 2000.

COSTA, Helouise. **Aprenda a ver as coisas**. Fotojornalismo e Modernidade na revista *O CRUZEIRO*. 1992. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A revista *Nova Escola* e a constituição de identidades femininas. In: BRUSCHINI, C.; HOLLANDA, H. B. (Orgs.). **Horizontes plurais**: novos estudos de gênero no Brasil. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998. p. 343-378.

DE LUCA, Tania Regina. **A Revista do Brasil**: um diagnóstico para a (N)ação. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

EDITORA ABRIL. **A Revista no Brasil**. São Paulo: Abril, 2000.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA, Juvenal. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. 3^a. edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **A pesquisa sobre leitura no Brasil**: 1980 – 1995. Campinas, SP: Komedi: Arte Escrita, 2001.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Índícios de uma retórica: o suporte, a base material e os textos nas revistas pedagógicas. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 169-183, jul./dez. 1999a.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Revistas pedagógicas: Qual é a identidade do impresso? In: BATISTA, A. A. G.; GALVÃO, A. M. O. (Orgs.). **Leitura: práticas, impressos, letramentos**. 2^a. edição. Belo Horizonte: Autêntica, 1999b. p. 99-118.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na Revista Educação Physica. 1999. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Um texto Icônico-Verbal por semana**: vendo/lendo capas de Veja. 1992. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, R. (org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p.107-116.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 6^a. edição. Campinas, SP: Papirus, 2003.

KLEIN, Lígia Regina. **Alfabetização: quem tem medo de ensinar?** São Paulo: Cortez, 1996.

LAGOA, Ana Maria. **A representação da professora na revista *Nova Escola***. 1998a. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LAGÔA, Ana Maria. Jornalismo educativo: cenas de um casamento. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 4, n. 19, p. 31-37, jan./fev. 1998b.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. (O que você precisa saber sobre...)

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1920)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MARZOLA, Norma. Os sentidos da alfabetização na revista *Nova Escola*. In: COSTA, M. V. (Org.). **Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...**Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 93-115.

MAUAD, Ana Maria. Fragmentos de Memória: oralidade e visualidade na construção das trajetórias familiares. **Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**, São Paulo, n. 22, p. 157-169, jun. 2001.

MENEZES, Paulo Roberto Arruda de. **A Trama das Imagens: Manifestos e Pinturas no Começo do Século XX**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: o caso da Editora Abril**. 1997. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da alfabetização** (São Paulo/1876-1994). São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em *Veja* e *Manchete***. São Paulo: Annablume, 2002.

NOVA ESCOLA. São Paulo: Fundação Victor Civita, 1986-2004.

NÓVOA, António. A Imprensa de Educação e Ensino: concepção e organização do *repertório* português. In: CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (Orgs.). **Educação em revista:** a imprensa periódica e a história da educação. 1^a. reimpressão. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 11-31.

PEDROSO, Leda Aparecida. **A Revista Nova Escola:** política educacional na “Nova República”. 1999. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP.

PERAYA, Daniel. Ler uma imagem. **Educação & Sociedade**, Campinas-SP, Ano XVII, n. 56, p. 502-505, dez. 1996.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação.** Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

ROCHA, Cristianne Famer. O espaço escolar em revista. In: COSTA, M. V. (Org.). **Estudos Culturais em Educação:** mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 117-142.

ROSENBERG, Lia et al. Publicações para o professor: Um estudo de caso. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 30, p. 57-64, set. 1979.

RUSSO, Silvia Regina. **Lendo imagens:** a leitura das ilustrações dos livros infantis realizada por crianças de 5 anos. 1997. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista.** São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, Ana Cristina Teodoro da. **O tempo e as imagens de mídia:** capas de revistas como signos de um olhar contemporâneo. 2003. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis.

Site Comemorativo aos 50 anos da Editora Abril. Disponível em: <<http://www.abril.com.br/institucional/50anos/educacao.html>>. Acesso em: 05 jun. 2005.

Site da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Disponível em: <<http://www.anped.org.br>>. Acesso em: 10 jul. 2005.

Site de Publicidade da Editora Abril. Disponível em: <<http://publicidade.abril.com.br/index.shtml>>. Acesso em: 05 jun. 2005.

Site de Publicidade da revista *Nova Escola*. Disponível em: <<http://publicidade.abril.com.br/homes.php?MARCA=34>>. Acesso em: 06 jun. 2005.

VIEIRA, Martha Lourenço. **Construtivismo: a prática de uma metáfora** - forma/conteúdo do construtivismo em *Nova Escola*. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

VIEIRA, Martha Lourenço. O trabalho do autor na construção do leitor na revista *Nova Escola*. In: MARINHO, M.; SILVA, C. S. R. (Orgs.). **Leituras do professor**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. p. 121-140.

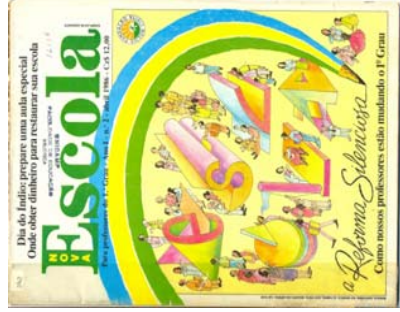
ANEXO

AS CAPAS DA REVISTA *NOVA ESCOLA*: 1986 – 2004

NOVA ESCOLA – 1986



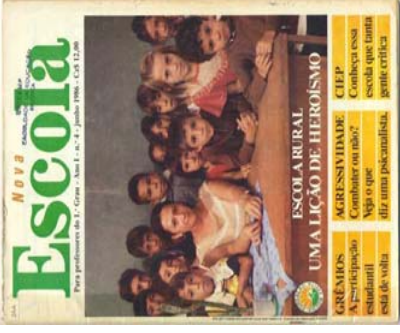
MARÇO



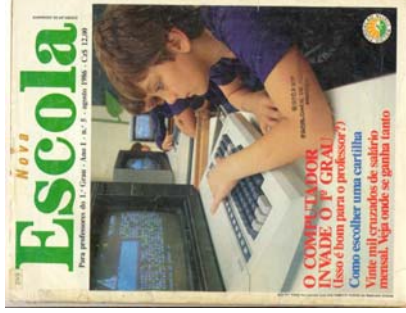
ABRIL



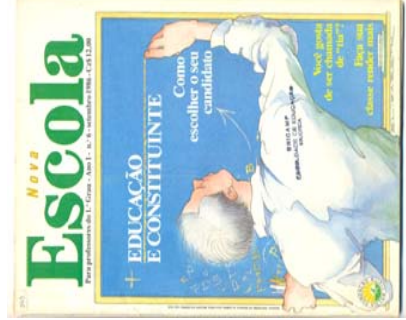
MAIO



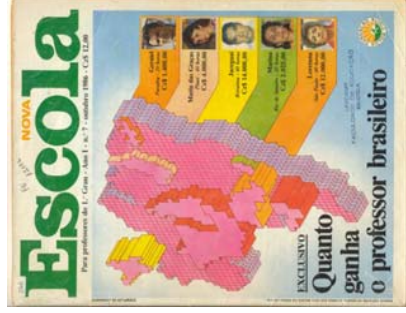
JUNHO



AGOSTO



SETEMBRO



OUTUBRO



NOVEMBRO



DEZEMBRO

NOVA ESCOLA – 1987

Exemplar não disponível na Biblioteca “Prof. Joel Martins”

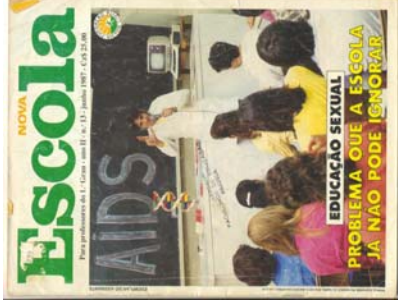


MARÇO

ABRIL

MAIO

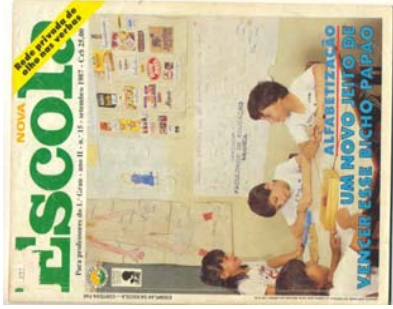
Exemplar não disponível na Biblioteca “Prof. Joel Martins”



JUNHO



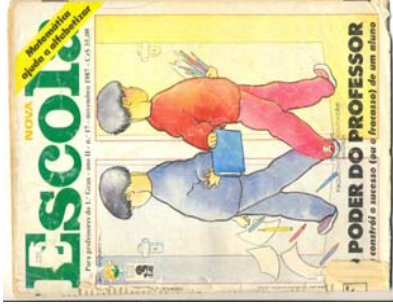
AGOSTO



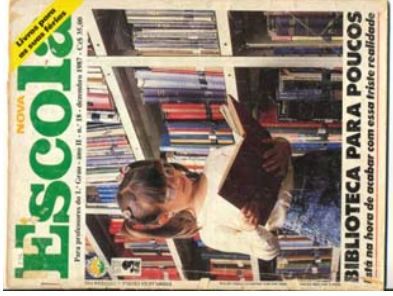
SETEMBRO



OUTUBRO

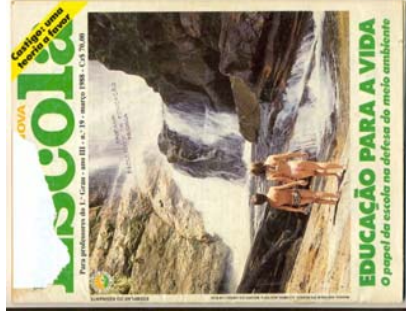


NOVEMBRO



DEZEMBRO

NOVA ESCOLA – 1988



MARÇO



ABRIL

Exemplar não disponível na Biblioteca “Prof. Joel Martins”

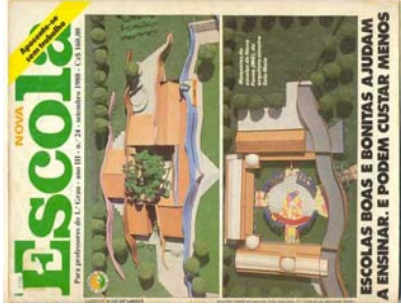
MAIO



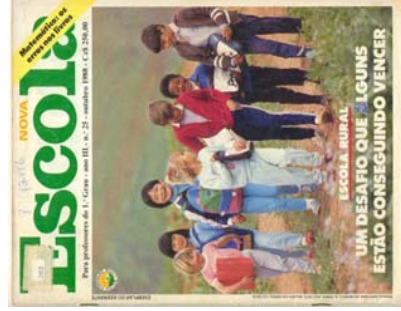
JUNHO



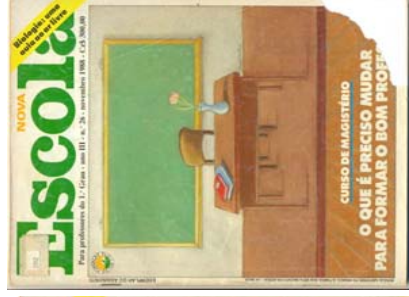
AGOSTO



SETEMBRO



OUTUBRO



NOVEMBRO

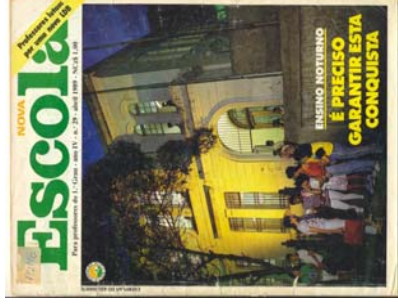


DEZEMBRO

NOVA ESCOLA – 1989



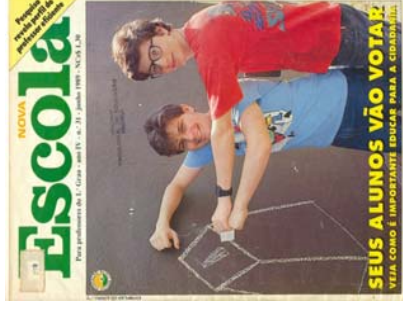
MARÇO



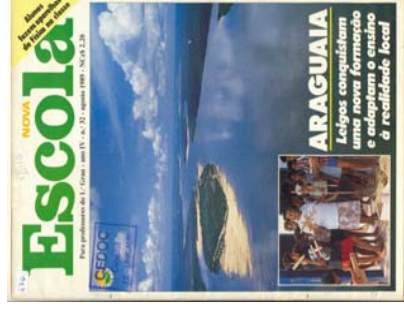
ABRIL



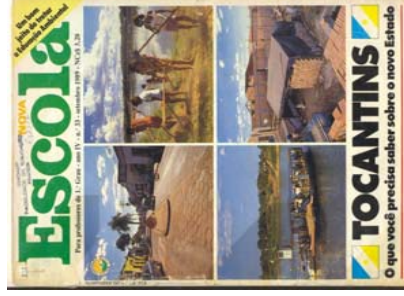
MAIO



JUNHO



AGOSTO



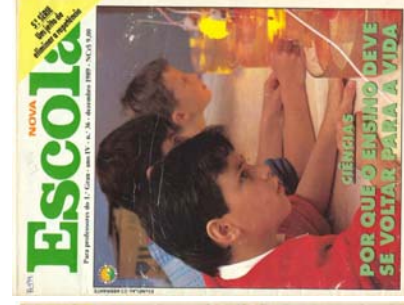
SETEMBRO



OUTUBRO

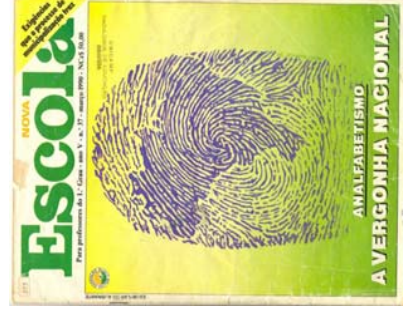


NOVEMBRO

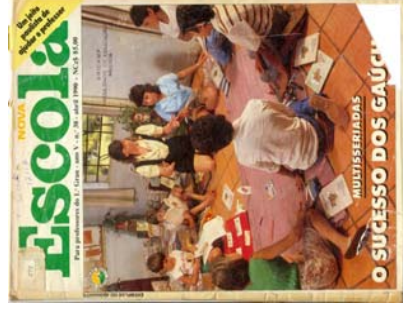


DEZEMBRO

NOVA ESCOLA – 1990



MARÇO



ABRIL

Exemplar não disponível na Biblioteca “Prof. Joel Martins”

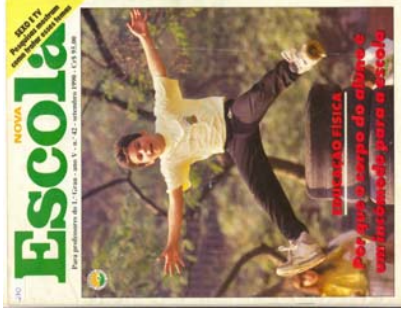
MAIO



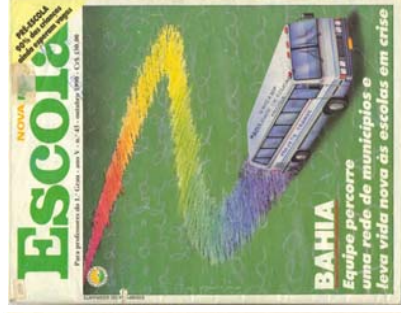
JUNHO



AGOSTO



SETEMBRO



OUTUBRO



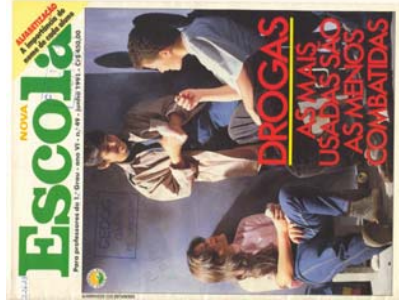
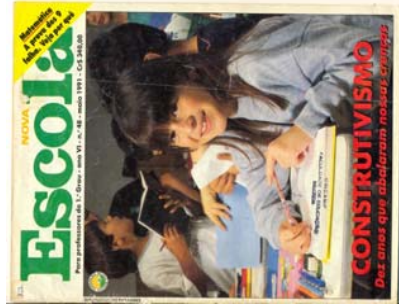
NOVEMBRO



DEZEMBRO

NOVA ESCOLA – 1991

Exemplar não disponível na Biblioteca “Prof. Joel Martins”



MARÇO

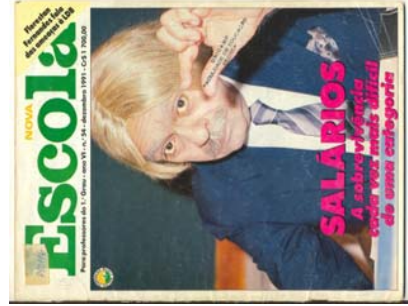
ABRIL

MAIO

JUNHO



Exemplar não disponível na Biblioteca “Prof. Joel Martins”



AGOSTO

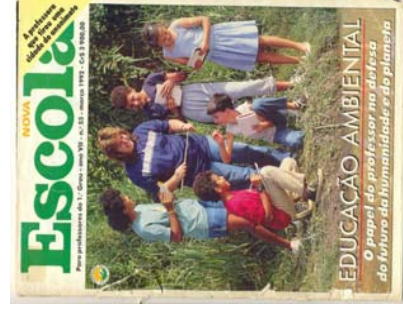
SETEMBRO

OUTUBRO

NOVEMBRO

DEZEMBRO

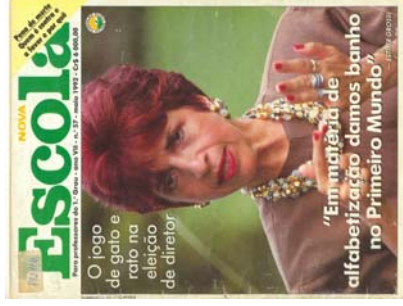
NOVA ESCOLA – 1992



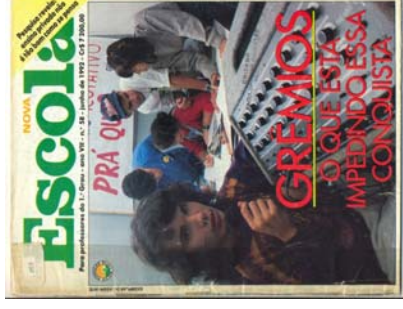
MARÇO



ABRIL



MAIO



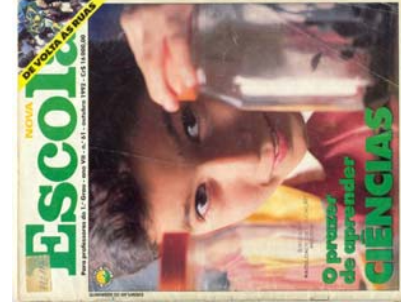
JUNHO



AGOSTO



SETEMBRO



OUTUBRO



NOVEMBRO

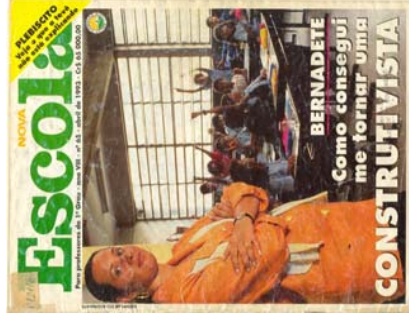


DEZEMBRO

NOVA ESCOLA – 1993



MARÇO



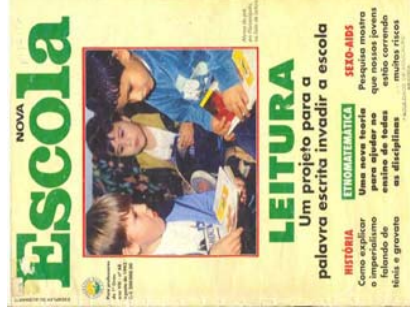
ABRIL



MAIO



JUNHO



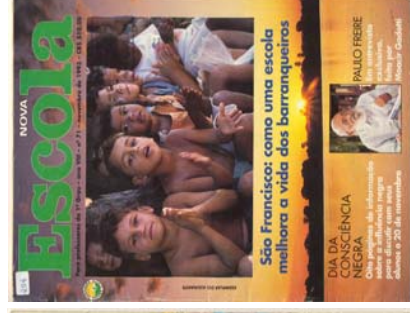
AGOSTO



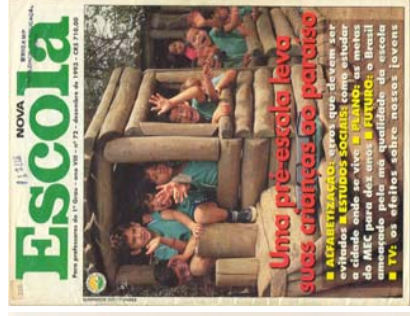
SETEMBRO



OUTUBRO

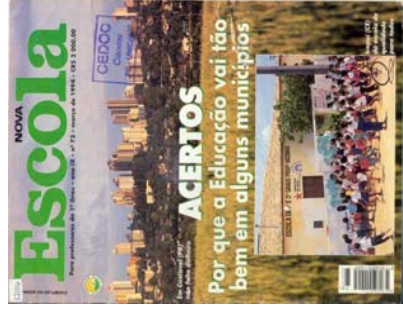


NOVEMBRO



DEZEMBRO

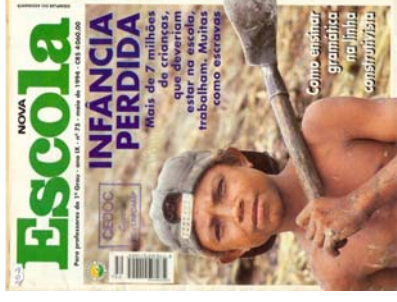
NOVA ESCOLA – 1994



MARÇO



ABRIL



MAIO



JUNHO



AGOSTO



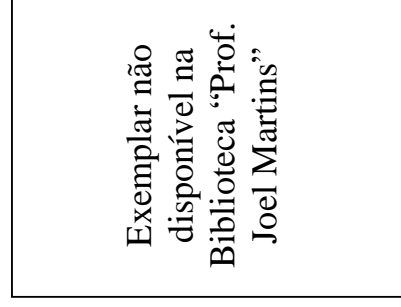
SETEMBRO



OUTUBRO



NOVEMBRO



DEZEMBRO

NOVA ESCOLA – 1995



MARÇO



ABRIL



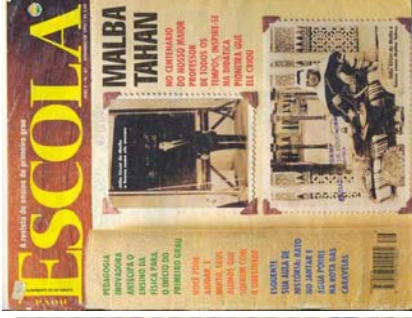
MAIO



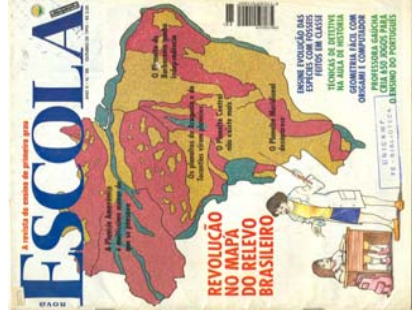
JUNHO



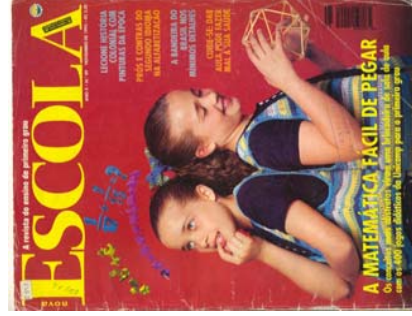
AGOSTO



SETEMBRO



OUTUBRO

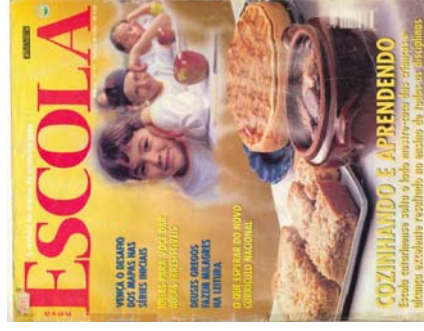


NOVEMBRO

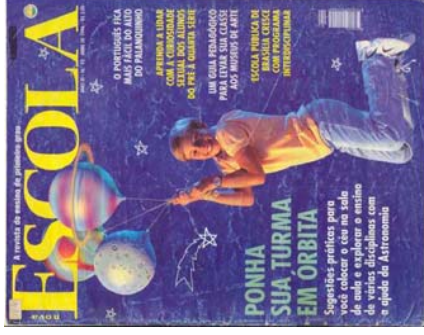


DEZEMBRO

NOVA ESCOLA - 1996



MARÇO



ABRIL



MAIO



JOHN



AGOSTO

**SETTEMBRO**

OUTUBRO



NOVEMBRO

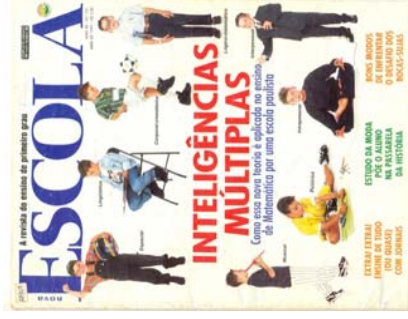


DEZEMBRO

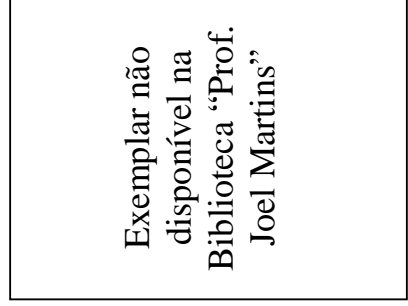
NOVA ESCOLA – 1997



MARÇO



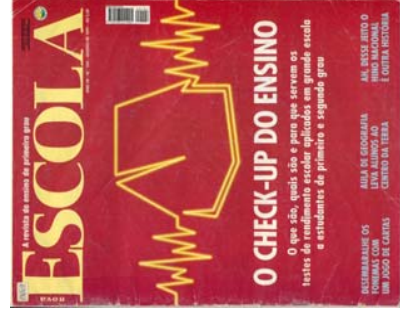
ABRIL



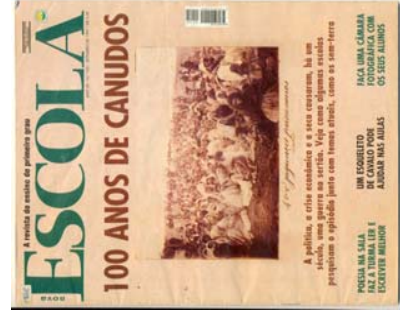
MAIO



JUNHO



AGOSTO



SETEMBRO



OUTUBRO



NOVEMBRO



DEZEMBRO

NOVA ESCOLA – 1998



FEVEREIRO



MARÇO



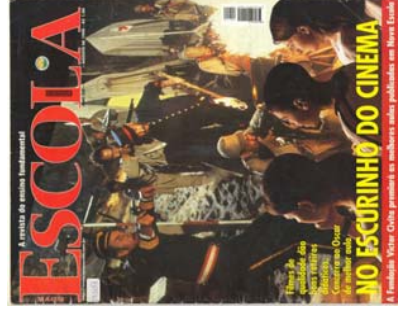
MAIO



JUNHO

Exemplar não disponível na Biblioteca “Prof. Joel Martins”

ABRIL



AGOSTO



SETEMBRO



OUTUBRO



NOVEMBRO



DEZEMBRO

NOVA ESCOLA – 1999

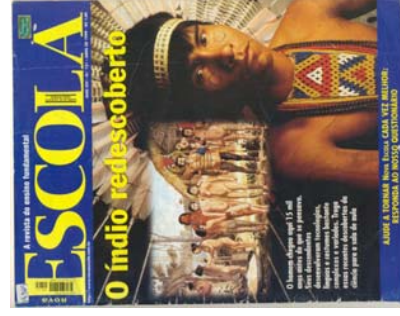


Exemplar não
disponível na
Biblioteca
“Prof. Joel
Martins”

FEVEREIRO

MARÇO

ABRIL



JUNHO



MAIO



AGOSTO

SETEMBRO

OUTUBRO



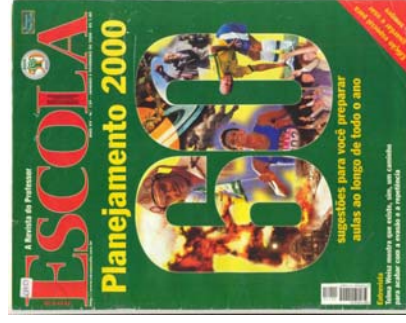
NOVEMBRO



DEZEMBRO



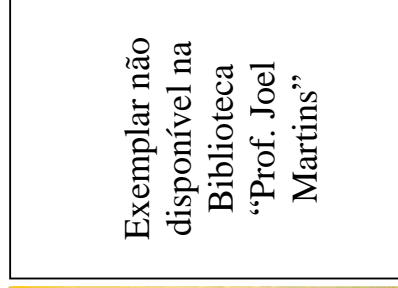
NOVA ESCOLA – 2000



JAN/FEV



MARÇO



ABRIL



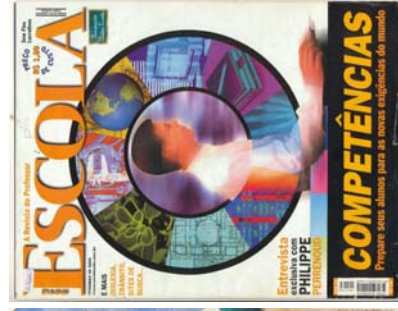
MAIO



JUN/JUL



AGOSTO



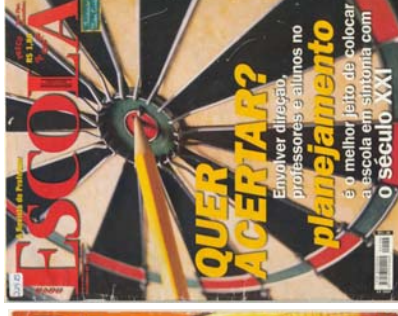
SETEMBRO



OUTUBRO



NOVEMBRO

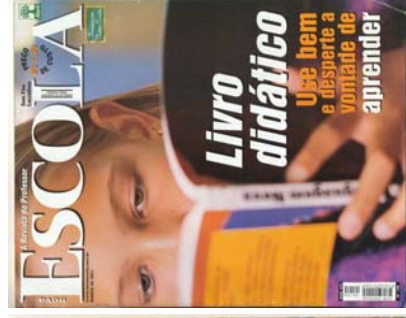


DEZEMBRO

NOVA ESCOLA – 2001



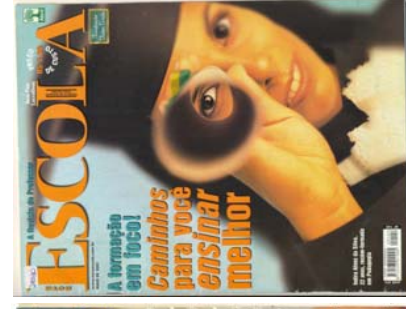
JAN/FEV



MARÇO



ABRIL



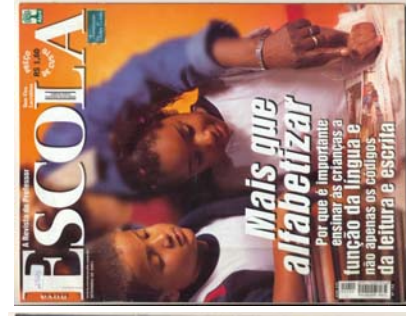
MAIO



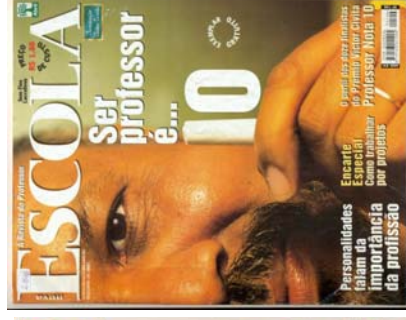
JUN/JUL



AGOSTO



SETEMBRO



OUTUBRO



NOVEMBRO



DEZEMBRO

NOVA ESCOLA – 2002

					JAN/FEV	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUN/JUL
<div>Exemplar não disponível na Biblioteca “Prof. Joel Martins”</div>					AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO

NOVA ESCOLA – 2003



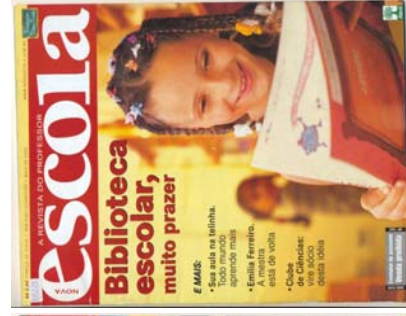
JAN/FEV



MARÇO



ABRIL



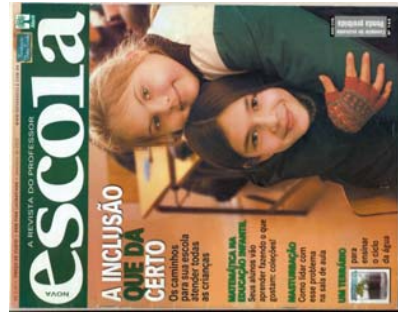
MAIO



JUN/JUL



AGOSTO



SETEMBRO



OUTUBRO



NOVEMBRO



DEZEMBRO

NOVA ESCOLA – 2004

					JAN/FEV	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUN/JUL
<div>Exemplar não disponível na Biblioteca “Prof. Joel Martins”</div>					AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO